



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CLARA MAKI INABA

LESBIANIDADE:
FEMINILIDADE(S) À VISÃO DO TESTE DE APERCEPÇÃO
TEMÁTICA (TAT)

CLARA MAKI INABA

LESBIANIDADE:
FEMINILIDADE(S) À VISÃO DO TESTE DE APERCEPÇÃO
TEMÁTICA (TAT)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina em nível de Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha 1 – Avaliação Psicológica e Processos Clínicos.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Koich Miguel

Londrina
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

C591 Inaba, Clara.
Lesbianidade : Feminilidade(s) à visão do teste de apercepção temática (tat) / Clara Inaba. - Londrina, 2019.
133 f.

Orientador: Fabiano Miguel.
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2019.
Inclui bibliografia.

1. Lesbianidade - Tese. 2. Feminilidade - Tese. 3. Teste de Apercepção Temática - Tese. 4. Técnicas projetivas - Tese. I. Miguel, Fabiano. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU 159.9

CLARA MAKI INABA

**LESBIANIDADE:
FEMINILIDADE(S) À VISÃO DO TESTE DE APERCEPÇÃO TEMÁTICA
(TAT)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Londrina em nível de Mestrado, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha 1 – Avaliação Psicológica e Processos Clínicos.

BANCA EXAMINADORA



Orientador: Prof. Dr. Fabiano Koich Miguel
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof^aDr^a. Katya Luciane de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Alessandro Antonio Scaduto
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Londrina, 12 de Dezembro de 2019.

A todas as mulheres lésbicas, com as quais
compartilho o orgulho e a resistência.

AGRADECIMENTOS

A experiência do processo de Mestrado promoveu em mim efeitos que são intraduzíveis, muitas pessoas participaram desta trajetória, direta e indiretamente, e é um prazer registrar minha gratidão a elas.

Agradeço imensamente ao meu orientador, professor Fabiano, por toda atenção, conhecimento, paciência, apoio, interesse e amizade. Por ter acolhido minha pesquisa desde o início e em mim ter depositado sua confiança, pela liberdade que me permitiu ter em todas as etapas e aspectos deste percurso, sempre me guiando para que eu voasse em segurança e tivesse um porto seguro para retornar, mas nunca me podendo de ter sonhos maiores.

Agradeço às queridas professoras Katya Luciane de Oliveira, Maíra Bonafé Sei e Sônia Mansano, com as quais tive contato pela primeira vez na graduação e reconheço o privilégio em ser aluna delas novamente, no mestrado. Cultivo por cada uma o sentimento enorme de carinho e admiração, o aprendizado que tive com vocês me forma não apenas como pesquisadora, mas como psicóloga, cidadã e, principalmente, como pessoa. Agradeço a todas e todos os demais professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UEL, foi de um imenso aprendizado tudo que ouvi e vivi neste período do mestrado.

Agradeço a professora Déa E. Bertran, por todo seu carinho, apoio e críticas muito construtivas, levarei sempre comigo muitos de seus comentários e todo o seu carisma e afeto. Agradeço ao professor Alessandro Scaduto, cujo rico material de sua tese proporcionou a realização deste trabalho. Agradeço a prontidão e interesse em recepcionar meu trabalho.

Agradeço, também, a professora Mary Neide Damico Figueiró, que me orientou na Iniciação Científica por dois anos, durante a graduação. Foi quem acompanhou e guiou meus primeiros passos em direção a uma carreira acadêmica e permitiu o florescer do meu encanto pela pesquisa científica. Também pela coragem que sempre carregou ao defender o tema da

Educação Sexual e da Diversidade Sexual, obrigada por ser uma inspiração.

Todo o esforço empreendido neste trajeto resultou, também, em vínculos preciosos de amizade, sem os quais este certamente teria sido um caminho solitário demais. Muito obrigada de coração: Nathalia, Bárbara, Tamires, Hellen, Marília, Mônica, Isadora, Patricia, Felipe, Karen (e Elis!), Daniela, Sandra, Thais, Pâmela, Danielle, Gabriela e Flávia!

Para além do meio acadêmico, agradeço grandemente aos meus pais, Luiza e Carlos, cujos incentivo, acolhida e amor são tão incomensuráveis quanto meu amor, carinho e gratidão, saibam que essa conquista também é de vocês. Agradeço a minha irmã, Lika, apesar da distância, sabemos do amor uma pela outra. Agradeço aos meus avós, Ayako e Tsuneo, pelo imenso amor. Tarcila e Edilucia, minhas irmãs que escolhi com o coração, agradeço muito a amizade, o apoio e a presença, sempre.

Agradeço a Greici, pelo amor, atenção, apoio, cuidado, paciência e compreensão, obrigada pelo riso leve, pela vida compartilhada e por me mostrar diariamente como a feminilidade se (des)constrói.

Agradeço enormemente a cada uma das mulheres que se voluntariaram a participar desta pesquisa, que este trabalho possa estar à altura de tudo que me permitiram ter acesso em suas subjetividades. Este trabalho não seria possível sem vocês, a cada uma destino muita gratidão, respeito e admiração.

Agradeço, ainda, a tantas outras pessoas que fizeram parte dessa trajetória, direta ou indiretamente, por meio da amizade, do incentivo, do apoio, das discussões teóricas, trocas de ideias, experiências e sugestões.

“Sempre fomos o que os homens disseram que
nós éramos. Agora somos nós que vamos dizer o
que somos.” (Lygia Fagundes Telles, 1978)

Inaba, C. M. (2019). *Lesbianidade: feminilidades à visão do Teste de Apercepção Temática (TAT)*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

RESUMO

A partir do posicionamento de negligência a que a figura da mulher e, mais especificamente, da mulher lésbica, foi submetida pela História e por outras áreas das ciências, esta pesquisa empreende-se em investigar a autopercepção das mulheres lésbicas acerca de sua própria feminilidade, verificando as possíveis convergências e divergências entre elas e mulheres heterossexuais. O escopo por meio do qual este trabalho será realizado é a lesbianidade e a feminilidade sob a luz da psicanálise. O objetivo geral consiste em analisar como as mulheres lésbicas percebem e expressam sua própria feminilidade, por meio do Teste de Apercepção Temática (TAT), em contraste às mulheres heterossexuais. Ademais, os objetivos específicos constituem-se em: investigar quais as necessidades psicológicas das heroínas nas histórias emergiram com mais frequência e intensidade e verificar se há diferença na autopercepção da feminilidade entre mulheres lésbicas e mulheres heterossexuais. A amostra foi composta por 40 mulheres na faixa etária de 25 a 35 anos, sendo que metade identificava-se como lésbica (homossexual) e a outra metade, como heterossexual. As participantes estavam em um relacionamento (namorando, residindo com ou casadas com suas/seus cônjuges) há, pelo menos, dois anos e encontravam-se domiciliadas na região norte do estado do Paraná. A participação ocorreu de modo presencial e individual. Cada participante respondeu a um questionário inicial pelo qual foram coletados dados pessoais gerais e, em seguida, respondeu ao instrumento utilizado para a coleta dos dados, o instrumento projetivo Teste de Apercepção Temática (TAT), do qual foram selecionadas 13 pranchas. Originalmente elaborado por Henry A. Murray, em 1943, este instrumento visa acessar componentes da personalidade e interpretações das vivências de um sujeito por meio das histórias que conta a partir de uma série de pranchas que lhe são apresentadas. Para a análise dos dados coletados, foi utilizado o sistema morvaliano, padronizado para o contexto brasileiro por Scaduto (2016); este sistema objetiva categorizar os resultados do TAT em propriedades que identificam os mecanismos de defesa e os recursos subjetivos necessários para a adaptação à realidade e à edificação de uma identidade. Também foi utilizado para análise dos dados o *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). Os resultados foram codificados em 60 categorias de análise, sendo que os dados discutidos foram aqueles que obtiveram nível de significância $p < 0,050$ e $p < 0,100$. Também discorreu-se acerca das temáticas que se salientaram nas histórias produzidas e acerca da feminilidade percebida nelas. Pode-se considerar, a partir dos dados apresentados, que não haveria uma feminilidade “típica” para mulheres lésbicas que se diferencie de uma feminilidade “típica” de mulheres heterossexuais, uma vez que a feminilidade poderia ser constituída a partir de experiências subjetivas. Considera-se que a pesquisa demonstrou haver menos divergências e mais convergências entre as feminilidades projetadas pelas participantes nas histórias coletadas. Destaca-se que as histórias produzidas demonstraram diversas situações de machismo, lesbofobia e heteronormatividade, projeções estas que caracterizam a denúncia da violenta realidade feminina no atual contexto social, independentemente da orientação sexual.

Palavras-chave: Lesbianidade. Feminilidade. Teste de Apercepção Temática. Técnicas Projetivas.

Inaba, C. M. (2019). *Lesbianity: femininities under Thematic Apperception Test's (TAT) vision*. 133 sheets. (Masters Dissertation in Psychology). State University of Londrina, Londrina.

ABSTRACT

From the neglected placement to which the figure of women and, specifically, the lesbian women, was submitted by History and other fields of science, this research is undertaken in investigating the self-perception of lesbian women on their own femininity, verifying the possible convergences and divergences between them and heterosexual women. The scope by which this work will be accomplished is femininity and lesbianity in the light of psychoanalysis. The general objective is to analyze how lesbian women perceive and express their own femininity through the Thematic Apperception Test (TAT), in contrast to heterosexual women. Furthermore, the specific objectives are: to investigate which heroines' psychological needs in the stories emerge in higher frequency and intensity and to verify if there is a difference in the self-perception of femininity among lesbian women and heterosexual women. The sample was composed by 40 women between the ages of 25 and 35, half of whom identify themselves as lesbian (homosexual) and the other half as heterosexual. Participants were in a relationship (dating, living together or married to their spouses) for at least two years and were domiciled in the northern region of the state of Paraná. The participation took place in person and individually. Each participant responded to an initial questionnaire, in which there was personal data, and subsequently they responded to the projective instrument, the Thematic Apperception Test (TAT), from which 13 cards were selected. Originally elaborated by Henry A. Murray in 1943, this instrument aims to access personality components and interpretations of the experiences of a subject through the narratives drawn up by the participants from a series of planks presented to them. For the analyses of the collected data, the Morvalian system was used, standardized for the Brazilian context by Scaduto (2016); this system aims to categorize the TAT results into properties that identify defense mechanisms and the required subjective resources for reality adaptation and for identity construction. This research also used the Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) software. The results were codified in 60 analyses categories and the discussed data were those that obtained significance level $p < 0,050$ and $p < 0,100$. The emphasized thematics in the stories and the femininity perceived on them were also discussed. From the results of this research, it can be supposed that there is no "typical" femininity for lesbian women different from a "typical" femininity for heterosexual women, since femininity could be embodied from subjective experiences. This research showed less divergences and more convergences between the femininity projected by the participants in the collected stories. It is noteworthy that the stories produced demonstrated various situations of machismo, lesbophobia and heteronormativity, projections that characterize the denunciation of the violent female reality in the current social context in Brazil, regardless of sexual orientation.

Keywords: Lesbianity. Femininity. Thematic Apperception Test (TAT). Projective Techniques.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultados estatísticos das 60 categorias analisadas nas histórias do TAT, com a média, desvio-padrão, teste <i>t</i> de Student e nível de significância de cada grupo em cada categoria	73
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AP	Avaliação Psicológica
APA	Associação Americana de Psicologia
APOGLBT	Associação da Parada do Orgulho GLBT
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
GALF	Grupo de Ação Lésbico-Feminista
GLBT	Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais
LF	Grupo Lésbica-Feminista
LGB	Lésbicas, Gays e Bissexuais
LGBTI	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos
SATEPSI	Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos
STF	Supremo Tribunal Federal
TAT	Teste de Apercepção Temática

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	11
2	DESENVOLVIMENTO	18
2.1	A HOMOSSEXUALIDADE.....	18
2.2	A LESBIANIDADE	24
2.2.1	Um Breve Histórico	24
2.2.2	A Lesbianidade na Psicanálise	29
2.3	A FEMINILIDADE	36
2.3.1	A Feminilidade a partir de Olhares Contemporâneos	41
2.4	A AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA.....	47
2.4.1	A Avaliação Psicológica e as Homossexualidades	55
2.5	FEMINILIDADE, LESBIANIDADE E O TAT.....	59
3	MÉTODO	62
3.1	PARTICIPANTES	62
3.2	INSTRUMENTOS	62
3.2.1	Questionário de Informações Básicas	62
3.2.2	Teste de Apercepção Temática – TAT.....	63
3.3	PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	67
3.4	PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS	68
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	70
4.1	TEMÁTICAS PRESENTES NAS HISTÓRIAS.....	86
4.2	SOBRE AS CATEGORIAS DO SISTEMA MORVALIANO UTILIZADAS	95
4.3	A(S) FEMINILIDADE(S)	98

5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
	REFERÊNCIAS.....	110
	APÊNDICES.....	118
	APÊNDICE A – Questionário de informações básicas.....	119
	APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	120
	ANEXOS.....	121
	ANEXO A – Lista de Necessidades do Herói, apresentada originalmente em Scaduto (2016)	122
	ANEXO B – Categorias referentes ao tipo de Herói e seus atributos no sistema morvaliano revisado, originalmente apresentado em Scaduto (2016)	126
	ANEXO C – Categoria referente ao Conjunto ou Meio no sistema morvaliano revisado, origianlmente apresentado em Scaduto (2016)	127
	ANEXO D – Categoria referente so Desfecho da História no sistema morvaliano, originalmente apresentado em Scaduto (2016)	128

1 APRESENTAÇÃO

Em antecedência aos aspectos constituintes desta pesquisa e dos capítulos que compõem este trabalho, cabe recepcionar a leitora (ou o leitor) ao contexto que antecedeu esta produção, em variados sentidos. Esta pesquisa adotou como ponto de partida a linha de pesquisa “Avaliação Psicológica e Processos Clínicos”, na qual se considera que pesquisar a feminilidade em mulheres lésbicas utilizando um instrumento projetivo pode fornecer resultados tão passíveis de uma análise minuciosa e subjetiva, como também possibilita que os dados sejam analisados sob o olhar idiográfico da avaliação psicológica. Desse modo, compreende-se que o contexto temático desta pesquisa atende a ambos os pontos de vista da referida linha de pesquisa em que se encontra.

Referente ao contexto maior pelo qual esta pesquisa encontra-se envolta, a Psicologia, faz-se relevante apontar que as nuances científicas, culturais, políticas e sociais do país encontram-se em um momento de fragilidade, o que leva diversos estratos sociais minoritários a uma condição de vulnerabilidade e deslegitimação. Nesse sentido, estudar a feminilidade e a lesbianidade no ponto em que convergem evoca, em um pequeno passo adiante, a importância de colocar tais temáticas à luz das ciências, da profissão de psicóloga(o) e da sociedade para que suas vulnerabilidades possam ser legitimadas, pensadas e dirimidas.

Em acréscimo a tais aspectos supramencionados, cabe esclarecer à leitora (e ao leitor), que a presente pesquisa foi realizada sob a preocupação, consciência e clareza acerca da delicadeza que os temas envolvidos nesta pesquisa carregam. Sob a devida ciência de que equívocos de interpretação, mau uso ou deturpação de resultados podem ocorrer, esclarece-se que não se autoriza o uso de quaisquer dados presentes neste trabalho com finalidades que venham a prejudicar as mulheres ou a comunidade LGBTI, bem como aquelas que venham a criar, manter ou perpetuar discriminações e preconceitos contra estes grupos. Buscando resguardar os desdobramentos que possam decorrer desta pesquisa, valha-se do disposto no

artigo 27, inciso segundo, da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “todo ser humano tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor” (Organização das Nações Unidas, 1948).

Uma última contextualização, prévia ao detalhamento da pesquisa, refere-se ao trajeto acadêmico da pesquisadora, que incluiu o desejo de pesquisar desde a graduação em Psicologia. A busca por compreender os métodos de pesquisa, da produção acadêmica e científica, o contato com docentes em suas áreas de expertise e o enveredar proporcionado por tais mestras e mestres ao longo da graduação, nos projetos de pesquisa e na Iniciação Científica, além da experiência profissional no serviço público de alguns municípios do Paraná, tecem o cenário em que se constituiu a autora deste trabalho.

A configuração na qual se desenrola esta pesquisa de mestrado encontra sentido em todos os aspectos contextualizados acima, no desejo de que possa também tecer sentidos para quem acessar este material. Seguido dos esclarecimentos relevantes, apresenta-se brevemente o histórico em que a figura da mulher se construiu na sociedade para adentrar nos assuntos de que tratarão cada capítulo, componentes desta dissertação, bem como aspectos relevantes a serem considerados na leitura que se perfará.

Desde muito cedo na História e até os dias atuais, a mulher vem sendo colocada em uma posição subjugada e sobre a qual muitos imperativos masculinos se fazem coercitivos, exigindo, demandando, ordenando e restringindo o que devem ou podem fazer, onde estar, como se vestir, como e o que falar, quando ir e vir, como agir, com quem sair, casar, amar, dentre outros. E assim foi se modelando o perfil de uma feminilidade considerada aceitável perante a sociedade (Bastos, 2016).

Mulheres em oposição a esta norma social imposta organizaram-se e iniciaram o movimento feminista por volta do século XIX, que cresceu e já passou por três ondas. Sucintamente, esclarece-se cada uma delas: a primeira onda feminista deu-se entre o final do

século XIX e início do século XX e ficou conhecida com o Movimento das Sufragistas, sendo seu maior símbolo a luta pelo direito ao voto. A segunda onda decorreu entre os anos 1960 e 1970, em que se conceituou o patriarcado, fonte das desigualdades entre homens e mulheres e contra o qual o movimento feminista se posicionou, também foi nesse período em que se decorreu a reivindicação pela liberdade sexual das mulheres. A terceira onda feminista situou-se entre os anos 1980 e 1990, seu foco orientou-se nas diferenças entre as mulheres e suas lutas específicas, em relação à classe, raça e orientação sexual (Garcia, 2015).

Próximo ao movimento das mulheres e igualmente em oposição a uma das normas sociais vigentes (no caso, a da heterossexualidade) havia os homossexuais, que se organizaram a fim de lutar pela liberdade de expressar sua sexualidade e por direitos civis. Porém, era um movimento majoritariamente composto por homens que, de forma geral, não costumavam levar em consideração as opressões específicas a que estavam sujeitas as mulheres lésbicas, o que conduzia à marginalização de suas pautas, bem como a perpetuação de discursos machistas e misóginos, mesmo dentro do movimento homossexual (Góis, 2003).

A lesbianidade se faz singular a partir deste contexto, composta por mulheres que eram vistas como dissidentes às normas, mas também dissidentes dos então revolucionários movimentos feminista e homossexual, uma vez que o padrão heteronormativo e machista ainda imperava. Na última década, os movimentos sociais supracitados tornaram-se menos restritivos, uma quarta onda feminista tem se construído, partindo da institucionalização das demandas das mulheres, acrescido do uso das tecnologias e mídias sociais (Matos, 2010). Também, o movimento em defesa dos direitos de pessoas homossexuais deixou de ser nomeado como “movimento *gay*” para se declarar “movimento LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos)”. Ainda assim, a tentativa de apagamento da lesbianidade por parte da mídia, das leis, das instituições e da sociedade configura a construção de obstáculos para uma existência plena e digna, empecilhos agravados quando se alimenta socialmente a visão de

que mulheres enquadradas nos moldes sociais da feminilidade não são (ou não podem ser) lésbicas ou de que lésbicas não teriam feminilidade (ou não podem demonstrar ter) (Guimarães, 2013).

No âmbito subjetivo, pela ótica da psicanálise, mas não apenas, cabe acrescentar que foram identificadas publicações científicas que abordaram as mulheres lésbicas e a masculinidade nelas presente (Barcinski, 2012; Lacombe, 2007; Meinerz, 2011; Santiago, 2016), assim como diversas pesquisas sobre a feminilidade, ainda que desvinculada da orientação sexual ou sem enfoque neste quesito (Coelho, 2013; Martínez & Souza, 2014; Massara, 2013; Naves, 2012; Oliveira & Kuss, 2015; Paula, 2013; Villac, 2014). Diante deste enquadre, questiona-se como se faz presente a feminilidade da mulher lésbica na contemporaneidade e, no caso desta pesquisa, pela perspectiva da avaliação psicológica e da abordagem psicanalítica.

Delimitados os aspectos contextuais do(s) tema(s) desta pesquisa, convém apresentar como estão estruturados os capítulos do trabalho. Inicialmente, contextualizou-se historicamente a homossexualidade e como se deu seu processo de patologização e despatologização nos âmbitos científicos, da Psicologia e da Psicanálise, até os dias atuais, considerando as conquistas legais de direitos da comunidade LGBTI em âmbito nacional, as implicações políticas na atuação profissional da Psicologia e aspectos sociais, como a taxa de violência homofóbica no Brasil e a realização da Parada LGBTI da capital paulista, considerada a maior do mundo.

De modo mais específico, o capítulo seguinte discorre sobre a lesbianidade, apresentando um histórico do amor entre mulheres, partindo da Grécia Antiga, passando pelo Iluminismo francês, pela literatura nacional e pela ditadura civil-militar; este capítulo possui o intento de contextualizar o alicerce da lesbianidade neste trabalho. Também é apresentada a lesbianidade na psicanálise, por meio de uma breve exposição sobre a escolha objetal

homossexual da mulher, o caso da ‘jovem homossexual’ de Freud, de 1920, e a apresentação de pesquisas atuais sobre a lesbianidade dentro do bojo teórico da psicanálise.

Em seguida introduz-se a Feminilidade enquanto conceito geral para as Ciências Humanas e, posteriormente, para a psicanálise freudiana. Diante da base psicanalítica para o conceito de feminilidade, são abordados alguns autores da psicanálise contemporânea, de linha francesa e inglesa. Finalizando esse capítulo, apresentam-se brevemente alguns aspectos da teoria *queer*, subversiva e questionadora das conjecturas psicanalíticas e de gênero, perfazendo uma das principais fundações deste trabalho.

No capítulo subsequente, o tema trabalhado é a Avaliação Psicológica (AP) enquanto conceito e prática, bem como as maneiras pela qual ela se faz possível; a diferenciação dos instrumentos psicométricos e projetivos, assim como das interpretações nomotética e idiográfica que são possíveis a partir destes instrumentos. Decorre, então, uma exposição sobre os testes projetivos e a relação destes com o termo e conceito psicanalítico de ‘projeção’, sendo abordados alguns aspectos particulares do Teste de Apercepção Temática (TAT), material que constitui um dos eixos principais desta pesquisa. Neste capítulo ainda se apresentam o passado e o presente da relação entre AP e a homossexualidade, as nuances que atravessaram a discriminação e atualmente operam em defesa dos direitos humanos, por meio de pesquisas e da prática profissional.

Em seguida, encontra-se o capítulo que realizará a ligação entre os três grandes eixos apresentados e que se fundamentam por serem o cerne desta pesquisa: a lesbianidade, a feminilidade e o TAT. Considera-se que testes psicológicos ainda permanecem preteridos dentre os materiais eleitos por pesquisadoras das áreas de sexualidade e gênero, assim como o as pesquisas em AP não demonstram consolidado interesse nas áreas da sexualidade e de gênero; nestes motivos desvelam-se o ineditismo e uma das justificativas desta pesquisa, permitindo que se discorra acerca da escolha do TAT, dentre a variedade de instrumentos

disponíveis.

No capítulo 4, após a apresentação do Método, têm-se a apresentação dos resultados provenientes das aplicações do TAT, após as histórias produzidas pelas participantes terem sido transcritas, codificadas e analisadas por meio do *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). As discussões sobre os resultados à luz da literatura pertinente estão apresentadas juntamente aos resultados, no mesmo capítulo. De modo apartado, mas dentro desta seção, são trabalhadas também as temáticas relevantes que compareceram nas histórias construídas pelas participantes. Há, ainda, considerações acerca das categorias do sistema morvaliano utilizadas, bem como uma análise dos resultados com enfoque na(s) feminilidade(s) que puderam ser apreendidas.

À guisa de finalizar este trabalho, constam considerações que buscam propor para pesquisas futuras temáticas adjacentes a partir dos achados desta pesquisa. Cabe salientar que nestes dois últimos capítulos, os termos ‘codificação’ e ‘categorização’ são utilizados como sinônimos, no intuito de representar a interpretação das histórias coletadas que foi realizada embasando-se em categorias selecionadas do sistema morvaliano.

De modo geral, cabe destacar que as histórias apresentadas pelas participantes da pesquisa, independentemente de identificarem-se como lésbicas ou heterossexuais, refletiram com muita frequência machismo, misoginia, heteronormatividade e lesbofobia. Hipóteses sobre efeitos e motivações para tal dado são debatidos nos dois últimos capítulos deste trabalho.

Feita a apresentação dos aspectos gerais desta pesquisa, algumas considerações e observações são relevantes. Brevemente, considera-se que a eleição do TAT deveu-se ao fato de que este possibilita, na riqueza que suas histórias carregam, o acesso a singularidades subjetivas que, por vezes, podem estar omitidas inconscientemente até mesmo da própria pessoa que responde ao teste. Nesse sentido, a codificação a ser utilizada, baseada no sistema morvaliano (proposto por Monique Morval), permite, ainda, a sistematização das necessidades

e aspectos psíquicos que serão apresentados em cada história. Sopesando o mérito do instrumento e a ainda escassa produção acadêmica sobre suas possíveis vias de categorização, constitui-se, portanto, uma motivação para a escolha do TAT.

Em termos de esclarecimento, e a fim de evitar equívocos na fluência da leitura deste trabalho, cabe salientar que 1 – na necessidade de se apresentar gênero neutro na linguagem do texto, predominará a denominação feminina, considerando o uso não sexista da linguagem e o público sobre o qual se volta esta pesquisa; 2 – em se tratando das relações entre mulheres, serão utilizadas neste trabalho, preferencialmente, palavras e termos que destaquem o feminino (como lesbianidade, lésbica, safista, p. ex.), em detrimento de termos costumeiramente utilizados de maneira genérica (como *gay*, p. ex.); 3 – o preconceito contra lésbicas está representado, preferencialmente, neste trabalho na utilização da palavra lesbofobia, devido à especificidade que o termo apresenta; 4 – o termo feminilidade foi eleito no lugar de termos como feminino ou feminidade, em busca de uma ressignificação daquilo que, desgastadamente, foi delimitando as características que uma mulher deveria ter (intuito contrário ao que este trabalho pretende); 5 – a palavra homossexualidade aparece neste trabalho sendo utilizado no lugar de homoerotismo ou homoafetividade, no mesmo intuito de ressignificar positivamente um termo historicamente maculado pelo processo patologizante, pecaminoso e criminoso pelo qual passou; na intenção de vertê-lo em uma palavra que represente identidade, (r)existência e visibilidade.

Diante do acima exposto, pode-se considerar, então, que esta pesquisa se ocupou em analisar a projeção de mulheres acerca de suas subjetividades e das feminilidades que nelas se inscrevem e se expressam, buscando abarcar as variadas nuances que foram apresentadas. Adiante, seguem os caminhos teóricos e metodológicos que fundamentaram a intersecção entre lesbianidade, feminilidade e o TAT.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A HOMOSSEXUALIDADE

Acerca da homossexualidade, faz-se necessário um resgate histórico, aqui interessado em apontar, inicialmente, o panorama das ciências médicas e passando para as concepções psicanalíticas sobre o tema. Serão apresentadas, ainda, as mudanças pelas quais passaram as áreas de saúde sob influência do movimento político e coletivo de luta pelos direitos das pessoas homossexuais, adentrando ao contexto nacional e contemporâneo.

A homossexualidade se tornou tema de interesse científico a partir de meados do século XIX, a iniciar com Heinrich Ulrichs, advogado em defesa das minorias sexuais de sua época. Ele criticou, em um tratado de 1864, a criminalização da homossexualidade na Prússia (Drescher, 2013), sendo que anteriormente, em 1862, segundo Caprio (1968), sugeriu os termos *urningin* e *urning* (traduzidos para o português como uranistas) para se referir a mulheres e homens homossexuais, respectivamente. Vieira (2009) apresentou, ainda, que Ulrichs descrevera sua própria condição como sendo a de “uma alma feminina presa num corpo de um homem que expressa desejo e paixão por homens viris” (p. 491). Ademais, segundo a mesma autora, o ativista asseverava que as/os uranistas não eram doentes e tinham em suas inclinações homossexuais origem natural e desvinculada de vícios, sendo uma variedade da espécie humana; também as/os distinguia da pederastia e da devassidão, que em seu período histórico eram termos imbuídos negativamente de valores religiosos e morais (Sousa, 2008).

Com pensamento semelhante, o médico e escritor húngaro Karl-Maria Kertbeny, em 1868, respondeu a Ulrichs com uma carta em que constam os termos “homossexual”, a respeito de atos eróticos entre homens e entre mulheres, e “heterossexual”, em referência aos atos sexuais entre homens e mulheres, sendo que esta foi a primeira vez em que tais termos eram utilizados (Vieira, 2009). Conforme apresenta a mesma autora, embora o médico considerasse

a heterossexualidade como manifestação natural da satisfação sexual para grande parte da população, não deveria ser posta como sinônimo de uma sexualidade normativa. De acordo com Drescher (2013), Kertbeny, em 1869, compreendia que a homossexualidade, termo cunhado por ele próprio, não deveria ser vista como imoral ou considerada crime; tanto cria nisso que argumentou contra a criminalização da homossexualidade em tratado político naquele ano.

No ano seguinte, em 1870, Westphal cunhou a expressão “sensibilidade sexual contrária”, fazendo oposição àquela que seria correta e procriadora (Vieira, 2009). Esta mesma autora, Vieira (2009), ainda apresentou que uma das obras mais relevantes à época foi o *Psychopathia sexualis*, escrito em 1894 pelo neurologista Richard Von Krafft-Ebing que, em 1886, adotara o termo “homossexual” nos âmbitos médico e científico; a fama de sua obra popularizou o termo, embora sua perspectiva teórica considerasse a homossexualidade como desordem neurológica degenerativa (Drescher, 2013).

Em 1897, pela primeira vez foi empregado o termo “inversão sexual”, utilizado por Henry Havelock Ellis, para se referir à sensibilidade feminina dos homens invertidos (Vieira, 2009). Os termos relacionados à inversão enquanto sinônimo da homossexualidade foram utilizados por Freud (1905/2016), embora, segundo Drescher (2013), o psicanalista discordasse das teorias recorrentes de sua época, como a do Terceiro Sexo e a Teoria da Degeneração. É constatado que Freud (1920/2011, 1935/2018a) não acreditava ser a homossexualidade merecedora do estatuto de patologia digna de tratamento médico e, ratificando este posicionamento, faz-se relevante transcrever um trecho da carta que escreveu em resposta a uma mãe norte-americana que lhe escreveu acerca da homossexualidade do filho, em 1935:

Depreendi de sua carta que seu filho é homossexual. Fiquei mais impressionado pelo fato de que a senhora mesma não menciona esse termo em sua informação sobre ele. Posso perguntar por que o evita? A homossexualidade certamente não é uma vantagem, tampouco é algo de que se envergonhar, não é nenhum vício, nenhuma degradação, não pode ser classificada como doença; nós a consideramos uma variação da função sexual produzida por uma detenção no desenvolvimento sexual. Muitos indivíduos altamente

respeitáveis, tanto da Antiguidade quando de tempos modernos, foram homossexuais, vários dos maiores entre eles (Platão, Michelangelo, Leonardo da Vinci etc.). É uma grande injustiça e também uma crueldade, perseguir a homossexualidade como se ela fosse um crime. (Freud, 1935, p. 349).

Ainda no que concerne à visão da psicanálise freudiana, a aproximação que se faz entre a homossexualidade e a classificação de perversão mereceu do autor o esclarecimento de que este termo se referia à investida que não tem como meta sexual final a reprodução, mas o prazer. Acrescentou, também, que nenhum sujeito saudável estaria livre de encontrar em sua vida sexual algum elemento caracterizado como perverso e que tal termo não deveria ter caráter vilipendioso (Freud, 1905).

Para além de seu posicionamento médico, Freud ainda assinou, em 1930, uma petição cuja finalidade era a descriminalização da homossexualidade, que em seu país ainda era considerada crime. No âmbito psicanalítico, discordou de Ernst Jones, em 1921, quando este enviou-lhe uma carta acerca da admissão ou não de um jovem homossexual à sociedade psicanalítica, à qual Jones posicionava-se contrariamente e Freud, opondo-se ao colega, afirmou que a admissão do rapaz deveria ser analisada com base nas suas qualidades profissionais. Para ele, tanto a homossexualidade quanto a heterossexualidade eram igualmente resultados de caminhos pulsionais, sendo que uma não se sobrepunha à outra em aspecto algum; dentro da teoria psicanalítica, a escolha de objeto definir-se-ia a partir do Complexo de Édipo e embasando-se na bissexualidade original, conceito que sustenta que os investimentos libidinais de cada ser humano, desde o nascimento, são tanto homossexuais quanto heterossexuais (Ceccarelli & Franco, 2010).

Em contrapartida, muitos praticantes da Psicanálise, em meados do século XX, embasaram-se na obra de Sandor Rado no que se refere à homossexualidade; este autor considerava que a homossexualidade era uma evitação fóbica da heterossexualidade, cuja causa teriam sido inadequados cuidados parentais. Juntamente a Rado, Irving Bieber, Charles

Socarides e Lionel Ovesey contradisseram as postulações freudianas, desencadeando um processo patologizante das homossexualidades, o que influenciou o pensamento psiquiátrico da época, incluindo-as nas duas primeiras edições (1952 e 1968) do *Diagnostic and Statistical Manual* (DSM). No contexto psicanalítico, estas considerações tornavam homens e mulheres assumidamente homossexuais inelegíveis à formação em Psicanálise (Drescher, 2013).

Um dos psicanalistas que ousaram contrariar o movimento psiquiátrico e psicanalítico da época foi Robert Stoller, que, em 1968, importou à literatura analítica conceitos da sexologia, como “identidade de gênero” e “orientação sexual”. No mesmo período histórico, pesquisadores da área da sexologia buscavam dar sentido aos comportamentos sexuais humanos, sendo o mais conhecido Kinsey que, após uma extensa pesquisa por volta de 1950, descobriu que a prevalência do comportamento homossexual era de 10% na população norte-americana e que 40% relatou ter fantasias homossexuais (Kinsey, Pomeroy, & Martin, 1973; Kinsey, Pomeroy, Martin, & Gebhard, 1998). Entretanto, tais estudos não causavam efeito às concepções psiquiátricas da época, sendo que a *American Psychiatric Association* (APA) apenas voltou sua atenção ao debate quando suas reuniões anuais foram interrompidas por ativistas do “movimento gay”, em 1970 e 1971; estas manifestações tiveram início nos motins de *Stonewall*, em 1969, na cidade de Nova Iorque, uma vez que se consideravam as atitudes patologizantes da psiquiatria sobre a homossexualidade uma das principais causas da estigmatização social que esta minoria recebia (Paoliello, 2013).

Após debates, revisões, análise e aprovação dos diversos comitês e órgãos deliberativos da APA, conquistou-se a retirada da homossexualidade do DSM-III (e edições posteriores), em 1980; nos anos seguintes, essa decisão seria acatada por profissionais de outras organizações significativas de saúde mental, incluindo a Organização Mundial da Saúde, em 1992, ação esta que removeu a homossexualidade da Classificação Internacional de Doenças (CID-9 e edições posteriores) (Costa & Nardi, 2013).

Cabe acrescentar que, em 1985, no Brasil, o Conselho Federal de Medicina passou a desconsiderar o artigo 302.0 do CID-9, removendo da homossexualidade a perspectiva científica de patologia. Assim como o Conselho Federal de Psicologia (CFP), em 1999, proibiu em portaria (Resolução 01/99) qualquer serviço psicológico com cunho de tratamento ou cura da homossexualidade (Paoliello, 2013).

Por mais que a comunidade científica estivesse ampliando seus horizontes, até 1980 a maioria dos institutos de Psicanálise, com algumas exceções, ainda não aceitavam candidatos homossexuais. Entretanto, na década de 1990 havia um grande número de psicanalistas homossexuais, a maioria formada fora da *American Psychoanalytic Association* (APsaA); com esforços reunidos de várias organizações, reuniões e debates foram promovidos e, mesmo para os mais conservadores, os campos da Psicanálise abriram-se, tendo sido a APsaA, em 1997, a primeira das principais organizações de saúde mental a endossar o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Tal posição seria adotada pelas associações americanas de Psicologia e Psiquiatria apenas em 2003 e 2005, respectivamente (Drescher, 2013).

Considera-se que a homossexualidade paulatinamente tem conquistado espaços para existir com menos discriminação na sociedade e nos saberes científicos. No que tange ao cenário nacional, atualmente, o Brasil tem em sua composição legislativa, executiva e judiciária, alguns membros que, em suas posturas conservadoras e usualmente religiosas, posicionam-se e atuam contrariamente ao avanço das pautas da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros e Intersexos (LGBTI). Em oposição, outros membros destes poderes posicionam-se e atuam favoravelmente. Há de se reconhecer que o Ministério da Justiça, em 2004, lançou o programa “Brasil Sem Homofobia – Programa Brasileiro de Combate à Violência e à Discriminação contra Gays, Lésbicas, Transgêneros e Bissexuais, e de Promoção da Cidadania Homossexual”. Neste Programa, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos assumiu a responsabilidade de implementar mais de 50 ações afirmativas

com a participação de dez Ministérios, objetivando a cidadania em sua plenitude à população LGBTI (Brasil, 2004).

Acerca do Poder Judiciário, pode-se citar a prerrogativa jurídica de que casais homossexuais podem adotar crianças (embora não positivada expressamente pelos dispositivos legais, também não encontra proibição, sendo que há casos em que a adoção foi concedida) (Boris, Melo, Rosa, & Santos, 2016). Também foram de relevância as decisões do Supremo Tribunal Federal (STF), em 2011, e do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), em 2013, quando reconheceram a união estável para casais do mesmo sexo e proibiram as autoridades responsáveis de se recusarem a celebrar o casamento civil ou de converter a união estável em casamento entre pessoas do mesmo sexo (Arima & Freitas, 2017).

Vinculada à atuação de profissionais de Psicologia, em setembro de 2017 o juiz da 14ª Vara do Distrito Federal concedeu uma liminar cuja interpretação possibilitava, legalmente, que psicólogos realizassem pseudoterapias de reversão sexual, ou “cura gay” (Betim, 2017). Ainda que o magistrado tenha posteriormente retificado sua decisão em alguns aspectos, a repercussão de seu primeiro posicionamento endossou discursos presentes na população brasileira que ainda disseminam e perpetuam preconceitos que se expressam em atos de opressão, violência e homicídios contra a população LGBTI do país. Estes dados aumentam progressivamente, sendo que entre os anos de 2012 e 2017 houve um aumento de 76% no número de assassinatos documentados de pessoas LGBTI. De 2016 a 2017 o aumento nesta estatística foi de 30%, segundo o Relatório 2017 do Grupo Gay da Bahia, órgão que realiza este levantamento nacional anualmente há mais de 30 anos (Mott & Michels, 2017).

Em 9 de abril de 2019, o STF concedeu uma liminar que voltou a proibir a “cura gay”, sobrepondo a liminar de 2017 do juiz supracitado e retomando a compreensão de que profissionais de Psicologia não podem realizar terapias de reversão sexual, uma vez que a homossexualidade não é considerada patologia (Putti, 2019). Três meses depois, no mesmo

ano, em 13 de junho de 2019, o STF equiparou os crimes de LGBTfobia aos de racismo, decisão que obteve dos ministros 8 votos favoráveis e 3 contrários, possuindo validade até que o Congresso Nacional aprove legislação específica no mesmo sentido (Coletta, 2019).

Por fim, sobre o contexto nacional, é necessário citar, ainda, que a maior Parada do Orgulho LGBTI do mundo (reunindo uma média de 3 milhões de pessoas), ocorre anualmente na capital paulista, desde 1997. Todos os anos a Parada carrega um tema e *slogan* em prol do movimento social que representa e é organizada pela Associação da Parada do Orgulho GLBT (APOGLBT) de São Paulo (Schirmer, 2010).

Um histórico acerca da homossexualidade pôde ser resgatado, sendo possível compreender sumariamente o processo de patologização, despatologização, entraves e avanços. Diante de tal cenário, um olhar mais específico faz-se necessário, dessa vez, acerca da vivência feminina da homossexualidade.

2.2 A LESBIANIDADE

2.2.1 Um Breve Histórico

A homossexualidade feminina apresenta uma de suas primeiras marcas históricas em 600 anos a.C., aproximadamente, com as poesias de Safo, nascida em Eresos, cidade da Ilha grega de Lesbos. Em seus versos, que chegaram a compor em torno de nove livros, constavam sua admiração e paixão por outras mulheres, além de hinos em devoção à deusa do amor, Afrodite. Sua obra foi, em grande parte, queimada por religiosos cristãos, restando apenas fragmentos de sua produção (Fontes, 1992; Mott, 1987).

Neste período pré-socrático, conforme dissertou Guimarães (2013), as mulheres gregas tinham sua atuação e vivência restritas ao espaço doméstico, sendo reservado aos homens a vida pública, política e acadêmica. Nesse sentido, portanto, Safo encontrava-se em um ambiente

privilegiado, considerando que provinha de uma família nobre e que na Ilha de Lesbos as mulheres tinham o direito de transitar em espaços públicos e participar de eventos culturais. Ainda jovem, Safo mudou-se para a cidade de Mitilene, centro cultural da época e atual capital da Ilha de Lesbos, onde fundou uma escola somente para mulheres, em que lecionava poesia, filosofia, dança e música (Guimarães, 2013; Mott, 1987).

Safo é referida por Platão como a décima musa, em referência às nove filhas de Zeus, na mitologia grega (Mott, 1987). Embora seus poemas fossem dedicados à beleza e atributos femininos, inclusive devotados a suas alunas e outras mulheres próximas, existem hipóteses de que se relacionara também com homens e tivera uma filha, Cleis. De todo modo, não se constituiu como óbice para que a obra de Safo inspirasse o termo “safismo”, referente à lesbianidade ou à relação sexual entre mulheres. Da mesma forma, o termo “lésbica” tem sua origem na ilha grega de Lesbos, onde a poetisa nasceu (Guimarães, 2013; Toledo, 2008).

Os fragmentos de suas obras vêm sendo coletados, estudados e traduzidos em diversas versões e por diversas autorias (Mott, 1987); mais recentemente, em 2017, foi lançado o livro bilíngue (com o original em grego) “Fragmentos Completos – Safo”, de Guilherme Gontijo Flores, tradutor, poeta e professor universitário, que reuniu todos os fragmentos conhecidos de Safo, incluindo os dois recém-descobertos em 2014 (Pompermaier, 2017).

Mais adiante na História, conforme Caprio (1968) apresentou, por volta do século XVIII, na França, teria havido uma instituição secreta denominada Vestais de Vênus, cujas integrantes, todas mulheres, mantinham relações sexuais entre si em sedes que recebiam o nome de Templos de Vesta. A admissão de novas participantes decorreria após avaliação da candidata em sua nudez por uma comissão, a fim de verificar se nela encontravam-se ao menos 16 dos 30 atributos femininos descritos em uma antiga ode francesa. Em torno deste mesmo período, ainda na França, tem-se a literatura subversiva de Marquês de Sade, intitulada Juliette e Justine, de 1790, que retrata a lesbianidade, à esquiwa da Santa Inquisição (Mott, 1987).

Ainda no que alude ao campo literário, no Brasil pós-inquisição, a lesbianidade desponta novamente como tema a ser explorado apenas em 1870-71, no romance “As mulheres de Mantilha”, de Joaquim Manoel de Macedo. Pouco tempo depois, Aluísio Azevedo descreveu o amor entre duas mulheres em sua obra “A Condessa Vésper”, em 1882, e posteriormente em “O Cortiço”, de 1890. Também o fez Laura Villares em “Vertigem”, obra datada de 1926 e evidenciada como sendo a primeira produção brasileira a abordar a lesbianidade sob autoria de uma mulher; conquanto, Aluísio Azevedo e Laura Villares abordaram o tema de forma superficial e temendo represálias morais e sociais (Mott, 1987). Após algumas décadas, Lygia Fagundes Telles, escritora brasileira contemporânea, também abordou o tema da lesbianidade em sua primeira obra publicada, “Ciranda de pedra”, de 1954, e posteriormente, em “As meninas”, de 1978.

Outro trabalho que fez o tema da lesbianidade (e, de forma geral, da sexualidade feminina) emergir no Brasil e no mundo foi o Relatório Hite (1976), em que a norte-americana Shere Hite abordava os mais diversos aspectos da sexualidade feminina (como a masturbação, o orgasmo, a estimulação clitoridiana e a lesbianidade, entre outras facetas), segundo as próprias mulheres entrevistadas, que somavam pouco mais de 3.000 participantes. Até então, não havia registro de uma pesquisa desta magnitude voltada exclusivamente à sexualidade das mulheres. Ao sopesar que no período de seu lançamento o Brasil passava por uma ditadura civil-militar, cabe acrescentar que o Relatório Hite foi uma das obras censuradas no Brasil pelo Ministério da Justiça e pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Sena, 2007).

Havia em seu trabalho relatos de mulheres que, mesmo em casamentos heterossexuais, expressavam espontaneamente desejo por outras mulheres; depoimentos de lésbicas acerca de como se sucedem suas relações sexuais e, ainda, declarações de mulheres bissexuais acerca de suas experiências com ambos os sexos. A autora ainda apresenta a lesbianidade como postura

política, considerando a maior igualdade entre as partes de um relacionamento lésbico, dado presente nos relatos coletados (Hite, 1976).

No mesmo período, final do século XX, Cassandra Rios, escritora cujo tema principal de seus romances era o romance e o sexo lésbico, teve 36 livros censurados na ditadura civil-militar e era considerada sublitteratura por diversos críticos da época, apesar do elogio de Jorge Amado, quando a considerou Mestre do Romance (Mott, 1987). Assim, as produções literárias ou científicas acerca da lesbianidade constituíram-se como literaturas marginais, sob o formato de contos, crônicas e dramaturgias que circulavam apenas em guetos e grupos segredados, Mott (1987) considera que tal apagamento pode ter ocorrido devido à preferência de literatos e pesquisadores pela homossexualidade masculina, incorrendo na invisibilidade da experiência lésbica. Nesse sentido, Portinari (1989) aborda que o silêncio das homossexualidades femininas apenas toma forma quando se percebe o estrondo feito pelas homossexualidades masculinas.

Mesmo relegada à marginalidade, a lesbianidade no Brasil tomou corpo como movimento social quando, em 1981, foi fundado o Grupo de Ação Lésbico-Feminista (GALF), organização independente formada por lésbicas que, anteriormente, compunham o grupo Lésbico-Feminista (LF), parte do grupo Somos, primeira organização política de *gays* e lésbicas do Brasil, marco do início do movimento LGBT no país (Oliveira, 2017). A GALF manteve, por 6 anos (de 1981 a 1987) a publicação do boletim “ChanacomChana”, que contou com 12 edições e visava a reapropriação da identidade e da fala lésbica, sendo a produção periódica que reuniu o maior número de poemas sobre o amor sáfico (Mott, 1987). Algumas poetisas que receberam destaque de Mott (1987) por suas obras safistas publicadas no boletim “ChanacomChana” e no livreto “24 Poemas Gays”, produto do “I Concurso de Poema Gay do Brasil”, de 1982, são Leila Míccolis, Zulmira, Ana Valim, Jurema Barreto, Margot Piva e Sandra Mara (também conhecida por Anderson Herzer).

Em referência às últimas duas décadas, no Brasil, a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo inicialmente chamava-se Parada do Orgulho *Gay*, tendo seu nome alterado pela organização do evento, em 1999, para Parada do Orgulho GLBT. Posteriormente, em 2008, convencionou-se transpor a letra L à frente, assim a sigla alterou-se para LGBT, com a finalidade de proporcionar maior visibilidade às lésbicas no movimento (Schirmer, 2010).

Ao considerar que o segmento lésbico dentro do movimento LGBTI é perpassado pelo machismo e misoginia (Góis, 2003), frequentemente exposto a atos ofensivos mesmo durante a Parada do Orgulho LGBT, ocorre sempre na véspera da Parada LGBT de São Paulo, desde 2002, a Caminhada Lésbica e Bissexual, habitualmente ignorada pelos veículos midiáticos. Com frequência é uma programação desconhecida até mesmo por mulheres lésbicas e bissexuais, sendo que contou com a presença de aproximadamente mil pessoas na edição de 2017. Este evento é organizado de forma independente e não recebe apoio financeiro de empresas ou do governo, como ocorre com a Parada LGBT, embora seja reconhecida pela equipe organizadora desta. O objetivo é exigir respeito e direitos que são específicos da população feminina dentro do movimento LGBTI (D'Angelo & Parra, 2017).

A Caminhada Lésbica e Bissexual habitualmente tem seu direcionamento político-identitário orientado por um tema anual, a exemplo, o tema da Caminhada de 2019 foi “A política do ódio não nos representa: mulheres lésbicas e bis, trans e cis, na mesma luta pela vida e por liberdade”. Essa característica da luta social norteadas por uma temática também aparece na Parada LGBT.

Nesta seção, houve o resgate histórico acerca da lesbianidade, considerando sumariamente seus aspectos literários, políticos e legais. Frente a tal panorama, é relevante que se realize uma aproximação psicanalítica ao tema da lesbianidade, temática a ser abordada a seguir.

2.2.2 A Lesbianidade na Psicanálise

É relevante que se apresente, de forma geral, a trajetória da escolha objetal para a mulher, inicialmente na psicanálise freudiana, seguida do caso de Margarethe Csonka-Trauteneck, imortalizada por Freud como a “jovem homossexual”, em 1920. Também é notável apresentar, com base na psicanálise francesa, uma observação a respeito do caso Dora, na qual a homossexualidade latente denunciada constitui uma das poucas ocasiões em que a lesbianidade recebe destaque nos estudos psicanalíticos em suas primeiras décadas. Igualmente válido é apresentar os estudos recentes em psicanálise, no Brasil, que abordam a lesbianidade como enfoque da investigação.

Em princípio, faz-se necessário apontar que o termo “escolha objetal” não se trata de denominar a orientação sexual (que pode ser heterossexual, homossexual ou bissexual) como uma escolha consciente e voluntária. Ao contrário, é um termo que denota, à luz da investigação psicanalítica, o tipo de escolha que ocorre de forma inconsciente em mulheres e homens, resultante dos inúmeros episódios vivenciais e processos do desenvolvimento psicosexual e sem que o sujeito tenha autonomia sobre tal processo (Freud, 1905).

Feita a ressalva supramencionada, parte-se a discorrer sobre a obra “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade”, de 1905, em que Freud abordou a questão da “inversão” (termo utilizado por ele para se referir à homossexualidade, usual na medicina da época), ainda que seu foco seja na relação entre homens. No que diz respeito à lesbianidade, é dito que em mulheres homossexuais ativas encontra-se, com regularidade, atributos “somáticos e psíquicos do homem e [que] buscam a feminilidade no objeto sexual” (Freud, 1905, p. 37).

Segundo ele, a escolha de objeto dar-se-ia em dois momentos, sendo que o primeiro se localiza entre dois e cinco anos e a segunda realiza-se na puberdade, em uma configuração de caráter mais definitivo para a vida sexual adulta. Há entre estes tempos o período de latência, em que as metas sexuais adquirem um aspecto infantil, fortalece-se a barreira contra o incesto

e é rompida a linearidade que vinha tendo a corrente afetiva de ternura e cuidado, o que impele a corrente afetiva a recomeçar sua escolha objetal sob renúncia daqueles escolhidos na infância e configurada agora como corrente sensual de desejo e metas sexuais (Freud, 1905).

Ainda em seus Três Ensaio, Freud (1905) considerou que a escolha de objeto é feita inicialmente apenas a nível imaginário, em que alimenta as fantasias adolescentes e não possuem vias de serem concretizadas. Posteriormente, seguir-se-ia a busca da pessoa por seu objeto de escolha, a modelo de seus pais e, de modo geral, segundo o autor, seguindo o padrão heterossexual. Mais à frente Freud (1923/2018b), no texto “Organização Genital Infantil”, reconheceu que a escolha objetal não é um mérito apenas da puberdade, mas já se vê concretizada na infância, com o advento do complexo de Édipo.

Precedente ao complexo de Édipo, Freud apresenta em “O Declínio do Complexo de Édipo”, de 1924, que a menina se depararia com o complexo de castração, ao resignar-se que provavelmente perdeu seu falo (Freud, 1924/2018c). Ademais, deparar-se-ia, também, com a inveja do pênis, ao constatar a existência da diferença sexual (Freud, 1925/2018d). Em 1931, em seu texto “Sobre a sexualidade feminina”, Freud (1931/2018e) elaborou que a menina, mediante a tais constatações, teria três saídas possíveis: 1 – afastamento generalizado da sexualidade e de tudo relacionado a isso, renunciando, geralmente, também de uma posição de maior atividade em outros âmbitos da vida; 2 – persistência no complexo de masculinidade, na fantasia de se ser homem e assim atuar em sua vida cotidiana, levando-a (ou não) a uma escolha de objeto homossexual; e 3 – configuraria o desenvolvimento feminino dentro da norma, tendo o pai/homem como objeto de sua escolha amorosa (Freud, 1931). Estas saídas serão abordadas de maneira mais extensa no próximo capítulo, A Feminilidade.

Das três saídas, a segunda, que trata da reafirmação da masculinidade e do desejo de ser portadora do falo, seria aquela que, segundo Freud (1931) poderia levar uma menina à escolha objetal homossexual. Entretanto, há, ainda, um desdobramento da terceira saída, que seria

aquela direcionada à feminilidade freudiana, heterossexual e genitora, que ainda poderia direcionar a menina à lesbianidade. Na ocasião de haver decepções com a figura paterna, a menina se veria forçada a um retorno ao complexo de masculinidade, visto que ele teria fracassado nesta relação; ela, então, identificar-se-ia com esse pai, no lugar de tomá-lo como objeto de desejo, o que poderia levá-la para uma posição homossexual, embora não necessariamente (Pickmann, 2005).

A título de ilustração, tem-se no caso Dora, jovem que se encontrava envolvida na relação de seu pai com a amante e a situação a levou a uma identificação com o pai em seu desejo por uma mulher (no caso, pela mesma mulher). Dissertando a respeito deste caso, Lacan faz uma releitura e considera que Dora, em verdade, não demonstrava desejar o que estava sob posse do pai (o pênis, conforme representa Freud), mas desejava ser como o pai, tendo para si a mulher que era objeto de desejo dele; estar no lugar de objeto de desejo desse pai; ou ser a mulher causa do desejo do pai, não por conta dele, mas pela mulher carnal representada nela (Zafiropoulos, 2009).

No tocante às três saídas freudianas à menina, Pickmann (2005) acrescenta que, quando a menina decepcionada com o pai edipiano, retorna ao amor da mãe e a toma como objeto, enquanto mulher, ela assim o faz no mesmo momento em que outras meninas escolhem o pai, enquanto homem, como escolha objetal. O autor indica que o laço da menina com a mãe, assim como sua identificação com o falo (da mãe), tornam-se um refúgio à menina que tivera a recente decepção edipiana.

Ressalta-se que Freud (1935) não considerava a homossexualidade uma condição passível de tratamento ou reversão, pois não a concebia como doença (Drescher, 2013; Vieira, 2009). Ademais, julgava a escolha objetal, independente se homossexual ou heterossexual, intrigante e motivo de investigação científica (Freud, 1905). Interessava-se, pois, por compreender o fenômeno e, dentre os textos que produziu sobre o tema, enfatiza-se o de 1920,

“Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina”, no qual disserta sobre a análise de uma jovem homossexual levada ao seu consultório pelo pai e que aqui será sucintamente apresentada.

Sidonie Csillag (pseudônimo de Margarethe Csonka-Trautenegg), nasceu em Viena, em 1900 e sua família (composta de pai, mãe, a própria Sidonie e seus três irmãos homens) eram da alta burguesia da época. Seu pai era um cavalheiro, muito gentil, inteligente e perspicaz, características que Sidonie herdara dele e, apesar de muito admirá-lo, sua mãe tentava afastá-la dele; a respeito de sua mãe, ela dedicava seu amor e cuidados principalmente aos filhos homens, deixando Sidonie de lado, impedindo, durante sua adolescência que se inserisse no que quer que dissesse respeito à feminilidade (Rieder & Voigt, 2008).

Durante a adolescência de Sidonie, alimentou para si o mesmo desejo de ter filhos. Entretanto, aos seus 16 anos, sua mãe engravidou de seu pai, o que a deixa furiosa para com ele, tomando-o como traidor e tornando isso uma regra para os outros homens, de forma inconsciente. Soma-se a isso o fato de que sua mãe, que ainda era jovem, recebia e desfrutava de todo galanteio que recebia dos homens, fazendo com que Sidonie percebesse que era vista como rival; a solução inconsciente que lhe surgiu, então, foi tomar sua mãe como objeto de desejo, transformando a raiva e carência que por ela sentia em admiração, proteção e amor (Freud, 1920).

Sidonie, então, volta-se às mulheres e põe-se a declarar seus sentimentos a uma baronesa, aproximadamente dez anos mais velha, ativa, elegante e mal afamada na sociedade, Leonie von Puttkamer. Esta resguardava-se para com Sidonie, não acatava seus afetos com a mesma reciprocidade e o ato máximo concedido era o de beijar-lhe a mão. Certa vez, enquanto caminhavam juntas, depararam-se com o pai de Sidonie, que já sabia da paixão de sua filha pela baronesa, e sob o severo olhar paterno de reprovação, Sidonie atirou-se da passarela por onde passavam, numa clara tentativa de suicídio (Rieder & Voigt, 2008).

Passou algum tempo acamada e recuperou-se bem, entretanto, seus pais, preocupados, buscaram o que pudesse retirá-la deste “caminho desviante”. Levaram-na até o psicanalista Freud, e este aceitou analisá-la a fim de apresentar um parecer sobre o caso, mas não necessariamente para curá-la. Sidonie, então com 18 anos, mantinha-se firme em sua paixão pela baronesa, porém era obediente para com seus pais e frequentava o consultório de Freud por respeito a eles (Freud, 1920).

Publicado em 1920, o texto de Freud “Sobre a Psicogênese de um Caso de Homossexualidade Feminina” traz observações sobre o trabalho realizado, das quais podemos apontar quatro: 1 – assumindo uma posição homossexual, Sidonie estaria “pondo-se de lado”, “retirando-se dali”, daquele lugar que representava uma rivalidade com a mãe, aquela que, então, elegeu como objeto de desejo, tal atitude seria vista por sua mãe com tolerância, quase que um favor; 2 – a jovem tem reforçada sua postura libidinal quando percebe que isso dava ao pai desgosto, assumindo tal posição também por desafio a ele, que a traiu dando um filho à mãe, e não a ela; 3 – renunciando do desejo de ter um filho e do amor masculino, Sidonie encontra em Leonie (e em todas as outras mulheres que posteriormente viria a amar) uma substituta para sua mãe; 4 – a dama por quem dedicava seus dias apresentava-se elegante, austera, sofisticada e inalcançável, traços que rememoravam os de seu irmão mais velho, o que resultava no encontro do seu ideal de mulher e do seu ideal de homem na mesma pessoa, permitindo que a paciente de Freud satisfizesse seus interesses tanto heterossexuais quanto homossexuais (Freud, 1920), quiçá bissexuais.

É válido lembrar que, apesar da estabilidade financeira de sua família, houve um período em que necessitou de um ofício e Sidonie escolheu ser governanta (Rieder & Voigt, 2008), justamente aquela que se encontra em posição servil e que tão bem se encaixa no discurso do amor cortês, que dita o outro como soberano e extrai seu prazer da relação com a Outra, neste

caso, *Outra mulher* (Azevedo, 2013). Tal questão é reconhecida por Pickmann (2005) como um prazer, um gozo, que nada deve ao homem e nem ao sexo (da ordem fálica).

Pickmann (2005) apresentou uma abordagem instigadora quando questiona se o incômodo que o caso de Sidonie ainda provoca em psicanalistas não seria decorrente de que sua recusa do homem, “longe de ser uma recusa da posição feminina”, descortina-se como tão somente uma recusa da “norma masculina” (p. 87). Nesse sentido, a mulher lésbica, e neste caso, Sidonie, se coloca em confronto com a ordem fálica, demonstrando que esta fracassou em fazer lei a ao menos uma mulher, que tem uma escolha objetal sem renunciar de sua posição feminina.

O caso de Sidonie é singular na psicanálise, sendo reconhecido como o único a tratar diretamente de questões lésbicas manifestas. É sabido, entretanto, que a lesbianidade se faz presente em todas as épocas da História, apesar de costumeiramente não ser de interesse das ciências (Maurano, 2013). Diante disso, remetendo à contemporaneidade, é de suma importância apresentar as pesquisas recentes dentro do referencial teórico da psicanálise que abordam as questões da lesbianidade. Serão apresentadas a seguir duas pesquisas, uma cujo enfoque se deu na conjugalidade de mulheres lésbicas que recentemente haviam passado por uma separação (Esteca, 2016) e a outra, com enfoque em relações homossexuais longevas, com casais que estivessem juntos há mais de vinte anos (Bertran, 2017).

Sobre a primeira pesquisa supracitada, tratou-se de um delineamento clínico-qualitativo interessado na compreensão da vivência do preconceito lesbofóbico no enquadre conjugal entre mulheres. Para tanto, a autora entrevistou cinco mulheres que recentemente haviam passado por uma separação conjugal, sendo que analisou a influência da heteronormatividade e da lesbofobia no vínculo amoroso e na conjugalidade dessas mulheres (Esteca, 2016).

A partir destas produções apresentadas, no discurso de três das cinco mulheres entrevistadas foram constatados padrões heteronormativos, fazendo com que haja uma postura

controladora assumida por uma das componentes do casal. Como apontado pela autora, a assunção do modelo patriarcal, até mesmo pelas mulheres de todas as famílias das entrevistadas, denuncia a influência que pode ter o machismo e a heteronormatividade na dinâmica conjugal, afetando a forma com que as mulheres possam existir em suas relações sem necessariamente ter de ser em papéis preestabelecidos e heteronormativos (de quem fica em casa e cuida dos afazeres domésticos ou de quem trabalha e provê o sustento, p. ex.).

Com relação à segunda pesquisa supramencionada, Berttran (2017), em sua pesquisa clínico-qualitativa, realizou entrevistas semidirigidas com quatro casais homossexuais (dois casais de mulheres e dois de homens), com mais de vinte anos de relacionamento, com e sem filhos de relacionamentos heterossexuais anteriores. Houve, ainda a utilização de seis pranchas do Teste de Apercepção Temática (TAT). A pesquisa objetivou investigar as relações conjugais e vinculares destes casais e de que formas seus relacionamentos eram afetados pela herança familiar heteronormativa.

Os resultados encontrados pela autora foram de que os casais apresentam uma consolidada relação conjugal, apresentam resolução conjunta e bem-sucedida dos conflitos que surgiram ao longo dos casamentos, alicerçados por afeto e apoio mútuos. Os casais entrevistados mantinham-se juntos por desejo próprio e desvinculados de uma expectativa ou pressão familiar ou social. É relevante apontar, ainda, para o questionamento que os resultados da pesquisa exercem à teoria, ao apresentar, na prática, que um casal homossexual (no caso, quatro casais) mantém e fortalece seu relacionamento, mesmo que em detrimento do reconhecimento de instituições sociais e culturais (Berttran, 2017).

Após traçado o percurso da lesbianidade na história e na psicanálise, é necessário considerar que alguns aspectos abordados acima remeteram à feminilidade, mas este tema não constou com a devida atenção. Segue-se, portanto, a contextualização histórica da feminilidade enquanto conceito e os olhares sob os quais a temática será abordada no presente trabalho.

2.3 A FEMINILIDADE

Conforme nos apresenta Ferreira (2014), se a dicotomia mulher/homem encontra suas justificativas na biologia, tamanha singeleza não seria possível no par feminino/masculino, uma vez que porta uma carga cultural, imaginária e ideológica que se faz determinante nas designações a mulheres e homens, em seus mais variados âmbitos de vida. O feminino/masculino que constituiriam, até hoje, a essência do ser mulher e ser homem decorre de desdobramentos das ciências ocidentais, dentre elas a filosofia, sociologia, psicologia e psicanálise. Serão abordadas a seguir as visões destas áreas de conhecimento, a fim de contextualizar o eixo da feminilidade nesta pesquisa.

Conforme apresenta Ferreira (2014) acerca da tradição filosófica de Platão e Aristóteles, embora pouco tenham elucubrado sobre a mulher, apresentavam-na de modo negligenciado, secundarizado ou irrelevante. Platão abarcou a semelhança como fator intrínseco e o homem como parâmetro, sendo que a mulher apenas conquistaria o mesmo estatuto de superioridade do homem se a ele se igualasse, imitando-o e renunciando de todos os seus atributos femininos, de sua feminilidade. Aristóteles, não menos pejorativo, abordou a mulher partindo da diferença, afirmando que o corpo da mulher é mais fraco e, portanto, sua alma igualmente o seria. Foi Aristóteles quem, de início, apresentou a concepção de passividade/atividade vinculada à feminilidade/masculinidade e quem afirmou ser a mulher um “homem mutilado” (Ferreira, 2014). Tal concepção encontra reminiscências na teoria psicanalítica, quando Freud (1924) afirma que a menina seria castrada, em contraste ao menino.

Da perspectiva sociológica e antropológica, Mauss (1974) concebe que cada cultura direciona seus membros a construir modelos de comportamento e de expressão corporal a depender de seus hábitos, crenças e tradições. Lipovetsky (2000) aborda que anteriormente na História, a mulher tinha o ideal de feminino relacionado à fecundidade, sendo que o corpo valorizado à época era o oposto do que hoje é designado como ideal, incentivado e influenciado

pela atuação midiática e cultural. Assim, é possível afirmar que o padrão de feminilidade é afetado pelas questões socioculturais e, caso seja o objetivo alcançá-lo, constitui-se em uma busca incansável (Santos et al., 2013).

Do ponto de vista da Psicologia, a definição do Dicionário de Psicologia da Associação Americana de Psicologia para o termo feminilidade apresenta-se como a “posse de comportamentos de papel social que presumivelmente são característicos de uma menina ou mulher” (Vandenbos, 2010, p. 417). Nesse campo de conhecimento, dentro do qual este trabalho circunscreve-se, diversas abordagens teóricas se fazem possíveis, tornando-se necessário apresentar o recorte que será feito, a psicanálise em algumas de suas vertentes.

Em princípio, a partir deste olhar, tem-se os estudos freudianos acerca do desenvolvimento psicosssexual infantil, sobre o qual Freud (1924) reconheceu haver lacunas em sua teoria aplicada à menina. Considerando que Freud desenvolveu sua teoria paulatinamente e com aprimoramentos e retificações ao longo do tempo, sua teoria acerca do desenrolar da feminilidade será apresentado neste trabalho considerando o desenvolvimento lógico, e não a ordem cronológica em que Freud apresentou seus textos.

Parte-se nesta exposição teórica da fatalidade da diferença sexual entre os sexos, que Freud (1931) apresentou em seu texto “Sobre a sexualidade feminina”, considerando que tal diferença sexual se faz presente quando a menina percebe que a ausência do pênis a diferencia dos meninos e compreende que não apenas a si foi negado o pênis, mas a todas as meninas e também mulheres adultas. Em sentido semelhante, em 1933, Freud (1933) afirma em “A feminilidade” que o abandono que a menina faz da mãe como objeto amoroso também decorre da decepção que recai sobre a pequena quando esta percebe que a mãe não se trata da mãe fálica (de posse do pênis, mas também, no sentido simbólico, da mãe onipotente, completa e a quem nada falta), que a mãe também é castrada. A menina, então, indigna-se e se revolta com a mãe, que leva a culpa de não a ter gerado menino. Diante e a partir de todas essas percepções da

menina, Freud (1925) aborda em seu texto “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” que ela desenvolveria uma inveja do que vê no menino e sabe que não possui, isso geraria a inveja do pênis e abriria vias para o complexo de castração.

Freud (1931) apresenta três saídas para a mulher quando diante deste complexo de castração, brevemente citadas no capítulo anterior: 1 – afastamento generalizado da sexualidade e de tudo relacionado a isso, renunciando, geralmente, também da atividade masculina em outros âmbitos da vida; 2 – desenvolvimento do complexo de masculinidade, no qual fica a menina a insistir e a desejar ter um pênis, o que a conduz a prosseguir seu desenvolvimento como se assim o tivesse, recusando a possibilidade de um desenvolvimento da feminilidade; 3 – desenvolvimento dentro da norma heterossexual, tendo o pai/homem como objeto de sua escolha amorosa, a menina deslocaria seu desejo por um pênis para o simbólico desejo de ter um filho com o pai, tomando-o como objeto de amor no lugar da mãe, ficando esta na posição de rival e alvo de ciúme.

No que alude à primeira saída, o próprio Freud (1933) considerava que ainda não tinha esclarecimentos suficientes a esse respeito. Acerca da segunda saída, o complexo de masculinidade consistiria na fantasia de se ser homem e assim atuar em sua vida cotidiana, levando (ou não) a mulher a uma escolha de objeto homossexual. Nesta saída possível, a menina identificar-se-ia à mãe fálica (poderosa, completa, fálica, a quem nada falta) ou ao pai para, assim, assumir uma posição mais ativa em sua vida, o que, nesse caso, poderia delinear uma escolha objetal homossexual. Freud (1933) ainda alegou que o complexo de masculinidade pode levar o desejo da menina em ser como o menino a ser sublimado no exercício de uma atividade profissional ou intelectual, mas não especificou a possibilidade de a sublimação ocorrer concomitantemente ao exercício de uma postura ativa da mulher.

Sobre a terceira saída para a mulher ofertada por Freud (1933), ocorreria por meio desta a sequência para o desenvolvimento da sexualidade feminina e, conseqüentemente, da

feminilidade “convencional”. Nesse sentido, o desejo da menina em ter um pênis se daria através da feminilidade concretizada, simbolicamente, no desejo de ter um filho, representante daquilo que a menina um dia demandou. Sinteticamente, acerca das três saídas frente ao complexo de castração, Silva e Folberg (2008, p. 53) apresentam que seriam elas: “renunciar à sexualidade, reivindicar o pênis ou aceitar a feminilidade”.

É de clareza do autor (Freud, 1931) que a fase de ligação primária da menina com a mãe tem relação íntima com o desenrolar da histeria enquanto estrutura psíquica neurótica, haja vista que tanto a estrutura quanto a relação mãe-filha possuem intrínseca conexão com a feminilidade. Dado o foco deste trabalho, não será abordada a questão concernente à estrutura clínica. Entretanto, tal elucidação é determinante para que se possa compreender o que foi dito por ele, em seu texto de 1931, “Sobre a sexualidade feminina”: mesmo quando a escolha objetal se dá de forma heterossexual para a mulher, o primeiro casamento de muitas mulheres (à constatação da época de Freud) costuma ser permeado por conflitos psíquicos e afetivos entre mulher e homem. Tais conflitos rememoram aqueles existentes entre a filha e a mãe, na relação primária de amor, ainda que o homem que se fez modelo para a filha buscar um parceiro tenha sido o pai. Diante deste apontamento, mesmo sem se alongar sobre as motivações, Freud constatou que a mudança afetiva da mãe como objeto para o pai é constituinte para o caminho que leva à feminilidade.

Um ponto relevante a ser abordado discorre sobre os pares de opostos ativo/passivo e masculino/feminino, considerando que o ativo se refere ao masculino e o passivo ao feminino, características que comumente atestam a feminilidade ou masculinidade. No entanto, há, em nota de 1915 (Freud, 1905, p. 139), a ressalva freudiana de que não haveria feminilidade ou masculinidade puras e que a constituição subjetiva e também biológica contaria com a combinação de traços de ambos os opostos. Essa posição é por ele reforçada em 1925, em “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”.

Em 1933, Freud (1933) assinalou incidir-se em um erro quando da associação da feminilidade à passividade e da masculinidade à atividade, considerando, a exemplo, que na relação mãe-bebê, a mãe é o componente ativo. Ele alerta, ainda, que as mulheres empreendem grandes esforços ativos nos mais variados contextos da vida e que os homens seriam incapazes de convivência social sem o desenvolvimento de seus impulsos passivos. No intento de desvincular a passividade da feminilidade, Freud (1933) esclareceu que esta tem por característica a inclinação a metas passivas, mas que a passividade não poderia ser encarada como característica feminina e, portanto, das mulheres.

Sobre a dualidade ativa/passiva para a menina, Freud (1931) afirmou que sua relação com a mãe se constrói de modo tanto passivo quanto ativo, sendo que a menina, por ser criança, demonstra preferência pela posição ativa. A exemplo, quando a menina (ou a criança) reproduz com irmãos mais novos ou bonecas os cuidados (passivos) que recebe da mãe (alimentação, limpeza, troca de roupas), está exercendo a mesma ação, mas na posição de atividade e não passividade, desta vez. Este exemplo demonstra a fluidez com que transitam as crianças nos âmbitos da feminilidade e da masculinidade, assim como exploram tais áreas com relativa liberdade.

Em seu último trabalho sobre a feminilidade, Freud (1933) reconheceu os limites da psicanálise acerca do tema, comparou a sexualidade feminina a um continente obscuro (Freud, 1926/2014) e, dada a escassez de estudos a esse respeito, afirmou a necessidade de estudos porvindouros. Cabe salientar a nota de seu editor, que apontou para a moralização social que permeava a psicanálise, uma vez que é possível compreender, afirma ele, que Freud insinuava haver em toda mulher uma nuance de vulgaridade e devassidão, o que tornaria a sexualidade feminina sôfrega pela liberdade e por ver-se alforriada das imposições sociais e morais, algozes do prazer feminino. A título ilustrativo, citam os casos Dora e da 'jovem homossexual' de

Freud, bem como a literatura vitoriana a fim de evidenciar que a liberdade sexual de uma mulher era fascinante, mas esta tinha o dever de mascarar-se e manter o *status quo* da hipocrisia social.

Foram apresentadas, sucintamente, abordagens científicas acerca da feminilidade, com maior destaque à visão da psicanálise freudiana. A elaboração realizada por Freud acerca do tema tem suma importância, porém psicanalistas contemporâneos puderam verter perspectivas diferentes de reflexão, as quais serão abordadas a seguir.

2.3.1 A Feminilidade a partir de Olhares Contemporâneos

Serão apontados nesta seção alguns posicionamentos teóricos acerca da feminilidade, temática que se apresenta ampla e complexa. Conforme apresentaram Bonfim (2014) e Soler (2005), a anatomia biológica é capaz de assegurar nosso registro civil, mas não tem alcance no que se refere a desejo e pulsão. Nesse sentido, o pênis é um marcador da diferença sexual, determinando quem será identificado como menino ou menina e quais modelos sociais correspondem a cada um. Em contrapartida, tais modelos são frágeis e não garantem nenhuma linearidade entre sexo, gênero, orientação sexual e a organização da economia libidinal do sujeito.

Diferentemente da psicanálise freudiana, que postulou que os sexos dividir-se-iam entre portadores e desprovidos do falo, a psicanálise lacaniana indica que tal partilha dos sexos ocorreria na ocasião do posicionamento que os sujeitos tomam frente à função fálica (Quinet, 2012). A função fálica corresponde à castração simbólica e, simultaneamente, ao gozo fálico (gozo sexual propriamente dito, do órgão genital).

Deste pensamento, convém sinalizar que o complexo de Édipo permite que se desenvolva uma posição masculina de estar no mundo, mas não uma posição feminina (Bonfim, 2014), vide a dificuldade que o próprio Freud (1926/2014) enfrentou na tentativa de elaborar o caminho edípico da menina. Soler (2005) apontou que, obviamente, as mulheres existem, mas

essa feminilidade intangível, que não é apreensível nem pelo biológico e nem pelo registro civil, trataria, portanto, da falta fálica, da sua essência de “ser castrada” e que a faz buscar o amor, para dele demandar o que lhe preencheria a falta simbólica.

Lacan (1958/1999) dissertou a respeito dos três tempos do Édipo em que, no terceiro tempo (da saída do Édipo), em consonância à emergência do Supereu, ocorreria a identificação do menino com seu pai por meio do ideal do eu, sendo que tal instância assume uma posição determinante para que seja declarada uma posição masculina ou feminina por ele. Segundo Teixeira (1991), explanando Lacan, tal identificação com o pai decorre do traço de masculinidade identificável e apreensível ao menino, por meio do significante fálico que lhe é apreensível. O pai, que já viveu a experiência da castração, desse modo, garante ao filho, nesta identificação, uma “virilidade por procuração” (p. 18) de que o menino fará uso para se relacionar com as mulheres em sua vida adulta, por exemplo.

Entretanto, para a menina tal identificação com a mãe não se faz possível, haja vista que a mãe, assim como a própria menina, não teria passado pela castração (já feita realidade pela anatomia) em sua própria vivência, nada havendo em si para dar à filha o que simbolize a feminilidade de todas as mulheres. Assim, de traço da feminilidade nada existe representado na mãe. Desse modo, o desprezo da menina pela mãe decorreria não absolutamente da ausência de um órgão (da “inveja do pênis”, como diria Freud), mas por perceber a mãe destituída de qualquer indício, qualquer significante, que lhe possa legitimar (ou sequer representar) sua feminilidade (Teixeira, 1991).

Pickmann (2005) afirmou que, diante dessa constatação, a menina se volta, então, ao pai, reivindicando dele algo que lhe afirme sobre sua própria feminilidade, uma vez que a mãe não se mostrou eficiente nesta tarefa. Contudo, se o pai tem como a única referência o falo, de nada saberia entregar à filha sobre a feminilidade ou similar. O que faz a menina retornar, em

muitas das vezes, novamente à mãe, na negação de sua castração e com a intenção de encontrar na figura materna uma identidade que fundamente o seu feminino.

Ressalta-se que o retorno à mãe não remete, necessariamente, a uma escolha homossexual de objeto, uma vez que pode ocorrer, mesmo quando a escolha objetal é heterossexual. Neste caso, também não resolutivo à problemática da feminilidade, a mulher permanece menina mesmo depois de adulta, em sua condição de subjugada à mãe fálica, cuja demanda é sempre inalcançável e insuperável, impedindo a mulher, da mesma forma, de encontrar a sua feminilidade em essência (Pickmann, 2005).

Também, por vezes, é possível que ocorra a insistência inconsciente da mãe em anular qualquer aspecto de feminilidade na filha, para que não seja alvo de um olhar desejante, para que seja para si somente uma ouvinte, não uma concorrente (Pickmann, 2005). Nessa circunstância, à mulher-filha resta apenas sua própria feminilidade e a relação ainda não compreendida com esta. Ela, então, pode se ver “forçada”, e livre, para escolher uma parceria amorosa com a qual poderá sustentar-se como mulher, seja qual for o sexo desta parceria. Pickmann (2005) afirma que, não raro, este primeiro contato amoroso pode ocorrer com outra mulher, na suspeita de que a outra saiba do que se trata a feminilidade que ela mesma não conseguiu encontrar.

Da perspectiva da psicanálise inglesa, tem-se que Winnicott (1966/2005) considerou a construção da feminilidade (e também da masculinidade) como essencial ao desenvolvimento humano como um todo, enfatizando o papel da relação materna para tal, uma vez que seria através dela que o bebê teria para si os primeiros sinais do que constitui uma essência feminina e masculina, independente do sexo desse bebê. Ele considerou que a menina tem em sua mãe o modelo para identificação e assunção da própria feminilidade, condicionado à presença de um amor paterno como predicado da relação que futuramente terá com um parceiro (Safra, 2009).

Na teoria winnicottiana, o complexo de castração faz emergir as questões edípicas e,

consequentemente, a menina teria que se haver com sua feminilidade, o que soluciona, a princípio, por meio do compromisso com a mãe, com quem teria sua identificação “por procuração”, que assim permanece até a puberdade, quando a cena edípica pode ser reeditada e sua feminilidade tem a mesma oportunidade (Safra, 2009). Esta elaboração teórica contraria a abordagem lacaniana apresentada anteriormente, por considerar que a menina teria uma feminilidade transmitida pela identificação com a mãe.

No contexto mais recente, há que se reconhecer que as teorias de gênero, em especial a teoria *queer*, têm provocado interrogações nos mais diversos campos de conhecimento. Com o avanço dos movimentos sociais feminista e LGBTI, em prol da igualdade de direitos e de reconhecimento social, também a psicanálise passou por uma revolução no que se refere ao gênero e a todo o arcabouço teórico que porta este vocábulo. Acerca da sexualidade feminina e da constituição da feminilidade, a teoria *queer* constituiu-se na intenção de questionar e problematizar não apenas a dicotomia de termos, como feminino/masculino, homem/mulher, feminilidade/masculinidade, mas também o juízo moral e carga sociocultural que tais expressões adquiriram historicamente na sociedade e na ciência.

Adentrando tal abordagem, tem-se Judith Butler, filósofa norte-americana que aborda as questões do gênero em si e das intersecções entre sexo biológico (vagina/pênis), gênero (identidade feminina/masculina) e desejo (homossexual, heterossexual ou bissexual). Butler (2003) parte do princípio de que gênero é uma construção social, mas não somente ele seria, como também a construção do sexo biológico e a vinculação desse ao gênero dito correspondente (vagina-mulher e pênis-homem).

A teoria *queer* não desconsidera as diferenças biológicas, uma vez que estão postas, mas determina que a relação atribuída como linear entre (sexo biológico)-(identidade de gênero)-(desejo sexual) seja uma construção social. Em outras palavras, Butler (2003) conceitua como construção social o discurso voltado, por exemplo, a quem nasce com uma vagina de que sua

identidade de gênero será feminina e que seu desejo sexual voltar-se-á a homens, necessariamente e sob uma relação de causalidade. Esta concepção é aventada pela filósofa como sendo um discurso traçado em um determinado contexto histórico a fim de atender a determinados interesses e, nesse sentido, qualquer indivíduo que se desvie desse padrão seria enquadrado como aberração e caracterizado como anormal, restando como corpos abjetos. Mediante tais aspectos, Butler (2003) colocou em questão o gênero e o discurso de (a)normalidade, propondo uma fluidez identitária dos sujeitos.

Esses questionamentos promovem o rompimento no pensamento binário (homem/mulher, feminino/masculino) e, conseqüentemente, na teorização psicanalítica da diferença sexual, binária, por definição. Considera-se que não há embasamento de que apenas exista a identidade binária de gênero e, portanto, são possibilitadas variadas formas de identidade sem que seja necessária uma relação de contigüidade predeterminada (Butler, 1998).

A teoria de Butler (2003) também aborda o conceito de performatividade, que consiste em desprender o conceito de identidade de gênero da fixidez que o termo 'identidade' implica; a performatividade busca reivindicar para o gênero a liberdade de suas práticas e propõe pensar a constituição do gênero por meio das repetidas ações individuais, subjetivas e cotidianas. Estas podem se enquadrar, ou não, em padrões que são identificados socialmente e representam, em sua uniformidade, a expressão de um gênero específico (mulher, homem, ambos ou nenhum).

A liberdade evocada nesse conceito encontra-se na própria delimitação de fronteiras dos gêneros, pois uma vez impostas, podem ser quebradas (Butler, 2003). A partir desta conceituação, pode-se pensar em variadas formas de se performar, por exemplo, a feminilidade, sendo que do sujeito a executar tal performance não se exige, necessariamente, que tenha nascido com uma vagina e nem que tenha sua orientação sexual voltada a homens.

Acompanhando o desenvolvimento da teoria *queer*, cabe abordar, também, a norte-americana Adrienne Rich e a francesa Monique Wittig. A contribuição de Rich (2010) a ser

abordada nesta pesquisa reside na articulação das conceituações de heterossexualidade compulsória e de existência lésbica; a primeira é apresentada enquanto sistema político imposto socialmente, alimentado desde a infância, por meio da idealização do casamento heterossexual e da extrema valorização do homem na vida das mulheres, restringindo a autonomia delas e controlando seus corpos e sexualidades. A segunda conceituação, da existência lésbica, é tratada enquanto subjetividade consistente, em termos de vivência não-heterossexual, validação e opondo-se tanto ao escopo clínico que as ciências e a psicanálise costumeiramente atribuem à lesbianidade quanto à utilização da homossexualidade masculina como ponto de referência das existências lésbicas.

Wittig (1992), por sua vez, abordou em sua produção “O pensamento hétero”, que as lésbicas não seriam mulheres, uma vez que a compreensão do par mulher/homem apenas consolida-se e toma sentido em uma lógica de funcionamento econômica, política e social absolutamente referenciada na heteronormatividade, no masculino e na ordem fálica. Para além desta premissa, Wittig também buscava repensar o movimento feminista a fim de elaborar um feminismo lesbiano e questionar a maternidade e matrimônio compulsórios, assim como elevar a lesbianidade a uma categoria política, revolucionária e reivindicatória, pontos nos quais suas reflexões e as de Rich convergiram (Lessa, 2007). Diante destas autoras, pode-se considerar que a feminilidade se torna, ela mesma, instrumento de questionamento, uma vez que, se a lesbianidade é vista como “antinatural” e as lésbicas não são consideradas “mulheres de verdade”, o que se digna a ser centralizado no debate é o próprio sistema político vigente (Lessa, 2007).

À luz da teoria exposta acerca da feminilidade, embora muito tenha sido elaborado a respeito do tema, é possível depreender que não há uma concepção consolidada ou uma estruturação delineada do desenvolvimento da feminilidade, muito menos um consenso acerca de sua conceituação. Nesse sentido, a presente pesquisa, longe de se propor a definir ou

asseverar do que se trata a feminilidade, presta-se a indagar às mulheres (e mais, ainda, às lésbicas) da atual sociedade o que significa a feminilidade para elas e como a expressam.

O interesse deste trabalho se faz na autopercepção dessas mulheres, molda-se na atenção aos atributos desta feminilidade contemporânea e se há diferenças na autopercepção da feminilidade entre mulheres que se relacionam com homens daquelas que se relacionam com outras mulheres, amorosamente. Sob o cuidado necessário para estabelecer os meios pelos quais se realizaria tal empreitada, faz-se necessário apresentar e contextualizar o terceiro e último eixo que compõe este trabalho, qual seja, a Avaliação Psicológica e também a relação deste campo com as homossexualidades.

2.4 A AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

Ao avançar no destrinchar dos temas envolvidos nesta pesquisa, cabe discorrer acerca da Avaliação Psicológica (AP), em seus aspectos conceituais e estruturais, abordando as metodologias que podem ser adotadas nesse processo. Também dar-se-ão breves exposições acerca de suas categorias nomotética e idiográfica, bem como as interpretações que podem ser aplicadas, especialmente aos testes projetivos e, de modo particular, ao TAT. Haverá, ainda, a apresentação da delicada relação entre a AP e a homossexualidade.

A AP apresenta-se como um processo de construção e elaboração de conhecimentos sobre questões e aspectos psicológicos decorrentes da interação do sujeito com a sociedade, sendo tal processo possível por meio do uso adequado e acurado de métodos e técnicas específicas, segundo o Conselho Federal de Psicologia (2003). Cabe apresentar que a AP é uma das mais antigas áreas da Psicologia e despontou principalmente na ocasião das duas grandes guerras, nas quais a psicometria e o desenvolvimento de testes psicológicos foram amplamente utilizados (Primi, 2010).

Para Campos (2013), a AP pode ser conceituada como um processo singular em cada caso e variável em suas etapas, regras e instrumentos. A AP, para o autor, demanda uma percepção que transcenda a mera acumulação de dados, exigindo do psicólogo a integração destes dados e ulterior interpretação adequada à complexidade de uma pessoa.

Assim, sendo um processo que possibilita a elucidação de instâncias psicológicas, constitui-se também como ponto de partida para o planejamento de ações e intervenções, podendo ser compreendida como atividade central da atuação de profissionais da Psicologia (Hazboun & Alchieri, 2013) e uma via de sistematização e operacionalização das teorias psicológicas, sem que seja limitada a uma área específica ou à produção de instrumentos (Primi, 2010). A AP pode ser realizada através de entrevistas, observações, técnicas, documentos, instrumentos e testes psicológicos, sendo passível de utilização em variados contextos de atuação, envolvendo desde o âmbito clínico ao sistema judiciário e prisional.

Os testes (ou métodos) psicológicos, uma das possibilidades para se realizar a AP, compõem-se de duas categorias principais: os testes psicométricos e os testes projetivos. Uma vez que esta pesquisa se utilizou da categoria projetiva, o enfoque empreendido incidiu sobre esta categoria. Tal divisão foi determinada pelo Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos (SATEPSI), órgão criado em 2001 pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), que regulamenta a qualidade técnico-científica dos instrumentos psicológicos em âmbito nacional.

As características que distinguem testes psicométricos dos projetivos podem ser descritas a partir dos campos em que se encontram: nomotético e idiográfico, respectivamente. O estilo nomotético de um instrumento psicológico possui embasamento psicométrico e empreende a busca por leis gerais e aspectos interindividuais que reflitam consistências comportamentais, é uma perspectiva que dialoga com leis matemáticas e análises estatísticas. Na observação de peculiaridades individuais, correlacionam-se as variáveis e, então, extrai-se um conceito; a origem desta tradição de pensamento está na base das teorias fatoriais de

personalidade de Cattell. De modo geral, procura as similitudes entre variáveis, analisa um item por vez, tende a apresentar itens padronizados e de respostas restritas, constitui-se principalmente por inventários e testes de inteligência no âmbito educacional, possuindo uma interpretação orientada na aplicação de leis gerais (Primi, 2010).

Em contrapartida, acerca do estilo idiográfico de um instrumento psicológico, embasa-se em modelos clínicos, inclinados a buscar um padrão intraindividual que seja singular e cuja configuração esteja relacionada a aspectos intrínsecos e idiossincráticos, havendo pouca probabilidade de repetição de tal padrão em outros casos. A perspectiva idiográfica encontra sua origem nas técnicas projetivas, que emergiram no intuito de elaborar uma visão mais livre dos aspectos individuais e suas variáveis, analisando-as como integrantes complementares de um indivíduo complexo e único. Em termos gerais, o panorama idiográfico busca semelhanças individuais, tenta analisar diversos aspectos simultaneamente, inclina-se a favorecer respostas espontâneas e abertas, compõe-se por testes projetivos em âmbito geralmente clínico e apresenta uma interpretação interessada na integração de dados particulares de um indivíduo (Primi, 2010).

Ambas concepções de análise, em suas especificidades, ofertam possibilidades distintas de apreensão da realidade subjetiva, mas longe de serem contraditórias, podem ser complementares, sendo adequado evitar a sobreposição de um estilo sobre o outro de forma a desconsiderar algumas variáveis devido a sua natureza mais objetiva ou subjetiva. Os estilos nomotético e idiográfico fornecem informações relevantes e qualitativamente diferentes sobre o mesmo caso, reside neste aspecto a riqueza de cada uma. É aventado que ambas as perspectivas sejam utilizadas no intento de se produzir um material de maior qualidade e confiabilidade, considerando que ambas figuram na AP como vias de acesso à realidade psicológica do indivíduo que se quer alcançar e deveriam, portanto, contracenar de maneira amistosa, não adversária (Campos, 2013).

Em se tratando do enfoque deste trabalho, é válido expandir a apresentação sobre as técnicas projetivas, caracterizadas, portanto, pela perspectiva idiográfica. Esta possibilita que características pessoais possam emergir de forma indireta, evitando possíveis resistências, além de colaborar para que o aspecto eleito como objeto de estudo possa ser representado pelo sujeito e seja por ele significado a partir de sua realidade e suas experiências particulares. Sobretudo, permite o acesso aos conteúdos individuais que são de grande riqueza para o contexto clínico (Campos, 2013).

Em acréscimo, segundo Miguel (2014), as técnicas projetivas configuram-se pela apresentação de estímulos mais vagos e de menor estruturação, o que possibilita uma gama maior de respostas possíveis, promovendo o acesso a informações a respeito do sujeito que provavelmente não estariam disponíveis de outra forma, seja pela natureza inconsciente da informação ou simplesmente por não querer evidenciá-la (Rocha-Pinto, 2014). Tais instrumentos permitem que sejam identificados aspectos subjetivos movidos por necessidades internas e, também, características do funcionamento psíquico compreendidas pelas teorias psicodinâmicas (Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006). Segundo estas autoras, têm-se como medidas projetivas mais comumente utilizadas nacional e internacionalmente, o Método de Rorschach no Sistema Compreensivo (RCS), o Desenho da Figura Humana (DFH) e o Teste de Apercepção Temática (TAT). Ademais, podem ser citados como métodos projetivos as Pirâmides Coloridas de Pfister, Casa-Árvore-Pessoa (HTP, em inglês) e o Teste de Apercepção Infantil, em suas versões com figuras animais e humanas (CAT-A e CAT-H).

Retomando sobre as distinções entre os instrumentos psicológicos psicométricos e projetivos, dois dos atributos que os separam tratam: 1 – do processo de validação dos seus instrumentos; 2 – do referencial teórico predominante a embasar a aplicação, correção e interpretação dos resultados destes métodos. Serão apresentados alguns aspectos destes dois tópicos com enfoque inclinado aos testes projetivos.

Sobre a validação dos testes projetivos, Villemor-Amaral (2008) apresentou que a validade teórica está a serviço destes instrumentos, dado que sua natureza, interesse e finalidade distinguem-se substancialmente das psicométricas. A autora ressalta que os métodos projetivos derivam de um contexto clínico e nele encontram sua maior aplicabilidade, ainda que possam se mostrar eficazes em outros contextos, conforme apresentou Rovinski (2008), a exemplo, sobre o uso do Teste Rorschach nos diversos âmbitos do contexto forense. De maneira bastante apreensível, utilizando-se de excertos de um conto, Villemor-Amaral (2008) reflete hipoteticamente acerca de uma aferição da experiência individual no tempo e no espaço, assim como a experiência do pouco, do imenso, do rápido, e alega que medir tal vivência poderia eficazmente ocorrer pela estimativa média das percepções entre dois pontos no tempo e no espaço. Contudo, tal experimento nada poderia fornecer em termos de intensidade ou vivacidade dessa experiência, ou mesmo da comparação entre esse tempo e outros tempos experimentados pela mesma pessoa.

Diante desta reflexão, Villemor-Amaral (2008) dissertou sobre as considerações teóricas acerca do tempo e do espaço do ponto de vista de variados autores de duas teorias: a psicanálise e a psicopatologia fenômeno-estrutural. Sua exposição fica à serviço de sua intenção, qual seja, demonstrar que as convergências teóricas podem e têm consistência para validar estratégias de investigações psicológicas, que pouco se aproveitam da psicometria. Cabe à pesquisadora, então, esquadrihar as entidades teóricas a fim de que se possam fazer presentes e congruentes em uma pesquisa as concepções que embasem as experiências, os afetos, as significações, as similitudes e as dissonâncias de determinado foco individual de investigação, a fim de demonstrar que tais evidências também puderam ser adquiridas pelo método projetivo.

Uma vez que a psicanálise será utilizada como aporte teórico nesta pesquisa, é assertivo assinalar que é inviável para a mente produzir conteúdos sem matéria prima inicial, ou seja, requer reminiscências de registros passados, que até podem assumir significados diferentes no

presente, mas não deixam de remeter a um momento e um afeto pregresso (Freud, 1909/1996). Nesse sentido, estes métodos de investigação viabilizam o afloramento de fenômenos psicológicos, por meio da expressão indireta dos mecanismos de funcionamento da estrutura psíquica do indivíduo (Villemor-Amaral, 2008).

O segundo ponto característico dos métodos projetivos, referente à abordagem teórica utilizada na aplicação, correção e interpretação dos testes, requer sopesar que a própria denominação remete, com frequência, ao aporte psicanalítico, o que não necessariamente se faz impreterível (Miguel, 2014; Villemor-Amaral, 2008).

Há que se reconhecer a derivação do termo “projetivo” do conceito de projeção, que conquistou maior notoriedade após ser apropriada pela psicanálise, quando Freud empregou o termo no caso Schreber, em 1913, embora já fosse utilizado anteriormente por outras áreas de conhecimento, como a física, a fisiologia e a neurologia (Fonsêca & Mariano, 2008). Os métodos projetivos foram denominados pela primeira vez por Lawrence Frank, em 1939, quando associou o termo “projetivo” às expressões inconscientes presentes em produções humanas.

Segundo Fonsêca e Mariano (2008), o termo foi empregado a fim de representar o ponto de convergência entre o teste de Associação de Palavras de Jung, de 1904; o teste Rorschach, de 1920; o teste do Desenho, de 1923 e o Teste de Apercepção Temática (TAT), de 1935. De acordo com Frank, estes instrumentos possibilitavam uma percepção integral da personalidade, sendo apontados por ele como ferramentas eficientes no processo psicodiagnóstico da Psicologia.

Essas mesmas autoras referem que instrumentos caracterizados como projetivos possibilitam uma maior acessibilidade à personalidade de uma pessoa em decorrência da ambiguidade encontrada em seus estímulos e a liberdade de respostas, as quais incentivam a responder à tarefa proposta com menos medo ou relutância. Anzieu (1981) relatou que Freud

caracterizou a projeção como um mecanismo de defesa em que o sujeito transfere a outra pessoa os afetos que censura; desse modo, com as técnicas projetivas, o sujeito desloca tais afetos para o material apresentado. Ao longo da obra freudiana, explana-se que o mecanismo da projeção altera a percepção interna do sujeito sobre o conteúdo alvo da projeção e este é apreendido como um fator externo pela consciência.

Cumprido acrescentar que o termo projeção, sendo utilizado no contexto da avaliação psicológica, já figura como sendo maior que o mero conceito psicanalítico, apontado como um mecanismo por meio do qual o sujeito consegue externalizar seus afetos, pensamentos e angústias (Bandeira et al. citados por Scaduto & Barbieri, 2013). Nesse sentido, Chabert (2004) relacionou a interlocução ideal entre o psicólogo condutor da investigação e o sujeito a quem será aplicado o teste projetivo em analogia à função de “mãe suficientemente boa”, de Winnicott, uma vez que à semelhança desta mãe com sua criança, cabe à pesquisadora manter uma distância acolhedora, mas não invasiva, de seu sujeito. Este, por sua vez, idealmente, poderá encontrar na situação projetiva um ambiente em que se sinta seguro para expor seus conflitos, afetos e representações na forma de produções que podem ser tão complexas quanto sutis.

A respeito da interpretação, os testes projetivos são passíveis de duas vertentes de interpretação psicolinguística, a função paradigmática (palavra) e a função sintagmática (mensagem). No caso do TAT, por exemplo, a função utilizada, de modo geral, é a sintagmática, cujo foco é no conteúdo expresso pelas histórias contadas (Fonsêca & Mariano, 2008). Cabe declarar que o TAT é composto por 31 cartões com imagens de situações humanas, sua aplicação é individual e há recomendação (no manual atualmente aprovado para uso pelo SATEPSI) de que sejam selecionados 20 cartões para sua aplicação; a tarefa a ser solicitada é que, para cada imagem apresentada, seja contada uma história com enredo completo (início,

meio e desfecho) e que constem sentimentos e pensamentos das personagens (Murray, 1943/2005).

Em uma interpelação mais específica, Scaduto e Barbieri (2013) discorreram sobre o TAT, principalmente no contexto brasileiro. Apresentam o uso do teste nos cenários clínico, judiciário e de saúde, inclusive por psicólogos comportamentais, em contraste à restrita produção de material relacionado no sentido de produzir normas de referência que fundamentem e validem a escolha dos cartões, por exemplo. Asseveram:

“Apesar de essas pesquisas mostrarem a riqueza de possibilidades investigativas que podem ser derivadas do TAT, seu alcance é limitado pela variedade de sistemas de codificação e escolhas de cartões, sem evidências empíricas que suportem a validade de tais escolhas” (Scaduto& Barbieri, 2013, p. 301).

Os autores ainda apontam para a distância que se produz entre a prática e a pesquisa, como consequência da lacuna de produções científicas, principalmente psicométricas, que possam servir de sustentáculo operacional e sistemático, a respeito de normatizações para o TAT. Apesar de considerarem que existem pesquisas acerca deste aspecto, ressaltam que a maioria é internacional, necessitam de atualização ou são pesquisas relacionadas a uma quantidade reduzida de cartões.

Scaduto e Barbieri (2013) reconheceram, no entanto, que a corpulência do instrumento está no seu caráter idiográfico e salvaguardam que a preocupação reside justamente na possibilidade de um aproveitamento integral das potencialidades do TAT, que poderia ser alcançado pela integração das duas perspectivas idiográfica e nomotética, sem que uma seja preterida à outra. Após esta exposição, dispõem como possível via de normatização o sistema de Morval, de 1982, cujo embasamento teórico articula conceitos psicodinâmicos e cognitivos para uma operacionalização das histórias incitadas pelo TAT.

Conforme expõe Scaduto (2016), o sistema morvaliano apresenta categorias formais para aspectos estruturais das histórias (adaptação à tarefa, contexto da trama, desfecho) e para aspectos subjetivos do herói (identidade, necessidades, estilo de conduta, níveis evolutivo e de

performance); também explana acerca da operacionalização das funções egóicas que podem se apresentar nas histórias (processo de pensamento, relações interpessoais, regulação e controle dos afetos e sentimentos, entre outros).

Havido contextualizado o âmbito da AP, é relevante que se realize uma retomada histórica sobre a especificidade da relação entre a AP e as homossexualidades. Tal percurso encontra relevância, uma vez que colabora na elucidação sobre a importância de pesquisas que enlacem ambos os campos.

2.4.1 A Avaliação Psicológica e as Homossexualidades

A ciência psicológica, e principalmente a AP, carrega a responsabilidade histórica (durante a maior parte do século XX) de: 1 – ter se posicionado como legitimadora e perpetuadora da discriminação contra a diversidade sexual; 2 – de ter infligido a lésbicas e *gays* técnicas de tortura após laudos diagnósticos de doença mental por “transtorno de identidade sexual”, segundo o DSM em suas duas primeiras edições; 3 – de ter endossado a patologização da homossexualidade por meio da manipulação de interpretações de testes projetivos como o Desenho da Figura Humana e o Teste Rorschach, sendo que se negligenciava nos resultados qualquer influência do abandono familiar, do preconceito social e da segregação a que eram submetidas as pessoas dissidentes da heterossexualidade (Costa & Nardi, 2013).

Uma psicóloga foi pioneira, em 1957, ao questionar a utilização da avaliação psicológica para determinar orientação sexual e ao desafiar a patologização sistemática da homossexualidade: Evelyn Hooker aplicou o Teste Rorschach em 30 homens heterossexuais e em 30 homens homossexuais, sem quaisquer indicadores de psicopatologia; em seguida, solicitou que juízes cegos avaliassem os resultados e indicassem a qual grupo pertenciam e se havia evidência de psicopatologia. Ocorre que todos os participantes foram classificados de forma muito aproximada e com alto nível de ajustamento social, o que permitiu à autora da

pesquisa deprender que a homossexualidade não deveria ser classificada como doença (Costa & Nardi, 2013). É notável que não há registros de pesquisas da época, com intuito de lutar contra a patologização da homossexualidade, que tenham sido realizadas com lésbicas.

Mesmo após a publicação dos resultados de Hooker, lésbicas e *gays* permaneceram sob o estigma de patologia por mais 16 anos, quando a homossexualidade foi retirada do DSM e desencadeou uma postura de consenso sobre o tema das principais entidades mundiais de saúde e saúde mental (Costa & Nardi, 2013; Paoliello, 2013). É relevante apontar que a Associação Americana de Psicologia (APA) e o Conselho Federal de Psicologia (CFP) retrataram-se formalmente quanto às injustiças cometidas contra as minorias sexuais.

A primeira emitiu uma resolução em 1975, em que afirma sua consonância com a Associação Americana de Psiquiatria, que retirou a homossexualidade do DSM em 1973, e afirma que a homossexualidade não configura doença, além de recomendar a revogação de quaisquer leis discriminatórias (Conger, 1975). O CFP, por sua vez, para além de sua Resolução 01/1999, que reitera a homossexualidade como uma variante da sexualidade e não como patologia, também apresentou-se em defesa dos direitos humanos e da diversidade sexual em sua Resolução nº 9, de 25 de Abril de 2018, que versa sobre a realização da AP. Neste documento consta um tópico intitulado “Justiça e Proteção dos Direitos Humanos na Avaliação Psicológica”, em que é vedado ao profissional de Psicologia realizar atividades que atentem contra os direitos humanos e, mais especificamente, que induzam orientação sexual ou que reforcem estereótipos e preconceitos, seja na realização da AP ou de qualquer das etapas, da produção à utilização, no manejo de instrumentos psicológicos (Conselho Federal de Psicologia, 1999). O primeiro documento do CFP com este teor de informação foi publicado em 2012, em sua Resolução nº 005.

A mudança de paradigma no que se refere às homossexualidades e à diversidade sexual proporcionou a revisão de instrumentos psicológicos utilizados na AP, revogando o uso

daqueles que atentavam contra os direitos humanos e a diversidade sexual. A exemplo, pode-se constatar no SATEPSI que, em 2013, o Inventário Fatorial de Personalidade (IFP) foi aprovado em sua segunda versão, sem a categoria “Heterossexualidade”, constante na versão anterior.

Consciente do passado, a Psicologia vem buscando realizar pesquisas com enfoques mais abrangentes e menos discriminatórios, que têm tomado espaço no que se refere à diversidade sexual. No entanto, é possível perceber que a AP permanece sem a predileção de pesquisadoras(es) da diversidade sexual e teorias de gênero. Nesse sentido, em busca nas principais bases de dados (SciElo, PePSIC, BVS-Psi e Periódicos CAPES), foi possível encontrar três trabalhos que mantiveram relação entre instrumentos de AP e a homossexualidade ou a feminilidade: foram as publicações de Barros, Natividade e Hutz (2013); Gato, Fontaine e Leme (2014) e Bertran (2017), salvo possível lapso da pesquisadora.

Os primeiros autores contextualizam e descrevem o processo de construção e validação de um instrumento de medida de papéis de gênero, baseado no estrangeiro *Bem Sex Role Inventory* (BSRI) e composto por duas escalas: uma de Feminilidade e outra de Masculinidade. O inventário apresenta uma lista de adjetivos e o sujeito deve assinalar se considera os adjetivos como sendo característicos de homens ou mulheres. Dentre os resultados apontados pela pesquisa, no que tange à orientação sexual dos participantes, foram comparadas as médias dos resultados de mulheres heterossexuais e não-heterossexuais, assim como de homens de ambas categorias.

Os resultados obtidos por mulheres “não-heterossexuais” apresentaram pontuação mais elevada na escala de Masculinidade, se em comparação às mulheres heterossexuais. Os autores assinalam como motivação para tal resultado a diminuição gradativa da participação de figuras masculinas na vida de mulheres não-heterossexuais e, em consequência, deparam-se com a necessidade de desenvolver maior autonomia e independência, características que são

frequentemente relacionadas a aspectos masculinos. Há a ressalva dos autores, entretanto, de que isso não implica em uma ‘masculinização’, no sentido comum do termo, dessas mulheres.

O segundo estudo supracitado (Gato, Fontaine & Leme, 2014) refere-se à validação e adaptação (do contexto de Portugal ao do Brasil) do instrumento Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e Gays (EMAFLG). Este trabalho resgatou que, historicamente, instrumentos semelhantes vinham sendo desenvolvidos a fim de verificar o preconceito contra pessoas homossexuais, para além dos estereótipos de masculinidade e feminilidade que percorrem o senso comum, entre outros aspectos. O instrumento avaliado apresentou indicadores satisfatórios de validade do construto em três componentes: fatorial, convergente e discriminante; do mesmo modo, foi verificada a legitimidade de sua utilização em uma cultura diferente daquela na qual foi originalmente idealizada e aplicada.

O terceiro estudo apresentado (Berttran, 2017), mencionado anteriormente no capítulo sobre a lesbianidade, foi realizado a fim de analisar o vínculo e a dinâmica conjugal entre quatro casais homossexuais longevos e os efeitos que uma história heteronormativa de vida possa ter tido em seus relacionamentos. Além da entrevista semidirigida com os casais entrevistados, foram selecionadas para a pesquisa seis pranchas do Teste de Apercepção Temática (TAT), cujas imagens representadas tinham o objetivo de evocar questões vinculares e da dinâmica conjugal. As aplicações e interpretações do TAT contribuíram para a consistência dos dados encontrados pela pesquisadora, assim como colaboraram com a apreensão do vínculo a ser pesquisado. Um fator relevante a ser considerado é que a escolha adequada das pranchas permitiu que o recurso projetivo do teste promovesse resultados substanciais.

É possível considerar que estudos como os supracitados colaboram com a aproximação amistosa da AP com as homossexualidades, sendo que a presente pesquisa busca também perfazer tal possibilidade. Diante da apresentação dos capítulos a respeito da lesbianidade, da

feminilidade e da avaliação psicológica, o capítulo que se segue carrega o intuito de entrelaçar os três âmbitos, apresentando o cerne desta pesquisa e visando englobar os aspectos deste tripé.

2.5 FEMINILIDADE, LESBIANIDADE E O TAT

Haja vista as exposições realizadas acerca dos temas que permeiam esta pesquisa, cabe finalmente realizar o enlaçamento destes, em busca de relacionar aspectos que, mesmo dentro do domínio da Psicologia, não costumam estar entrecruzados. É pertinente afirmar que a escolha em usar o Teste de Apercepção Temática (TAT) como instrumento para investigar sobre a feminilidade em mulheres lésbicas decorre da ampla possibilidade de conteúdos, considerando seu caráter projetivo e a feminilidade enquanto conceito passível de apresentar traços singulares condicionados à subjetividade e às experiências de quem o responde. Remetendo ao que foi declarado por Villemor-Amaral (2008), a escolha do instrumento deu-se na intenção de que a interlocutora da pesquisa atue como tradutora dos símbolos que serão apresentados, sendo que os sentidos destes construir-se-ão na relação permeada pelo TAT.

Os conteúdos capazes de emergirem das pranchas do TAT proporcionaram um material rico e extenso que contribuiriam na apreensão de como as mulheres contemporâneas expressam sua feminilidade, como a percebem e como essa(s) feminilidade(s) afetam suas vivências subjetivas. Não se esperou, todavia, que tais conteúdos emergissem espontaneamente e, devido a isso, decorreu-se a escolha de um instrumento projetivo, por meio do qual a pesquisadora assumiu a tarefa de descortinar simbologias e metáforas que poderiam estar inacessíveis até pela própria mulher, sujeito da pesquisa.

Ao articular três grandes temas, quais sejam, lesbianidade, feminilidade e investigação projetiva, é cauteloso não ignorar que o nível de estruturação das produções (histórias) será anunciador das condições estruturais das mentes das mulheres, a depender da “coesão, labilidade, rigidez ou flexibilidade”, bem como portará a mensagem sobre o estado de saúde

ou de patologia da pessoa (Villemor-Amaral, 2008, p. 106). Assim, na clareza de que o nível de estruturação dos conteúdos expressos interfere diretamente na qualidade da apreensão do conceito da feminilidade auto percebida, compete que a pesquisadora não se furte do apoio técnico e conhecimento teórico suficientes para apreciar cuidadosamente cada caso que comporá a pesquisa.

Também há de se enfatizar que a utilização dos métodos projetivos (ou de auto expressão, uma vez que não necessariamente assentam-se na psicanálise) implica no emprego de “parâmetros estruturais e diretrizes temáticas desenvolvidos pelas teorias” a servirem de alicerce durante todo o trajeto da pesquisa (Villemor-Amaral, 2008, p. 106). A assunção dos três âmbitos envolvidos neste trabalho não desconsidera essa delimitação.

No que diz respeito às pesquisas recentes que entremearam ao menos dois dos temas desta pesquisa (Barros et al., 2013; Bertrran, 2017; Gato et al., 2014), apenas a segunda utilizou-se de um instrumento projetivo na investigação de aspectos relacionados à homossexualidade, sendo que as outras duas produções tiveram a predominância do caráter psicométrico em suas pesquisas. Sublinha-se que em nenhum dos casos houve análise específica ou correlação entre a homossexualidade e a feminilidade das pessoas pesquisadas. Nesse sentido, desvelam-se o ineditismo e a justificativa desta pesquisa, cujo intuito consolida-se na representatividade e visibilidade lésbica e feminina que podem ser propiciadas no campo da Avaliação Psicológica; na colaboração com os estudos ‘em defesa do TAT’ (Scaduto & Barbieri, 2013) e com a consolidação de diferentes sistemas de codificação do material; bem como na módica contribuição na tentativa de retratação para com o processo histórico de patologização da homossexualidade e, neste caso, mais especificamente, com a lesbianidade. É possível, ainda, cogitar que, por meio da pesquisa sobre as diversidades humanas, contribui-se com a construção de uma sociedade mais equidosa.

Mediante tais justificativas, faz-se necessário apresentar os objetivos desta pesquisa, sendo que o objetivo geral se define por analisar como as mulheres lésbicas percebem e expressam sua própria feminilidade, por meio do Teste de Apercepção Temática (TAT), em contraste às mulheres heterossexuais. Especificamente, tem-se como objetivos: 1 - investigar quais foram as necessidades psicológicas das heroínas nas histórias que emergiram com mais frequência e intensidade; 2 - verificar se há diferença na autopercepção da feminilidade entre mulheres lésbicas e mulheres heterossexuais.

3 MÉTODO

A presente pesquisa configura-se como uma pesquisa de tipo descritiva e exploratória. Teve como ponto de partida os dados coletados de dois por meio de um instrumento projetivo: o Teste de Apercepção Temática (TAT).

3.1 PARTICIPANTES

A amostra foi composta por 40 mulheres que se encontravam na faixa etária de 25 a 35 anos, sendo que metade se identificava como lésbica (homossexual) e a outra metade, como heterossexual. Um dos critérios de inclusão desta pesquisa foi que todas as participantes estivessem em um relacionamento (namorando, residindo com ou casadas com suas/seus cônjuges) há, pelo menos, dois anos e encontrassem-se domiciliadas na região norte do estado do Paraná. A participação ocorreu de modo presencial e individual.

3.2 INSTRUMENTOS

3.2.1 QUESTIONÁRIO DE INFORMAÇÕES BÁSICAS

Cada participante respondeu a um questionário inicial, nele eram identificados dados pessoais relevantes para a pesquisa (idade, data de nascimento, profissão, status de relacionamento, orientação sexual, nível de escolaridade, idade da/o cônjuge, tempo total do relacionamento, religião e, em caso afirmativo, se é praticante) (Apêndice A). Este questionário foi elaborado segundo as informações consideradas relevantes segundo o manual do teste (Murray, 1943/2005) e foram acrescentadas informações que poderiam ser relevantes para posterior análise, caso determinados conteúdos emergissem (religião, p. ex.). Para as participantes que se enquadravam no grupo de mulheres lésbicas, foram feitas duas perguntas

adicionais: “A partir de qual idade você identificou-se como lésbica ou percebeu que tinha interesse em mulheres?” e “Considera-se assumidamente lésbica em todos os âmbitos de sua vida (família, trabalho, amigos, etc)?”.

3.2.2 TESTE DE APERCEPÇÃO TEMÁTICA – TAT

Em seguida, o instrumento utilizado para a coleta dos dados foi o teste projetivo Teste de Apercepção Temática (TAT). Originalmente elaborado por Henry A. Murray, em 1943, tem como objetivo acessar componentes da personalidade e das vivências por meio da interpretação das histórias que conta a partir de uma série de ilustrações que lhe são apresentadas (Murray, 1943/2005).

O TAT é composto de 31 pranchas cujas imagens apresentam, de forma geral, pessoas em situações cotidianas, sendo que algumas pranchas são mais estruturadas que outras, elemento que favorece o caráter projetivo do instrumento. A aplicação ocorre de forma individual e o manual recomenda a escolha de até 20 estímulos, cujas figuras humanas representadas sejam do mesmo gênero do sujeito participante e, preferencialmente, de idade próxima. Os estudos de precisão e validade do TAT para o contexto brasileiro são de autoria de Maria Cecília de Vilhena Moraes Silva e constam no manual do TAT (Murray, 1943/2005).

Cada prancha do TAT é identificada em sua parte posterior por um número que designa a ordem em que o estímulo deve ser apresentado. Este número pode ser acompanhado ou não de letras que indicam o gênero e/ou faixa etária a quem as pranchas são recomendadas, sendo que MF refere-se ao sexo feminino (moças e mulheres); HF refere-se a adultos (homens e mulheres) e RH refere-se ao sexo masculino (rapazes e homens) (Murray, 1943/2005).

Para a categorização das aplicações do teste, foi utilizado o sistema morvaliano, desenvolvido por Monique Morval, em 1982, baseado na personologia de Murray e em aspectos

da Psicologia do Eu. Segundo Scaduto (2016), que padronizou o sistema morvaliano para o contexto brasileiro, este sistema objetiva categorizar os resultados do TAT em propriedades “que permitam conhecer o nível de funcionamento dos mecanismos de defesa (...) e das chamadas funções egoicas, por ela entendidas como os recursos positivos da personalidade necessários à adaptação à realidade e à construção de um senso de identidade” (p. 41).

Para esta pesquisa foram selecionadas e aplicadas 13 pranchas que apresentam, de acordo com o manual do instrumento, aspectos que podem se relacionar com a teoria trazida neste trabalho acerca da lesbianidade e da feminilidade. Portanto, as pranchas selecionadas evocam potencialmente tais conteúdos nas histórias coletadas. Os estímulos selecionados estão descritos a seguir, com o título e aspectos apresentados pelo manual, que motivaram a seleção de cada prancha. Ressalta-se que a prancha 9MF é o único estímulo que apresenta duas mulheres de mesma idade e em situação não agressiva.

3.2.2.1 Prancha 1 – o menino e o violino

A seleção deste estímulo decorre da condição de neutralidade que, em geral, se apresenta na imagem, que possui alguma estruturação e possibilita à participante a adaptação à tarefa e à situação de aplicação do teste. Pode haver omissões quanto ao arco, ao violino ou a ambos.

3.2.2.2 Prancha 2 – a estudante no campo

Este estímulo pode evocar questões referentes às relações familiares e, em especial, com os pais, além de possibilitar histórias com conflitos nos papéis femininos de maternidade e carreira profissional. A presença de três personagens permite a emergência de relações amorosas e, quanto às omissões, pode-se omitir a gravidez da mulher em segundo plano

3.2.2.3 Prancha 3 RH (masculina) – curvado sobre o divã

Embora seja indicada para pessoas do sexo masculino, o próprio manual indica utilizar para sujeitos do sexo feminino em decorrência da ambiguidade da personagem representada. Pode evocar sentimentos relacionados a desespero, tristeza, depressão e abandono. É possível que haja distorção ou omissão da arma.

3.2.2.4 Prancha 5 – a senhora na porta

A mulher representada pode evocar uma figura de autoridade e de repreensão (mãe ou esposa), possibilitando emergir conteúdos antissociais, de castração ou de culpa. É possível haver distorções quanto ao sexo da personagem ou quanto ao ambiente representado.

3.2.2.5 Prancha 6 MF (feminina) – mulher surpreendida

Esta prancha possibilita que se expressem questões com a figura paterna, inclusive quanto a segredos. Pode ocorrer, ainda, de surgirem conteúdos relacionados ao contato afetivo-sexual de um parceiro.

3.2.2.6 Prancha 7 MF (feminina) – menina e a boneca

Permite que se manifestem conteúdos relacionados à figura materna, que pode ser apresentada de diferentes perspectivas, desde modelo a oposição às satisfações da heroína. Ainda, é possível que a maternidade também seja um tema presente, haja vista que a boneca nas mãos da menina pode levar a tal problemática.

3.2.2.7 Prancha 9 MF (feminina) – duas mulheres na praia

O manual apresenta que este estímulo pode evocar questões como “competência feminina, espionagem, culpa, perseguição” (p. 17). Podem emergir, ainda conteúdos relacionados à contraposição entre ego ideal e ideal de ego.

3.2.2.8 Prancha 10 – o abraço

Esta prancha pode estimular sentimentos de conflito entre um casal, comumente envolvendo questões afetivas. Havendo distorção no sexo do casal, permite a emergência de conteúdos mais complexos.

3.2.2.9 Prancha 11 – paisagem primitiva de pedra

Trata-se de um estímulo bastante indefinido e sem muita estrutura, permite a emergência de conteúdos simbólicos e de atitudes frente ao que é desconhecido e perigoso. Pode haver distorções, omissões e simbolizações de diversos itens da figura, levando em consideração o caráter abstrato da prancha.

3.2.2.10 Prancha 13 HF (adulta) – mulher na cama

Apresenta-se como um estímulo dramático, evocando principalmente questões relacionadas a sexo e em relação às mulheres. É possível que haja distorções e omissões em relação ao ambiente representado e à mulher deitada ao fundo, respectivamente.

3.2.2.11 Prancha 14 – homem na janela

Esta prancha possibilita temas relacionados ao autoquestionamento e introspecção, bem como aspirações. Uma distorção possível é a percepção da personagem com sexo trocado.

3.2.2.12 Prancha 16

Este estímulo apresenta-se em branco, demandando da participante uma projeção substancial. Os conteúdos que costumeiramente emergem relacionam-se a questões iminentes do sujeito ou associadas ao vínculo de transferência na situação de aplicação do teste.

3.2.2.13 Prancha 18 MF (feminina) – mulher que estrangula

Apresenta a figura feminina como agressiva e pode evocar sentimentos relacionados às relações femininas de forma específica (irmã, filha ou mãe) ou de forma indistinta, considerando as mulheres em geral. Pode haver distorção quando ao caráter agressivo entre as personagens, possibilitando uma relação de apoio.

3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina (parecer nº 3.092.965), a pesquisadora realizou a busca pelas participantes por meio de convites em redes sociais, contato com organizações voltadas ao público feminino e/ou lésbico, bem como por meio de contatos da rede pessoal da pesquisadora, sendo que a seleção da amostra deu-se por conveniência. Em contato com as participantes, foram apresentados os objetivos da pesquisa, bem como esclarecidas quaisquer dúvidas que possam emergir e, perante anuência das participantes, foi agendada a aplicação do teste, de forma individual e presencial, nas dependências da Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina.

Na data agendada, era apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B) e, após assinatura deste em duas vias, eram coletados alguns dados básicos exigidos pelo manual original do teste. Assim, em seguida, iniciava-se a coleta dos dados, com apresentação das instruções da tarefa a ser realizada e apresentação das pranchas selecionadas, uma a uma, havendo possibilidade de pausa durante a aplicação do TAT. A duração média de tempo para aplicação do instrumento foi de 60 minutos, variando entre 45 minutos e 2 horas. Caso houvesse necessidade, a participante tinha ciência de que poderia

solicitar um segundo encontro para prosseguir com a aplicação do teste, entretanto não foi necessário em nenhum caso.

Ressalta-se que a atuação da pesquisadora se amparou nos pressupostos éticos das Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, respeitando a dignidade humana e os devidos direitos. Foram garantidas e respeitadas a confidencialidade das informações coletadas e o uso restrito destas à pesquisa; também foi respeitado o direito individual das pessoas participarem ou não do estudo, sendo que o sigilo seria mantido em ambos os casos. Considerando estes apontamentos, foi solicitado que cada participante assinasse duas vias do TCLE.

3.4 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

Após a aplicação do TAT com todas as participantes, o conteúdo das histórias coletadas foi analisado e interpretado com base na padronização apresentada por Scaduto (2016), referenciados no sistema morvaliano. As categorias selecionadas a partir dos critérios de codificação do TAT (Scaduto, 2016) que foram utilizadas para análise nesta pesquisa foram: Tipo de Herói; Escala de Complexidade dos atributos do Herói; Escala de Idealização dos atributos do Herói; Necessidades do herói (lista que compreende 47 necessidades do herói em relação a objetos ou situações, a outrem e em reação às ações de outrem); Tipo de Pressão do meio sobre o herói e Desfecho da História (escala de sucesso e autonomia do herói). Acerca das definições fornecidas por Scaduto (2016) sob as quais as categorias de análise foram identificadas nas histórias produzidas, a lista de necessidades psicológicas, demais categorias utilizadas e suas respectivas definições constam em sua íntegra ao final deste trabalho (Anexos A, B, C e D).

Todas as histórias coletadas foram transcritas integralmente, categorizadas e analisadas por meio do *software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, em que foi realizada

análise de comparação de médias entre os dois grupos. Ademais, foi feita uma análise qualitativa do conteúdo das histórias, levando em conta os temas que emergiram em maior frequência.

Ressalta-se que a diretriz desta pesquisa está orientada a investigar a autopercepção da feminilidade em mulheres lésbicas (grupo L), sendo que os dados coletados do grupo de mulheres heterossexuais (grupo H) foram utilizados no intuito de compreender se e como a autopercepção da feminilidade se diferencia ou se aproxima nos dois grupos. Evidencia-se que em nenhum momento ou aspecto da pesquisa reside a intenção de utilizar os dados do grupo H como normativos, sendo a intenção meramente de investigar a autorrepresentação da feminilidade em ambos os grupos, todas integrantes de um grupo maior, denominado mulheres.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a coleta de dados com as 40 participantes, foram transcritas um total de 520 histórias, sendo que a codificação destas resultou em 60 categorias, apresentadas adiante. Acerca da caracterização da amostra, apresentam-se alguns dados sociodemográficos relevantes.

As idades das participantes variaram entre 22 e 31 anos, sendo que a idade média da amostra foi 29,7 anos; sobre o *status* de relacionamento, 13 declararam-se casadas (32,5%), 12 declararam estar ‘morando junto’ (30%), 11 declararam estar namorando (27,5%), 3 em união estável (7,5%) e 1 divorciada e noiva na ocasião da participação na pesquisa (2,5%). Acerca da escolaridade das participantes, a grande maioria (77,5%) declarou possuir Ensino Superior completo ($n=10$), Especialização ($n=10$) ou Mestrado ($n=11$). Sobre o tempo total de relacionamento com suas/seus cônjuges, as participantes do grupo L tiveram variação entre 1 ano e 11 meses e 13 anos de relacionamento; as participantes do grupo H tiveram variação entre 2 anos e 6 meses e 10 anos de relacionamento.

No que se refere às duas perguntas adicionais, feitas somente às participantes lésbicas, a idade média com que afirmaram se identificar como lésbicas ou perceberam sentir atração por mulheres foi 16,5 anos, variando entre 7 e 23 anos de idade. Acresce-se que 4 participantes afirmaram ter essa percepção desde muito cedo na infância, mas preferiram responder à pergunta com a idade em que perceberam a atração pelo mesmo sexo com conotação sexual. Sobre a assunção da sua lesbianidade nos âmbitos sociais, 19 responderam positivamente, ou seja, todo o círculo familiar, social e de trabalho tem conhecimento de sua lesbianidade, havendo respeito e aceitação na grande maioria dos casos.

A Tabela 1 mostra a representação estatística da coleta de dados realizada, considerando as variáveis analisadas em todas as histórias de ambos os grupos, sendo o grupo de participantes lésbicas representado pela letra L e o grupo de participantes heterossexuais pela letra H, e suas

respectivas médias, desvios-padrões, teste *t* de Student e nível de significância (*p*). Encontram-se em destaque os dados e as categorias que apresentaram nível de significância $p \leq 0,050$ e $p \leq 0,100$. Ressalva-se que há, na apresentação destes resultados, a ciência de que resultados com $p \leq 0,100$ não são usualmente recomendados para análise, entretanto, emergiu o interesse em debater tais resultados, ainda que esta informação possa não indicar uma diferença verídica entre os grupos.

Tabela 1.

Resultados estatísticos das 60 categorias analisadas nas histórias do TAT, com a média, desvio-padrão, teste *t* de Student e nível de significância de cada grupo em cada categoria.

	Grupo	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Nome próprio	H	3,25	5,14	0,03	0,974
	L	3,20	4,29		
Mesmo sexo	H	7,70	0,73	-1,51	0,138
	L	8,20	1,28		
Sexo diferente	H	3,35	1,09	0,98	0,334
	L	3,00	1,17		
Sem sexo def.	H	0,25	0,72	0,00	1,000
	L	0,25	0,44		
Criança	H	1,70	0,66	0,00	1,000
	L	1,70	0,66		
Não-H	H	0,15	0,37	-1,13	0,267
	L	0,30	0,47		
Dupla	H	2,00	1,30	1,94	0,060
	L	1,35	0,75		
Casal	H	1,05	0,89	-2,19	0,034
	L	1,75	1,12		
Grupo	H	0,40	0,50	-0,28	0,778
	L	0,45	0,60		
Complexidd Herói	H	2,83	0,18	0,31	0,762
	L	2,81	0,23		
Idealização herói	H	2,44	0,32	-1,80	0,079
	L	2,65	0,41		
Realização	H	2,35	1,53	-0,98	0,335
	L	2,95	2,28		
Aq. Social	H	0,95	0,89	1,66	0,105
	L	0,50	0,83		
Aq. Antissocial	H	0,10	0,31	0,59	0,560
	L	0,05	0,22		
Mudança	H	4,60	1,88	-0,34	0,738
	L	4,80	1,88		
Aventura	H	1,95	1,57	-0,87	0,387
	L	2,35	1,31		

	Grupo	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Curiosidade	H	1,70	1,03	0,30	0,762
	L	1,60	1,05		
Oposição Soc.	H	2,10	1,52	1,13	0,266
	L	1,60	1,27		
Oposição Antisoc.	H	0,95	1,05	-0,96	0,344
	L	1,40	1,82		
Excitação	H	0,45	0,83	-1,73	0,093
	L	0,95	1,00		
Autocontrole	H	1,15	1,14	0,00	1,000
	L	1,15	1,14		
Nutrição proc.	H	0,15	0,49	-0,61	0,547
	L	0,25	0,55		
Nutrição exerc.	H	0,70	1,22	1,87	0,069
	L	0,15	0,49		
Passividade	H	1,90	1,59	-0,74	0,462
	L	2,30	1,81		
Divertimento	H	2,15	1,53	2,65	0,012
	L	1,05	1,05		
Retenção	H	0,10	0,31	1,45	0,154
	L	0,00	0,00		
Epicurismo	H	0,70	0,86	-0,39	0,701
	L	0,80	0,77		
Estética	H	0,95	1,10	-1,32	0,195
	L	1,50	1,50		
Conhecimento	H	2,50	1,79	0,76	0,449
	L	2,15	0,99		
Autoconhecimento	H	3,60	2,11	-0,17	0,868
	L	3,70	1,63		
Isolamento	H	1,65	1,39	-0,22	0,829
	L	1,75	1,52		
Afil. Associativa	H	3,20	2,14	1,38	0,176
	L	2,40	1,47		
Afil. Focal	H	1,00	1,12	0,82	0,420
	L	0,75	0,79		
Afil. Difusa	H	0,70	0,66	1,00	0,324
	L	0,50	0,61		
Afil. Conjugal	H	3,20	1,70	-0,65	0,517
	L	3,60	2,14		
Afil. Fraternal	H	2,65	1,50	1,29	0,205
	L	2,00	1,69		
Afil. Familiar	H	5,45	2,26	0,57	0,574
	L	5,00	2,73		
Afil. Reclamada	H	0,75	1,12	-0,44	0,660
	L	0,90	1,02		
Rejeição	H	1,65	1,53	-1,03	0,308
	L	2,20	1,82		
Agr. Verb./emoc.	H	1,90	1,62	1,21	0,235
	L	1,30	1,53		

	Grupo	<i>M</i>	<i>SD</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Agr. Física Social	H	0,20	0,52	-0,85	0,399
	L	0,35	0,59		
Agr. Física Antis.	H	0,45	0,60	0,53	0,599
	L	0,35	0,59		
Destruição	H	0,00	0,00	-1,45	0,154
	L	0,10	0,31		
Reconhecimento	H	1,05	1,43	1,49	0,145
	L	0,50	0,83		
Domin. Coercitiva	H	0,40	0,60	-0,23	0,818
	L	0,45	0,76		
Domin. Proibitiva	H	0,30	0,47	-1,32	0,195
	L	0,65	1,09		
Domin. Sedutora	H	0,00	0,00	-1,45	0,154
	L	0,10	0,31		
Comunicação	H	0,20	0,52	0,00	1,000
	L	0,20	0,52		
Proteção exercida	H	2,65	1,53	-0,79	0,434
	L	3,00	1,26		
Proteç. reclamada	H	3,25	1,83	1,22	0,231
	L	2,60	1,54		
Humilhação	H	1,60	1,35	-0,12	0,907
	L	1,65	1,35		
Liberdade	H	6,85	2,18	1,08	0,286
	L	6,00	2,75		
Resiliência*	H	3,75	2,71	0,45	0,658
	L	3,40	2,23		
Autonomia Antis.	H	0,40	0,50	-1,82	0,077
	L	0,85	0,99		
Evitar culpa	H	0,55	0,83	-0,54	0,591
	L	0,70	0,92		
Conformismo	H	4,20	2,78	1,76	0,087
	L	2,85	2,01		
Respeito exercido	H	1,30	0,80	0,94	0,356
	L	1,05	0,89		
Respeito reclamado	H	0,55	0,83	-1,66	0,105
	L	1,20	1,54		
Tipo de pressão	H	3,03	0,40	0,00	1,000
	L	3,03	0,37		
Desfecho	H	2,23	0,99	-1,15	0,256
	L	2,57	0,84		

*Categoria originalmente denominada como Resistência, mas alterada sob orientação do autor da normatização do sistema morvaliano como codificação do TAT no contexto brasileiro (Scaduto, 2016).

Diante desses dados, apresenta-se que as participantes do grupo L desenvolveram mais histórias cujas heroínas compunham um casal (lésbico, gay ou heterossexual) se em

comparação às histórias das participantes heterossexuais, sendo que esse dado representa uma diferenciação significativa entre os grupos, com nível de significância $p=0,034$. Houve também uma diferenciação significativa ($p=0,012$) quanto à categoria de necessidade Divertimento, no qual as participantes do grupo L construíram menos histórias contendo tal necessidade psicológica, se em comparação com as participantes do grupo H. Observa-se que, conforme citado no capítulo do Método, constam em anexo as tabelas que descrevem as categorias utilizadas e, dentre elas, a categoria Casal indica uma descrição de protagonistas na história que mantém entre si relacionamento conjugal; a categoria Divertimento, por sua vez, indica atividades como sair de casa para realizar atividades prazerosas, participar de festas, jogar, fazer piadas etc.

Acerca destes dados, é relevante apontar, ainda, que, dentre as histórias do grupo L que apresentaram casais como protagonistas, 62,85% das histórias eram compostas por casais homossexuais (duas mulheres ou dois homens), sendo que 77,14% dessas histórias possuíam enredo e/ou desfecho felizes, ainda que houvesse adversidades ao longo da trama. A significância positiva apresentada na categoria Casal demonstra que este achado não ocorreu ao acaso e não se deve a erro amostral. Seguem três histórias exemplificativas cujas protagonistas tenham sido caracterizadas como Casal e cujo enredo e/ou final tenha um caráter positivo (os comentários das participantes e as perguntas da pesquisadora sobre as histórias constam entre parênteses e em itálico):

a) Prancha 18MF – Mulher que estrangula

“Era uma vez um casal de senhoras que estavam juntas há muito tempo. Haviām tido dois filhos e cinco netos. Viviam em uma casa bastante espaçosa. Eram muito felizes. Um belo dia, uma delas resolveu fazer uma surpresa e preparou um banquete de café da manhã para sua companheira. Levou tudo para o quarto, mas ao chegar, percebeu que ela não estava lá. Ela desceu correndo as escadas, gritando por sua amada e a encontrou na sala com um longo vestido ouvindo a música de valsa de seu casamento. Nesse instante, a tomou em seus braços, tacou-lhe um longo e demorado beijo e pensou ‘eu sou a mulher mais feliz (*ops, mais sortuda, desculpa*) da vida”. Era o aniversário de bodas de ouro delas. (*Pesquisadora perguntou o que estavam sentindo*) Estavam se

sentindo realizadas e felizes de estarem juntas completando mais um ano de casamento.” (Participante L1).

b) Prancha 18MF – Mulher que estrangula

“(Parece que vai rolar um beijo aqui risos) Parece ser duas mulheres e acho que elas vão se beijar (apesar dessa estar tão séria, risos, mas acho que pode ser um beijo). Antes, estavam discutindo algo e essa de baixo ia subir as escadas e a outra pensou em tentar um beijo para acabar com a discussão, tentar conciliar a situação, acabar com o momento de tensão. (Pesquisadora perguntou como termina a história) Acho que ela vai conseguir fazer a outra se render, termina a discussão e fica tudo bem. (Essas pessoas são muito sisudas, todas elas risos. Pesquisadora perguntou o que estavam sentindo) estavam um pouco exaltadas, mas depois elas se acalmam e passa, tudo acalma. Título: ‘O beijo’.” (Participante L12).

c) Prancha 6MF – Mulher surpreendida

“(essa aqui é sapatão, olha a cara dela risos) Estão num bar na década de 70. Ela tá sentada com a namorada, conversando. Se conhecem já faz uns dois anos. É um namoro escondido porque na época ainda existia muito preconceito. Estavam de boa conversando e apareceu esse cara, ele percebeu que elas eram um casal, ficou perturbando elas, fazendo chacota, querendo constrange-las. Ela começou a discutir e elas vão embora. Ele acaba perseguindo elas durante o caminho de volta e ele acaba agredindo elas. Elas acabam ficando bastante machucadas. Como foram bastante humilhadas, resolvem se casar e mudar de cidade. As duas encontram um trabalho e também outras pessoas gays da época. Ela tem uma personalidade bastante forte e sempre luta pela igualdade e pelos direitos. Viveram juntas até a velhice numa casinha no campo. (Pesquisadora perguntou o que estavam sentindo) Eram determinadas, se sentem felizes, orgulhosas da vida que vivem. Título: ‘Luta contra o preconceito’.” (Participante L20).

Nesse sentido, pode-se conjecturar que, apesar do preconceito contra a homossexualidade, também representado na tecedura das histórias (na forma de exclusão social e familiar, também violência física, psicológica, moral e sexual), ainda remanesce e persiste a resiliência de um relacionamento homossexual para enfrentar dificuldades e otimismo na crença de que tais histórias de amor possam ter um ‘final feliz’, a despeito das circunstâncias de hostilidade e intolerância. Tal proposição corrobora com Riggle, Whitman, Olson, Rostosky e Strong (2008), uma vez que os autores constataram, por meio de entrevista *online*, ter a população homossexual ($n=553$), em sua grande maioria (95%), uma visão positiva quanto às

vivências e experiências homossexuais, mesmo considerando as situações de discriminação, preconceito e exclusão.

Acerca da categoria Divertimento, em que o grupo L produziu menos histórias com esta necessidade psicológica se em comparação ao grupo H, é possível relacionar que, frequentemente, mulheres lésbicas (individualmente ou acompanhadas de suas namoradas ou esposas) relatam possibilidades mais limitadas e menos abrangentes de atividades externas de lazer e de socialização. Põe-se tal questão considerando que as mulheres lésbicas não contam com a mesma aceitação social de sua orientação sexual e de sua composição conjugal com que contam mulheres heterossexuais.

Alicerçado no conceito de Butler (1993) de corpos abjetos, que se refere aos corpos localizados para além das rígidas fronteiras normativas demarcadas pela sociedade nas relações de gênero e sexualidade e que os definem, portanto, como corpos indignos, inválidos e desprezíveis, depreende-se uma motivação para que as participantes do grupo L não tenham apresentado histórias com tantas possibilidades externas ou sociáveis de lazer quanto as participantes do grupo H. Se, à visão da sociedade em geral, os corpos lésbicos são indignos de transitar espaços públicos, considerados como inválidos enquanto existências, tal coação poderia gerar o enfrentamento ou evitação à situação, esta segunda saída sendo o que configuraria um rol menor de possibilidades externas de lazer, no caso das histórias formuladas pelas participantes do grupo L.

Nesse mesmo sentido, paralelamente, as participantes do grupo H representariam com mais frequência e habitualidade, em suas histórias, situações externas de atividades de lazer, uma vez que a representação social de seu corpo e sexualidade encontrar-se-iam em conformidade à heteronormatividade. Segue a transcrição de duas histórias de participantes do grupo H que ilustram a situação de lazer e divertimento em âmbitos externos e nas quais esteja relacionada, ainda, a naturalidade da relação heterossexual em contextos públicos:

a) Prancha 9MF – Duas mulheres na praia

“São duas mulheres e elas estão em alguma mata, alguma coisa que tinha perto de água. Elas estão correndo. Pelas roupas também de época elas estudavam em um colégio interno, porque uma tá com caderno na mão e saíram escondidas para dar um passeio. Uma delas conhece um rapaz e depois elas voltam, e pouco tempo depois eles começam a namorar. Título: “Fuga para a natureza”. (*Pesquisadora perguntou como estavam se sentindo*) No momento da imagem, adrenalina. Por estarem fazendo algo escondido, felizes por estarem fazendo algo em liberdade”. (Participante H7).

b) Prancha 10 – O abraço

“Um homem e uma mulher são casados e tão bem, pode ser à noite, passaram um dia legal juntos, passeando. Estão falando do dia, curtindo, aproveitando o resto de um dia bom que tiveram. Ele tá dando um beijo na testa dela. (*Pesquisadora perguntou como estavam se sentindo*) Amados, ele se sente amado por ela e ela por ele. Título: “Aproveitando os momentos”. Termina assim, vão dormir felizes pelo dia.” (Participante H8).

Quanto aos resultados que se aproximaram do nível de significância estatística, apresentando $p \leq 0,100$, têm-se que houve diferença de média entre os grupos nas categorias Idealização do Herói ($p=0,079$), Excitação ($p=0,093$) e Autonomia Antissocial ($p=0,077$), com o grupo L apresentando médias mais elevadas nas três categorias. Resgata-se que Idealização do Herói indica a predominância dos atributos do herói (positivos ou negativos); Excitação remete à busca por se mostrar audacioso ou impulsivo, à busca pelo perigo como forma de estimulação pessoal; e Autonomia Antissocial refere-se a realizar algo não permitido, opor-se às normas morais e sociais, cometer delitos diferentes do roubo.

Uma hipótese viável acerca da aproximação das categorias Excitação e Autonomia Antissocial do nível de significância para o grupo L é que a comunidade lésbica vivencia não apenas a misoginia e o machismo, mas também a lesbofobia, termo que denomina o preconceito contra lésbicas, tendo como principal fator de discriminação sua lesbianidade, conforme apresenta o 1º Dossiê sobre lesbocídio no Brasil, publicado em 2018 (Peres, Soares, & Dias, 2018). Diante disso, a comunidade lésbica possui maiores probabilidades de deparar-se com

situações de opressão, injustiça, censura, preconceito e violência contra suas expressões de afeto. Portanto, conjectura-se que elas se encontrem em uma posição em que se vejam impelidas a reagir a tais circunstâncias nos mais variados contextos, aspectos que podem ter sido projetados na composição das histórias.

Cabe salientar que Eribon (2008) conjectura que toda pessoa homossexual tenha vivenciado, em algum momento da vida, uma situação de ofensa direta ou indireta com relação a sua parceria amorosa ou à possibilidade de expressar seu afeto para além da heterossexualidade. Dessa forma, pode-se pensar que as lésbicas obtiveram médias mais elevadas em Autonomia Antissocial e Excitação dadas as defesas que a lesbofobia exige que desenvolvam

Tal hipótese edifica-se, ainda, sobre aspectos históricos, uma vez que, no Brasil, mesmo no contexto do movimento feminista e do movimento gay houve confrontos que chegaram à violência física em clara demonstração de oposição destes movimentos em relação à comunidade lésbica que, no final do século XX, buscava firmar-se enquanto movimento social (Góis, 2003). Também embasa tal reflexão a questão trazida por Rich (2010), em que afirma constituírem as lésbicas, juntamente às mulheres que não cedem à maternidade ou ao matrimônio compulsórios, uma subversão de um sistema predominante que as despersonaliza e nega-lhes a autonomia sobre seu próprio corpo e sexualidade.

Nesse sistema social preestabelecido, heteronormativo e sexista, os corpos lésbicos enfrentariam por parte dele consequências repressivas (Morais, 2017), às quais, como aparentam demonstrar os resultados desta pesquisa, as lésbicas reagem e resistem. Diante desta conjuntura, portanto, configura-se a possibilidade pela qual houve uma aproximação ao nível de significância das participantes do grupo L nas categorias Excitação e Autonomia Antissocial, que caracteriza o colocar-se em perigo e violar normas morais e sociais. Segue abaixo dois exemplos de histórias elaboradas que ilustram os aspectos analisados:

a) Prancha 9MF – Duas mulheres na praia

“É uma moça, acostumada a banhar-se todos os dias no mesmo horário em um riacho da sua fazenda. Certo dia, como de costume, Joana estava a se refrescar e sem perceber, estava sendo olhada, vigiada por Maria, que a achava muito bonita. Então Joana ouviu um barulho e corre com medo, mas o barulho era somente Maria se escondendo para que Joana não descobrisse as intenções de Maria. (Pesquisadora perguntou o que estavam sentindo) Maria sente desejo e ao mesmo tempo está com medo de ser descoberta”. Título: “Paixão proibida” (Participante L18).

b) Prancha 7MF – Menina e a boneca

“Essa história é de uma menina de 7 anos, também de uma família de boas condições, tem empregada, tem uma babá só para ela e ela tem a função de ensinar a ser mulher, fica o tempo todo com ela dizendo como se sentar, segurar uma criança, comer, até mais ou menos uns 15 anos, mas chega um limite e ela foge de casa. É isso. (Pesquisadora perguntou o que estava sentindo) Se sente triste, tem esperança de novas perspectivas, mas teve que se desfazer de um elo muito grande para isso. Título: “O drama da Bruna” (Participante L14).

Com relação à categoria de Idealização do Herói, as heroínas e heróis das histórias do grupo L apresentaram atributos predominantemente positivos, como pensamentos e sentimentos agradáveis, bem como características socialmente desejáveis. Este dado pode ser ponderado a partir da concepção histórica sobre a homossexualidade enquanto categoria social que, conforme apresentado no segundo capítulo, passou pela trajetória de ser caracterizada e perseguida como pecado, crime e doença (Paoliello, 2013).

Sob a sombra destes estigmas, a imagem que se construiu sobre as pessoas homossexuais foi tomando um viés negativo, significando-as como se fossem vis, imorais, de mau caráter, indignas de respeito. Ainda atualmente, lésbicas e gays podem ser vistos como pecadores, criminosos ou doentes, a depender de seu contexto religioso, social e cultural. Assim, a homossexualidade pode, no contexto desta hipótese, exigir uma ênfase individual maior em atributos pessoais que sejam valorizados e aceitos socialmente (como a gentileza, empatia, simpatia, solidariedade, entre outros), servindo como uma forma de sistema compensatório para conquistar minimamente o respeito e a aceitação da sociedade, da família,

do outro, uma vez que não há um enquadre dessas pessoas nos padrões heteronormativos da sociedade. Faz-se relevante reafirmar o que Eribon (2008) apresenta, quanto à necessidade das pessoas homossexuais em criar e manter mecanismos de defesa para lidar com o preconceito, neste caso, lesbofóbico. Ilustra esta hipótese, sob a perspectiva da personagem coadjuvante (filha), a história elaborada pela Participante L14:

a) Prancha 16 – Em branco

“É a história de uma professora universitária que tem uma filha que faz um curso que ela decidiu para filha, só que ela tá infeliz. Além de não gostar do curso, gosta de meninas, a mãe fica frustradíssima. É atual a história. Ela vai impedindo a menina de sair, de ter chance de sair com outras meninas. A carreira da professora fica balançada por conta disso, as pessoas rechaçam e repudiam isso nela, vai perdendo algumas oportunidades. A menina é amparada por amigos, sai do curso, vai para outra cidade, se vira sozinha, casa com uma mulher, se forma no que gosta. A professora fica amargurada, não se resolve com a filha, fica doente e a filha vem cuidar dela e quando ela vê a filha cuidando dela, rola um arrependimento e elas reataram a relação. (Pesquisadora pergunta sobre o que estão sentindo) ela estava arrependida de ter feito isso (com a filha), mas tenta justificar com a religião... Mas está aberta a mudar. Título: “Até que ponto podemos controlar o outro? (Achei difícil essa)” (Participante L14).

Cabe reconhecer, em acréscimo e sem desmerecimento, que tal processo conjecturado pode, ainda, trazer aspectos secundários positivos, como a promoção de uma convivência social mais empática e promotora de solidariedade, união da comunidade divergente da norma e o desenvolvimento da resiliência. Entretanto, considerando que uma das três fontes de sofrimento psíquico apontadas por Freud (1930/2010) em “O mal-estar na civilização” decorre das relações humanas, é cabível supor que a busca pelo reconhecimento do outro sobreponha-se a uma possível gentileza inata.

Nesse sentido, corrobora-se com Esteca (2016) quando esta apresenta que uma das mulheres lésbicas que entrevistou temia decepcionar seus familiares devido a sua lesbianidade, o que a levou a construir “mecanismos subjetivos de compensação” ao buscar corresponder às expectativas deles em outras áreas (estudos e trabalho, p. ex.) no intuito de ‘restituí-los’ por sua

orientação sexual. Considerando que Campos e Guerra (2016) apresentaram ser a aceitação e o apoio social e familiar essenciais para a promoção e manutenção do bem-estar de uma pessoa homossexual, é possível cogitar que tal forma de mecanismo subjetivo possa se enquadrar como um modo de sublimação, considerando o efeito socialmente construtivo que gera.

De modo similar aos dados apresentados anteriormente, com $p \leq 0,100$, aproximando-se do nível de significância, o grupo H ressaltou-se na diferença entre grupos nas variáveis Dupla ($p=0,060$), Nutrição Exercida ($p=0,069$) e Conformismo ($p=0,087$). Conforme apresentado previamente e a título de rememoração: Dupla indica protagonistas que compõem dupla de irmãs, amigas, entre outros; Nutrição Exercida remete à busca ou preparação de alimentos como forma de trabalho ou cuidado a outrem; Conformismo refere-se à aceitação de situações ou condições sobre as quais não se tem controle ou possibilidade de contornar, trata-se de uma submissão passiva.

No que se refere à categoria Dupla, dentre as participantes do grupo H, houve 40 produções com este tipo de classificação às(aos) heroínas(heróis). Destas, 77,5% (30 histórias) são compostas de duplas femininas, dentre as quais, a grande maioria (67,5%) representa duplas com vínculos afetivos próximos (amigas, mãe e filha, irmãs ou primas). Relaciona-se que estes dados podem remeter a uma homossexualidade feminina primária (considerando a relação mãe-filha e a mãe enquanto primeiro objeto de amor das meninas), mas sobretudo conjectura-se que jaz nestes dados a busca pela questão (ou pela solução?) da feminilidade, seja via identificação materna ou via uma outra mulher, enquanto a Outra, imaginariamente capaz de fornecer a marca da feminilidade e certificá-la.

Nesta direção, Pickmann (2005) esclarece que a menina, quando cogita a mãe como modelo de identificação para sua própria feminilidade, depara-se com um obstáculo, uma vez que a mãe que serviria de estêncil para tal tarefa é aquela mãe primária, fálica, não castrada, absoluta e que tudo pode. Trata-se de uma mãe idealizada e tal mãe em condição de soberania

nega a existência da mulher na figura da mãe. Não seria possível, portanto, que tal identificação refletisse o ‘ser mulher’ à menina, uma vez que tudo que apreenderia dela seria a negação da castração do Outro, que este tudo pode e alcança, em desencontro à realidade.

O autor ainda apresenta que a menina, já mulher, não tendo encontrado a marca da feminilidade em suas figuras parentais, pode buscar solucionar tal enigma da feminilidade na relação com uma Outra mulher, supondo que esta possa deter o conhecimento acerca da feminilidade cujo acesso a ela não foi ofertado (Pickmann, 2005). Nesse sentido, compreende-se que os resultados da pesquisa expressam essa reflexão nas relações de amizade constituídas nas histórias do grupo H, considerando uma bissexualidade latente que, na mulher, proviria do vínculo primário com a mãe (mesmo que na vida adulta a escolha de objeto seja direcionada aos homens) (Freud, 1931). Ademais, tem-se a definição de que as amizades se edificam sobre impulsos de cunho sexual, em sua origem (Freud, 1923/2011b). Essa busca pelo que distingue o ‘ser mulher’, seja por meio da mãe ou das amigas ou de outros vínculos com os quais possa ser estabelecida uma relação de intimidade, poderia ser, portanto, vista como marcadamente feminina, ilustrada pelas histórias a seguir:

a) Prancha 18MF – Mulher que estrangula

“(Não sei se é um olhar de piedade ou se é uma menina meio maluca). Mônica e Luiza eram amigas há muito tempo, então na velhice as duas eram viúvas, os filhos já eram casados. Então elas resolveram morar juntas para que uma pudesse cuidar da outra. Mas Mônica desenvolveu Alzheimer e a Luísa, ainda lúcida, sofria ao ver amiga esquecendo de tudo. Mônica ficava muito incomodada com barulhos e só se acalmava quando a Luiza vinha tampar os seus ouvidos. Por fim, Mônica faleceu e alguns dias depois, Luiza também faleceu. (Pesquisadora perguntou o que estavam sentindo) Luiza se sentia muito triste de ver amiga naquela situação e a Mônica parecia não ter mais consciência de nada.” (Participante H5).

b) Prancha 7MF – Menina e a boneca

“Acho que é mãe e filha. Parece que elas estão tristes, preocupadas. Que o casal se separou e o pai da menina foi embora e a mãe tá tentando explicar a situação para ela, mas elas não sabem se ele vai voltar e ela tá com uma boneca. (E o desfecho... Não sei como seria...) As duas iam se aproximar mais e se fortalecer, independente se o pai voltar ou não”. (Participante H6).

c) Prancha 9MF – Duas mulheres na praia

“Acho que é uma praia (*não sei se tô viajando...*) E aqui um coqueiro. E as mulheres parecem estar bem bravas essa (*de baixo*) parece mais brava e essa (*de cima*) mais curiosa. São duas amigas que estavam curtindo uma tarde na praia, talvez lendo ou escrevendo algo (*parece uma agenda na mão dela*) e que alguém veio incomodar. Algum homem ou mais de um homem (*porque são mais retardados quando tem mais de um*), e vêm assediando ou falando algo, incomodando as meninas. Essa aqui (*de cima*) tá mais com medo, coagida e foi para o canto do coqueiro. Já a outra tá super brava e vai para atacar (*verbalmente*) e responder essas pessoas que estão incomodando. Depois dela responder ou xingar, imagino que eles passam e vão embora rindo delas. E imagino que essa (*de baixo*) vai para acalmar a outra (*de cima*), dizer que já passou e que tá tudo bem”. Título: “Força feminina”. (Participante H18).

Reconhece-se que a seleção de pranchas pressupunha maior abertura para que as histórias fossem compostas por duas figuras femininas (considerando que o objetivo da pesquisa busca evocar e investigar as projeções acerca da feminilidade), entretanto, mesmo assim, considerando o caráter projetivo do instrumento, algumas participantes permitiram-se construir histórias que subvertessem o sexo das pessoas das figuras (sexo este, definido pelo manual do teste). A respeito das categorias Nutrição Exercida e Conformismo, nas quais as participantes do grupo H também obtiveram médias mais elevadas, hipotetiza-se que representem simbolicamente o papel preconizado de que a mulher é responsável pelo cuidado. Seja pelo cuidado que remete à atenção materna, de proteção e amparo, ou pelo cuidado que se destinaria ao homem, considerando um contexto social machista.

Nesta segunda perspectiva, pode-se entrelaçar o conceito de heterossexualidade compulsória, de Rich (2010), cujo alcance abrange não apenas mulheres lésbicas e bissexuais, mas também as heterossexuais, uma vez que se trata da limitação da autonomia da mulher sobre si mesma, independente de orientação sexual ou outro aspecto. O mecanismo da heterossexualidade compulsória é alimentado social e culturalmente desde a infância, quando às meninas é apresentada de maneira romantizada a relação heterossexual, à qual são levadas a desejar, por meio dos contos de fadas, filmes, propagandas, a grandeza da festa de casamento;

resultando este processo na extrema valorização da presença masculina na vivência de uma mulher (Morais, 2017).

Constata-se, entretanto, que nas produções das participantes, apesar desse discurso opressivo comparecer, as heroínas se colocam como opositoras desse sistema, revolucionárias e com intenções diversas à norma vigente. Mesmo que no enredo não obtenham sucesso em subverter o sistema hegemônico (provavelmente porque a maioria situou as histórias em um determinado tempo histórico, ressaltando que “naquela época” as mulheres ainda não tinham conquistado muitos direitos), todas apresentaram em suas heroínas posturas que reivindicavam a subjetivação da mulher enquanto detentora de direitos igualitários. Seguem alguns exemplos em que podem ser encontrados tais aspectos analisados:

a) Prancha 2 – A estudante no campo

“O nome dessa mulher é Bela, a mãe dela havia falecido no parto e o pai era um homem pobre, porém muito carinhoso. Para ajudar nos cuidados de Bela, o pai tinha uma empregada doméstica que ajudava nos cuidados íntimos de Bela quando ela era pequena até virar uma jovem moça. Bela sempre teve interesse por livros, mas esta mulher, a governanta que também cuidava dela, sempre a estimulou a casar-se com um homem forte que a protegesse. Neste dia da imagem, Bela carregava seus dois livros da Simone de Beauvoir (*risos*) enquanto a governanta olhava para o rapaz que era primo de Bela e pensava ‘este será o esposo perfeito para minha Bela’. Enquanto isso Bela olhava para o horizonte pensando ‘o que será de minha vida?’. Após dois anos, Bela e o primo se casaram e, aos poucos, Bela foi deixando os livros de lado. (*Pesquisadora perguntou o que estava sentindo*) Bela sente que alguma coisa mudou com ela, gosta do primo e de estar casada, mas tem dificuldade de se lembrar do que queria antes de ter uma vida com o primo, de quais eram seus sonhos e desejos”. (Participante H1).

b) Prancha 7MF – Menina e a boneca

“É uma menina com uma boneca na mão e do lado uma babá e a menina não gosta de boneca, de vestido, etc, não gosta. A babá manda ela fazer porque a mãe manda, mas ela não gosta de usar vestido, estar arrumada, brincar de brinquedo de menina, não gosta de ser menina. A menina não tem o que fazer, continua agindo como a mãe e a babá querem que ela aja, mas não gosta, mas não tem o que ela fazer. (*Pesquisadora perguntou o que ela estava sentindo*) triste, confusa porque não sabe se isso de não querer se comportar como as pessoas querem é errado”. Título: “Sem opinião”. (*Nesse momento ela não pode dar a opinião dela, elas não aceitam*). (Participante H8).

c) Prancha 2 – A estudante no campo

“É uma moça que vive em uma época de colônia, talvez. E ela teria que cumprir com suas obrigações de mulher que seria lavar, passar, cuidar da casa. Mas, ao contrário disso, ela resolveu estudar. E aí, imagino que a contragosto das pessoas da época, e que apesar dessa dificuldade que ela tinha, ela conseguiu concluir seus objetivos de estudo. Mas não conseguiu obter sucesso profissional, teve que continuar com seus afazeres como mulher para época. Acho que ela não tá muito feliz, se sente triste por essa situação, triste, impotente, submissa”. Título: “A mulher dos livros”. (Participante H9).

No que se refere especificamente à Nutrição Exercida, as participantes também contradisseram a ideia machista de que as mulheres cuidam dos homens (entendendo que preparar alimentos é, simbolicamente, uma forma de cuidado), apresentando em suas histórias homens que cozinham para suas esposas e delas cuidam ou, como em um caso, o casal prepara sua refeição em conjunto. Compreende-se que tais projeções, demonstradas como necessidades secundárias, estejam, ainda, repletas de símbolos referidos ao cuidado, acalento e aconchego, conforme representa Collette (1978), mas diante da configuração das personagens e seus papéis, assume-se que representam uma alteração na compreensão da relação conjugal entre homem e mulher que as mulheres vêm construindo. Apresentam-se três exemplos de histórias que apresentam tais facetas:

a) Prancha 10 – O abraço

“Parece um casal, casados há muito tempo. A mulher está triste porque acaba de descobrir uma doença terminal e o marido tá desesperado, triste e tenta confortar ela com um abraço. Depois, ele tenta fazer alguma coisa para agradar ela, ele falou de fazer comida, mas ela está sem apetite, então eles decidem tomar um banho de banheira e ficarem abraçados”. (Participante H4).

b) Prancha 10 – O abraço

“É um casal. Eles estão comemorando, acho que são idosos, não sei, 50 anos de casados. Mas ela não está muito bem de saúde e ele preparou o jantar porque ela não podia sair de casa. Ela ficou surpresa e eles estão dançando. Eles estão felizes. O desfecho... Vão continuar se dando bem”. (Participante H6).

Destaca-se como uma possível reflexão a ser promovida a questão de que as participantes do grupo L possam ter apresentado uma média menor na categoria Conformismo justamente porque obtiveram uma média mais elevada na categoria Autonomia Antissocial, o que evoca a predisposição a contrariar normas morais e sociais estabelecidas. Nesse sentido, tendo apresentado as hipóteses acerca das médias elevadas do grupo H nas categorias Nutrição Exercida e Conformismo, pode-se pensar que as mulheres, independentemente de orientação sexual, estejam movimentando-se no sentido de questionar e alterar as normas padrões vigentes, conforme pode ser observado pelos dados da pesquisa e, principalmente pelo movimento feminista que vem se potencializando exponencialmente (Matos, 2010).

À luz das análises realizadas a partir dos dados que demonstraram diferenciação significativa entre os grupos e próximos a tal diferenciação, é possível relacionar os pontos de divergência nos quais os grupos L e H se distanciaram. De modo semelhante, mas contraposto, parte-se ao próximo tópico no intuito de apresentar os pontos de convergência entre os grupos, utilizando para tanto o conteúdo dos enredos traçados nas histórias e as temáticas que nestas foram representadas, em ambos os grupos.

4.1 TEMÁTICAS PRESENTES NAS HISTÓRIAS

Diante de uma análise acerca do conteúdo das histórias elaboradas, foi possível verificar que alguns temas se repetiram, em ambos os grupos, são eles: I – homossexualidade (feminina e masculina), II – machismo, III – feminismo e IV – relação mãe-filha, a respeito dos quais foram tecidas algumas reflexões, a seguir. O tema da homossexualidade abarcou principalmente relacionamentos mantidos em segredo para evitar situações preconceituosas e enredos que continham situações de lesbofobia, homofobia (termo referido aos casais de homens) ou transfobia. Diante da constatação desse tema dentre as histórias produzidas, é possível refletir sobre a denúncia que se constitui na projeção das participantes acerca da atual conjuntura social

do país quanto à comunidade LGBTI, projeção esta que é apreendida pelo TAT. Hipotetiza-se que a hostilidade social contra essa comunidade atravessa os resultados desta pesquisa, materializada na tecedura das histórias. Seguem exemplos que representam o tema da homossexualidade destacada nas histórias:

a) Prancha 14 – Homem na janela

“Esse jovem rapaz vive no Cazaquistão, tem 23 anos e desde muito pequeno percebeu que era diferente dos outros meninos, gostava de estar próximo às meninas, mas não para namorar, mas gostava das suas roupas e brincadeiras. Ele cresceu e percebeu que o mundo não era colorido como imaginava, conheceu um menino, começaram a namorar, mas sabia que se alguém descobrisse, seriam enforcados. Se encontravam uma vez por semana e quem chegasse primeiro, ficava ali nessa porta. E logo se encontravam, ali era o lugar onde se encontravam. E sempre que não conseguiam estar pertos, iam neste lugar para matar a saudade, mesmo que o namorado não estivesse ali. Era um momento que conseguia ficar bem consigo. Tinha ali sua liberdade sexual, está feliz neste lugar”. Título: “O esconderijo”. (Participante L3).

b) Prancha 18MF – Mulher que estrangula

“São duas mulheres, provavelmente elas formavam um casal anteriormente, mas às escondidas. Quando uma vai visitar a outra, encontra a sua paixão, seu par, desacordada, e logo percebe que há algo de errado com ela, mas não sabe o que. Em desespero, ela tenta acordá-la, mas não consegue. Assim, ela sai em busca de ajuda. Um conhecido volta para ajudar, mas quando percebe que o desespero é porque há algo entre as duas, fica receoso e vai pedir ajuda de outra pessoa. Ela se mantém ali aguardando ajuda, já que não há mais nada o que ela possa fazer. (*Pesquisadora perguntou sobre o que estavam sentindo*) mais desespero mesmo, indignada também quando ele vai procurar uma outra pessoa só porque elas têm um relacionamento. E o cara coloca o preconceito dele acima da saúde de outra pessoa”. Título: “Se vai”. (Participante H19).

c) Prancha 13HF – Mulher na cama

“Talvez fosse um pai, daqueles que tem aquele jargão que ‘mulher lésbica não sabe o que é homem’. E que pegou a filha com outra mulher e fez algo com ela para corrigir, agora está arrependido. Uma cena de abuso entre o pai e a filha (*participante comentou: ‘lamentável, porque era comum na época da história’*). Talvez se arrependeria só nesse momento, da porta para fora afirmaria ‘fiz isso para o bem dela’”. Título: “Abusos”. (Participante L10).

d) Prancha 10 – O abraço

“Essa moça é uma prostituta e ele é gay. Ele chama Gabriel o nome da moça, não importa. Uma história clássica, eu acho. Ele vem de uma família muito tradicional e rígida, é o único irmão de várias mulheres, ele sente a pressão por ser o sucessor ideal

de seu pai, exigem uma masculinidade que ele não tem. Ele deveria estar assumindo responsabilidades que ele não quer, tipo casar. Esse é mais um dos vários momentos em que ele tenta fazer algo esperado dele e não consegue. Sente angústia, uma angústia muito grande, como se não pertencesse, se sentindo errado, um impostor. Mas ele não vai conseguir fugir dessas pressões que obrigam a ser quem ele não é, então é uma história triste, que ele não vai conseguir se libertar”. Título: “o impostor”. (Participante H14).

e) Prancha 14 – Homem na janela

“Daniel era um menino trans* que era muito sonhador. Ele acreditava que se fizesse pedidos a sua avó, que já havia morrido, que ela poderia lhe ouvir e proteger Lu. Assim, mesmo quando ele passava por situações difíceis e conseguia sair delas, ele achava que era a sua avó interferindo assim ele se sentia protegido. (*Pesquisadora perguntou sobre os sentimentos dele*) sentia que precisava de forças para lidar com todo o preconceito e toda a discriminação e ele achava que isso vinha de fora, que vinha da avó, mas isso sempre veio de dentro dele mesmo”. (Participante H5).

*menino transexual, ou seja, identificado como mulher ao nascer, mas cuja identidade de gênero é masculina e, portanto, identifica-se como homem.

Quanto ao próximo tema que compareceu nas histórias, o machismo, relativo à norma social que pressupõe a ideologia de superioridade dos homens sobre as mulheres, constaram no conteúdo das histórias (de todas as participantes, tanto do grupo L quanto do grupo H): misoginia, assédio sexual, estupro e/ou feminicídio. Nesse sentido, tal dado pode demonstrar que as mulheres, independentemente de orientação sexual, vêm sendo afetadas pelos processos sociais e culturais (explícitos ou não) do machismo que incide sobre elas em suas várias nuances (Minayo, 2005).

Pondera-se, assim, que o corpo e o gênero feminino, que primeiro são apresentados quando das relações sociais, seriam os signos determinantes e apriorísticos na interação com o outro. Tal interação seria, portanto, atravessada pelos valores que a sociedade perpetua e atribui como sendo femininos, característicos da mulher, como: fragilidade, submissão, passividade, beleza, delicadeza, cuidado, entre outros aspectos determinados como femininos (Ribeiro, 2014). Nesse sentido, pode-se associar o que afirma Mauss (1974) ao dizer que os padrões de feminilidade possuem influências socioculturais. Ademais, enlaçados a tais valores

estabelecidos como desígnios de uma mulher, relações de poder e controle vão se constituindo, resultando em cenas de misoginia, assédio sexual, estupro e feminicídio, que foram ilustradas pelas produções a seguir:

a) Prancha 9MF – Duas mulheres na praia

“São duas irmãs e elas estavam na praia e (*participante comenta: apesar de que as roupas não condizem, mas parece um mar no fundo*). Elas estavam chegando para ler e só ficar observando o mar. Porque tava muito gelado, o mar, então elas não tinham plano de entrar mesmo. Aí aparecem dois homens, que tentaram agarrar elas, aí elas levantam e saem correndo, sentindo medo, nojo e raiva. Aí, elas chegam em casa, onde moram só as duas (*participante comenta: porque os pais são falecidos*) e elas sentam mudas na mesa da cozinha e uma delas faz um chá para elas se acalmarem. Depois disso, elas decidem arrumar um cachorro com fama de bravo para que elas possam ir na praia sem medo”. (Participante H4).

b) Prancha 13HF – Mulher na cama

“Fabíola era uma moça muito feliz e muito alegre, um belo dia ela foi pousar na casa de seus tios. Fabíola foi se deitar para dormir e, de madrugada, ela percebeu que tinha alguém passando a mão nela. Quando ela se deu conta, esse homem já estava em cima dela, abusando dela e pedindo que ela ficasse calada e não contasse nada para ninguém porque senão ela iria destruir a própria família, pois quem estava abusando dela, na verdade, era seu próprio tio. E sempre quando Fabíola ia pousar na casa deles, ele cometia sempre o mesmo ato. Em uma dessas noites, ele foi mais agressivo, pois ela tentou lutar contra ele. Em meio essa luta, ele a segurou pelo pescoço e começou a esganá-la e, mesmo vendo que ela estava já com o corpo mole, ele continuou a enforcá-la. Até que ele percebeu que ela não estava mais respondendo, ele se levantou de cima dela e entrou em desespero, pois ele a havia matado. Daí ele inventou uma história para sua esposa falando que haviam entrado em sua casa e alguém matou a Fabíola. Os policiais começaram a investigar e viram que o que ele tinha falado não tinha sentido algum, pois havia algumas marcas nele. A polícia chamou ele para conversar e de tanto pressionarem, ele assumiu o crime e foi preso”. Título: “O grito de socorro”. (Participante L15).

c) Prancha 13HF – Mulher na cama

“Eu imagino um caso de agressão aqui, não sei se seria um abuso sexual porque ela nua, mas ele tá com roupa. Primeiro acho que não estão num relacionamento porque parece cama de solteiro e o quarto também parece de solteiro. Talvez ela seja uma amante ou seja um encontro casual, algo assim. Acho que ele tava no horário de serviço, por causa da roupa, e saiu em algum momento ou na hora do almoço e foi se encontrar com essa mulher. Acredito que tinham tido relação, porque ela tá nua, e que a briga foi depois da relação (*que foi consentida*) e daí ele tinha colocado a roupa e houve alguma briga. Tem um gatinho aqui também, olhando. Acho que ela não respondeu alguma coisa que ele perguntou ou cobrou e daí ele ficou bravo e agrediu ela e matou... Porque não acho que

ela ia dormir de peito para cima, e ele não estaria preocupado se não fosse isso. Ele é casado e esse relacionamento é fora do casamento, daí a briga foi por causa disso. E nesse momento ele tá arrependido, na verdade preocupado em esconder, porque não tá querendo ajudar. Daí ele acaba saindo e só deixando o corpo dela. Acho que ela deve ter sentido muito medo também, porque não esperava que ele fosse agredir ela ou algo assim”. Título: “Feminicídio”. (Participante H18).

Outro tema que se destacou como relevante a ser abordado enquanto resultado é o do feminismo, que se refletiu em aspectos relacionados às lutas e conquistas de direitos (principalmente direito ao estudo, trabalho e à participação na vida pública). Compreende-se que as projeções identificadas acerca deste tema podem refletir os efeitos das ondas do movimento feminista que aconteceram e permanecem acontecendo no Brasil e no mundo, ainda na busca pela plenitude de direitos e reconhecimento, bem como pela manutenção dos direitos até então conquistados (Garcia, 2015). Demonstra-se com as histórias a seguir exemplos de como o feminismo esteve presente nos resultados desta pesquisa:

a) Prancha 2 – A estudante no campo

“Era uma vez uma família camponesa que trabalhava majoritariamente na sua fazenda arrendada. Era uma família grande e todos os filhos e os pais ajudavam na lavoura e a cuidar dos animais. Uma das filhas comentou com a mãe que via o filho do dono da fazenda saindo da casa todas as manhãs e ela perguntou para onde ele estava indo. A mãe disse que o menino tava indo pra escola, mas isso não era uma coisa que ela tinha que se preocupar porque não era para ela. O tempo passou, os pais envelheceram e ela também se tornou mais velha, ela já tinha uns 24 anos e ainda era curiosa para saber o que era a escola que ela via outros meninos indo. Sempre foi uma menina curiosa, queria ler as palavras dos livros que encontrava na casa, mas era sempre surpreendida pelos irmãos e pais por querer ler enquanto deveria ficar trabalhando na fazenda. Aos 25, essa mulher foi chamada para trabalhar numa fábrica mais perto do centro da cidade e lá conheceu um grupo de mulheres que trabalhavam na fábrica e 3 dessas mulheres eram mais amigas entre si e convidaram ela para uma reunião que fariam certo dia. Essa mulher aceitou o convite e depois que acabou o expediente foram se encontrar na casa de uma delas. E essas mulheres apresentaram um movimento que faziam parte, que era um movimento para requerer mais direitos para os empregados de lá. Junto a isso essas garotas também faziam alguns estudos bíblicos, que até então eram reservados só para os homens de uma classe superior. Uma das garotas sabia ler porque vinha de uma família de maior poder aquisitivo, mas quando ela se interessou por atributos masculinos, o pai dela expulsou-a de casa e aí ela teve que procurar serviço na cidade. Essa mesma mulher que sabia ler ensinou as outras mulheres e assim elas podiam estudar. E essa de 25 anos, que saiu da fazenda conseguiu alcançar o sonho de ler, o que

via na casa de sua infância e conseguiu alcançar sua independência. (*Pesquisadora perguntou sobre os sentimentos*) Bem melhor do que antes”. Título: “A camponesa e os livros”. (Participante L4).

b) Prancha 6MF – Mulher surpreendida

“Uma época antiga, mas mais moderna. Imagino que não esteja de vestido, imagino que esteja com uma calça, pela parte de cima... Que essa seja uma daquelas mulheres mais rebeldes e que começou a lutar pelo espaço das mulheres, parece ser forte e parece estar olhando para o homem com uma cara de deboche, tipo ‘O que você tá fazendo?’. Eles trabalham juntos, tão no ambiente de trabalho, um momento de relaxamento depois do serviço, que geralmente seria só para o homem, mas como ela luta pelo espaço dela, tava ali também. Os homens ao redor dela, representados por esse homem aqui, se assustam ou debocham da presença dela ali, e ele tá tipo caçoando dela ou assediando, pensando que por estar ali rodeada de homens ela seria ‘mais fácil’, algo assim. Acho que a tentativa dele com ela seria assediar, constranger ela. Agora mudou a cara dela para mim, parece medo. Acho que ela se sentiu oprimida, com medo, um pouco de receio e nojo, inclinada para trás, mas na verdade não tá nem aí para ele. Ela respondeu e se impôs bastante, que ela também tem direito de estar ali, e sairia dando as costas, no sentido de que teriam que aguentar a situação. Daí depois que ela iria embora eles ficariam com medo, o que seria expresso com eles dizendo que ela é louca e que não sabe o que tá dizendo, eles ririam e colocariam ela no lugar de louca mesmo. Título: “A mudança”. (Participante H18).

c) Prancha 7MF – Menina e a boneca

“Mariana, de 7 anos, estava com a sua mãe na sala reclamando que ela não queria brincar de boneca. Que ela queria brincar lá fora com seus irmãos. A mãe explicou para ela que entendia, mas que era assim que as coisas funcionavam. Mas Mariana não se conformou. Ela reuniu as amigas da escola para reivindicar que elas pudessem brincar do que quisessem. Ela conquistou o direito de brincar no pátio, mas isso não significava que os meninos queriam brincar com elas. (*Pesquisadora perguntou sobre os sentimentos*) A princípio, ela tava muito revoltada, mas ela ficou feliz pela conquista e entendeu que aquilo seria muito mais difícil do que ela imaginava”. (Participante H5).

Ainda acerca do tema do feminismo, aponta-se que se fez presente nas histórias, também, a liberdade e autonomia da mulher sobre seu próprio corpo e sua própria sexualidade, o que abarcou o livre exercício de sua sexualidade, o alvedrio de sair à noite desacompanhada e a quebra do paradigma da obrigação social de as mulheres serem mães ou de desenvolverem uma maternidade compulsória. Diante de tais aspectos, retoma-se que Rich (2010) aborda a dominância que o patriarcado pressupõe, na forma da heterossexualidade compulsória, sobre o corpo, a sexualidade e o desejo da mulher, pontos sobre os quais as participantes desta pesquisa,

independentemente de suas orientações sexuais, defrontaram e fizeram valer, na projeção de suas histórias, o reconhecimento da mulher enquanto sujeito e detentora de direitos, inclusive sobre sua autodeterminação e direitos sexuais, conforme exemplificado abaixo:

a) Prancha 13HF – Mulher na cama

“Esse é um casal homoafetivo. (*participante comentou: tô tentando pensar o que se passou aqui*). Foi uma longa noite de amor, muito sexo. A moça que está na cama já está dormindo, bem largada porque foi uma noite muito boa. E a que está de pé já se vestiu e a deixa na cama. Ela vai voltar para casa, um pouco arrependida porque ela também tem uma mulher que a aguarda em casa. A que está na cama não sabia nada disso. As duas se conheceram nessa noite, numa festa, e se encantaram, teve muito desejo, foram para casa e foi apenas uma noite. A que está em pé se veste e volta para casa como se nada tivesse acontecido, e a que está na cama, dorme”. Título: “Apenas Uma Noite”. (Participante L7).

b) Prancha 6MF – Mulher surpreendida

“Uma moça resolveu sair de casa para se divertir, convidou algumas amigas, mas nenhuma foi junto com ela. Sem saber para onde ir sozinha, foi em um baile. Chegou lá, sentou-se, olhou para os lados e viu que não conhecia ninguém. Pediu uma bebida e ficou ali, só observando. Apesar de sozinha, estava se divertindo. Chegou um rapaz, tocou no ombro dela e chamou ela para dançar, ela se virou e disse que não sabia dançar e que, se ele quisesse, podia se sentar com ela à mesa. Ele ficou feliz com o convite dela, sentou-se e conversaram a noite toda. (*Pesquisadora perguntou sobre o sentimento*) Se diverti muito, ela fez uma nova amizade”. Título: “Amizade nova”. (Participante L16).

c) Prancha 7MF – Menina e a boneca

“Não sei se é a mãe, provavelmente uma empregada, uma babá dessa menina que entregou a ela uma boneca para ela brincar de boneca, quando na verdade ela tava olhando os meninos brincarem lá fora e o que ela queria mesmo era brincar com eles lá fora. De novo, aqui tá representado o papel da mulher, como é que tem que cuidar da casa, do marido, e dos filhos e acho que isso vem desde a infância mesmo, de ter que ser uma boa mãe e esposa. Ela tem um irmão e ele saiu para brincar com os outros, no começo [da história]. Ela, como qualquer criança, queria ir junto, mas a babá não deixou, falou que lá era brincadeiras de menino e fez ela ficar em casa. Acho que ela também não aceitou de primeira, fez birra e chorou, e até que o pai veio ver o que tava acontecendo, cobrando da babá. E brigou com a menina quando soube, deu a boneca e falou que ela não ia sair. O final é ela sendo obrigada, não pode se juntar os meninos e ficando com a boneca, sem fazer o que ela realmente queria tá fazendo. Acho também que a cuidadora não se incomodou com a situação e concorda com o pai de que ela não pode mesmo sair. (*Pesquisadora perguntou sobre o que estava sentindo*) Inconformada, sem entender por que ela teria que ficar em casa com a boneca. Brava e triste porque ela queria estar lá fora”. Título: “Brincadeira de garoto”. (Participante H18).

Outro tema que foi constatado dentre as histórias produzidas foi o da relação mãe-filha, tema igualmente presente nas elaborações de ambos os grupos, L e H. Foram identificados aspectos majoritariamente ambivalentes desta relação, vinculados ao sentimento de raiva da filha para com falhas ou faltas maternas, em concomitância ao cuidado e atenção da filha para com a mãe, quando esta é idosa ou encontra-se doente. Também foram identificadas projeções de gratidão, ternura e admiração da filha para com a mãe, tentativas da filha em corresponder às expectativas da mãe; e, ainda, cobranças, ciúmes, agressividade e arrependimento, em ambas as direções.

Os sentimentos diversos e intensos que derivam da relação mãe-filha não emergem na forma de projeção no TAT sem motivação. Ao contrário, (Freud, 1931) apresenta que provém de uma relação primária de identificação com a mãe, pré-edípica por definição, em que a menina teria com a mãe uma relação de muita intensidade e de rica construção afetiva. Tal relação envolve, dentre outros aspectos de constituição subjetiva, algo da busca (na mulher que compõe a mãe) pelo signo da feminilidade e do que significa ser mulher no mundo. As consequências do que a menina (não) encontra remanescem ao longo da vida adulta. Diante do vazio com que se depara a menina, futura mulher, quanto à marca do feminino, que lhe assegure uma posição feminina, um modelo uno de mulher, emerge um sentimento de raiva e angústia, que serão direcionados à própria mãe, na forma de uma rivalidade ou enfrentamento, e também à pessoa que se configurará como escolha objetal dessa mulher, independentemente do gênero (Freud, 1931; Pickmann, 2005).

a) Prancha 18MF – Mulher que estrangula

“Cassandra estava na sala... Não, na cozinha, lavando os pratos... Não, preparando o café da manhã, quando escuta um barulho vindo da escada. Quando vai correndo checar, percebe que sua mãe rolou pela escada. Cassandra pega seu corpo já quase sem vida. Neste momento vem à sua mente todo o sofrimento que aquela mulher lhe causou, então

sem muito pensar, Cassandra esgana sua mãe, tirando o pouco de vida que lhe restava. Cassandra não sabe por quê fez isso, pois nunca pensara nisso. Agora ela está confusa.”. (Participante H2).

b) Prancha 9MF – Duas mulheres na praia

“Duas mulheres muito parecidas, mãe e filha. A mãe observa a filha de uma forma irritada, parece estar espionando a menina, o comportamento dela. Enquanto a menina parece estar fazendo alguma coisa que também não está feliz, a mãe mais uma vez não fala nada, só espia, não conversa e não tenta entender e volta para casa como se nada tivesse acontecido. (*Pesquisadora perguntou sobre os sentimentos*) A filha parece que está indo para um lugar que ela não queria estar indo, tá indo por obrigação, insatisfeita, foi só para agradar a mãe, talvez”. Título: “É assim que tem que ser”. Ou então “Do meu jeito”. (Participante L13)

c) Prancha 18MF – Mulher que estrangula

“(a mãe dela... Não sei se tá amparando, segurando ou enforcando). A mãe dela já tá bem velhinha e ela cuida da mãe. As duas tiveram muitos problemas de relacionamento no decorrer da vida. Às vezes, ela fica com raiva da mãe, mas cuida porque é a única filha. E também, às vezes sente culpa e, por isso também, cuida. A mãe tava descendo as escadas e desmaiou e caiu das escadas. A filha foi para socorrer e levantou a mãe do chão. E em uma mistura de sentimentos, porque tá preocupada com a mãe sem saber o que aconteceu, se ela vai ficar bem ou não, também tá brava porque ela já tinha dito para mãe não descer a escada sozinha. Mas ela vai chamar uma ambulância para socorrer a mãe.”. (Participante H6).

Faz-se relevante apontar que o grupo L apresentou em maior frequência projeções mais voltadas a uma amabilidade e admiração quanto à figura materna, enquanto o grupo H produziu em maior frequência projeções mais relacionadas à hostilidade e ambivalência quanto à figura materna. Conjectura-se que tal configuração pode decorrer da questão inconsciente da escolha de objeto amoroso, uma vez que o grupo L poderia enfrentar maiores impasses no direcionamento de sentimentos hostis e agressivos à figura materna, visto que possuem como objeto de amor uma outra mulher cujos atributos lhes rememoram aqueles da mulher que foi seu primeiro objeto e fonte de amor, a mãe (Azevedo, 2013; Pickmann, 2005). Diferentemente, as participantes do grupo H, identificadas como heterossexuais e tendo, portanto, como objeto de amor um homem, permitir-se-iam com mais facilidade direcionar à mãe tais sentimentos, alimentando, também, maior rivalidade para com a figura materna (Freud, 1931). Seguem

abaixo alguns exemplos das produções de mulheres do grupo L nas quais o tema relação mãe-filha compareceu de forma mais amorosa:

a) Prancha 7MF – Menina e a boneca

“Numa casa cheia de luxo e fartura, uma menina criada por empregados sentia sua vida vazia, pois tudo que ela queria era a atenção, dedicação e amor de sua mãe, pois a imagem de sua mãe a remetia felicidade, e tudo que ela queria era se tornar uma mulher igual a sua mãe. Fim”. Título: “Inspiração”. (*Pesquisadora perguntou sobre os sentimentos*) Feliz por um lado, mas triste por não ter a atenção da mãe”. (Participante L18).

b) Prancha 18MF – Mulher que estrangula

“Durante anos, viviam numa casa só Rose e a Dona Geni, uma vivia para a outra, eram mãe e filha. A idade chegou mais depressa para Dona Geni, acarretada de problemas de saúde, ao descer a escadaria, desfaleceu aos braços da filha. E Rose, sem saber o que fazer, simplesmente segura a mãe nos braços, olha profundamente nos olhos e dá o último adeus, com a certeza de que um dia irão se encontrar novamente. (*Pesquisadora perguntou sobre os sentimentos*) Se sente muito triste, muito abalada, com medo e perda”. Título: “A morte”. (Participante L2).

De modo geral, foi possível abarcar os temas principais que permearam as histórias resultantes desta pesquisa, temáticas que demonstraram atravessar a vivência das mulheres, desvinculadas da orientação sexual. Apresentados os aspectos que se salientaram dos resultados apreendidos, deve-se também ressaltar algumas considerações acerca das categorias que foram utilizadas como parâmetro para a codificação dos dados das histórias coletadas, seguem, portanto, as exposições a esse respeito.

4.2 SOBRE AS CATEGORIAS DO SISTEMA MORVALIANO UTILIZADAS

As possibilidades de análise do material obtido por meio do TAT são muito abrangentes, considerando todas as variáveis propostas por Scaduto (2016) e provenientes da adaptação do sistema morvaliano, entretanto, apenas algumas foram selecionadas para esta pesquisa. Da

experiência de utilizá-las, apresenta-se, também como resultado, algumas observações que podem ser feitas. Diante da variedade de histórias que puderam ser coletadas, transcritas e analisadas, todas produzidas por mulheres, foi possível perceber que mais uma categoria de análise dentro da Lista de Necessidades do Herói (Anexo A) poderia ser incluída.

A categoria que se propõe crescer é relativa a uma postura de perplexidade ou hesitação que algumas heroínas expressaram em suas histórias, nesta pesquisa, principalmente frente a situações de machismo ou preconceito. Tais situações faziam com que as personagens tomassem um posicionamento subjetivo que envolvia incômodo, desconforto e reflexão crítica acerca da situação (o que a levava a não se encaixar totalmente às definições das categorias Passividade, Humilhação ou Conformismo), mas não necessariamente as levava a tomar uma atitude que pudesse configurar-se como pertencentes às categorias de Mudança, Oposição ou Autonomia. Segue uma história que exemplifica a postura da heroína que levou a análise a um impasse na categorização:

a) Prancha 5 – A senhora na porta

“Fátima é casada e tem dois filhos, uma menina de 17 anos e um menino de 15. Seu esposo trabalha viajando e acaba deixando para ela a responsabilidade de educar os filhos. **A educação dos filhos é algo que é motivo de muitas brigas do casal, pois Fátima sabe que isso não pode ser só responsabilidade dela.** Contudo, seu esposo acredita que sua obrigação é apenas prover financeiramente a família. Fátima se preocupava muito, pois os filhos estavam na adolescência e estavam cada vez mais distantes dela e do esposo e cada vez mais próximos dos amigos, que nem sempre davam bons conselhos. **Na maioria das vezes sua atitude era de brigar com os filhos e negar-lhes os pedidos de sair, pois se algo acontecesse com eles, o marido colocaria a culpa nela.** Certa vez, os filhos pediram para ir a uma festa e ela rapidamente negou. Mais tarde, ao procurá-los em seus quartos para dar-lhes boa noite, percebeu que eles não estavam lá e que provavelmente tinham saído sem a sua autorização. Esperou o que eles voltassem para dar-lhes uma bronca e logo que eles chegaram, começou a brigar. Contudo, sua filha, após a bronca, pediu que conversasse e explicou que eles entendiam as suas preocupações de mãe, mas eles também tinham a necessidade de sair com os amigos, pois isso fazia parte da juventude, que eles eram pessoas responsáveis e bem educadas graças a sua dedicação durante todos esses anos, que era necessário que ela lhes desse um voto de confiança, pois senão, ficariam sempre brigando. Aos poucos a raiva de Fátima e o nervosismo foi passando e ela começou a entender e perceber que os filhos tinham razão e que somente prendê-los em casa não a pouparia de

preocupações e começou a ceder aos poucos, sempre combinando horários de volta, sendo sinceros uns com os outros e sempre obedecendo as regras estabelecidas”. (Participante H3). (grifo da pesquisadora)

Neste mesmo sentido, é válido retomar a definição apresentada por Scaduto (2016) para a necessidade Passividade, tratando-se de um desfrute de calma, relaxamento, descanso, sono, repouso, cansaço após pouco esforço, contemplação passiva, reflexão ou submissão aos outros por apatia e indiferença. Considerando que a feminilidade, desde Aristóteles (Ferreira, 2014), tem como uma de suas características a passividade (enquanto aceitação incontestada de imposições, regras, posturas e situações), apresenta-se que a categorização encontrou obstáculos também quanto à Passividade, pois, em geral, nas histórias coletadas nesta pesquisa, a “submissão aos outros” das heroínas não se deu “por apatia e indiferença”, mas frequentemente por imposição, medo ou necessidade.

Em acréscimo, ainda acerca das categorias e escalas padronizadas por Scaduto (2016) e utilizadas nesta pesquisa, aponta-se que houve dificuldades na categorização referente ao desfecho da história (Escala de Sucesso e Autonomia do Herói; Anexo D). Nas histórias em que heroínas e heróis possuíam comportamentos antissociais ou socialmente questionáveis (como homicídio, suicídio, estupro, roubo e afins), foi necessário um olhar mais minucioso e aprofundado das demais necessidades da heroína e herói a fim de categorizar com menor imprecisão o desfecho dessas histórias, quando obtinham êxito em seus objetivos antissociais. A título de exemplo, segue uma história em que se deu essa dificuldade:

a) Prancha 14 – Homem na janela

“Pedro era um rapaz muito alegre, mas como passar dos dias, sua mãe percebeu que havia algo muito estranho com ele. Ela percebeu que todas as vezes que ele chegava do colégio, chegava triste e não conversava com ninguém, ia sempre direto para o seu quarto. Todas as noites, Pedro se pendurava na janela de seu prédio, onde morava com sua mãe e o único pensamento que sempre vinha em sua cabeça era de se jogar, pois ele estava cansado de tudo que acontecia com ele. Se sentia um nada, que o mundo não tinha mais cores, pois ele sofria *bullying* no colégio. Em um dia, Pedro chegou em sua

casa e sua mãe chamou ele para conversar para tentar ajudá-lo, mas Pedro não se abria com ela e ela sempre ficava preocupada, pois não sabia como ajudar seu filho. Em uma noite, Pedro se pendurou novamente na janela dizendo que não aguentava mais, então ele se jogou e acabou com essa angústia e tristeza que estava sentindo, mas deixando sua mãe muito triste por não ter confiado nela e não ter pedido ajuda. Mas, mesmo assim, ficou em paz porque sabia que seu filho não estava mais sofrendo. Título: “Uma vida sem cores”. (Participante L15).

Diante das reflexões realizadas com os dados mencionados até aqui e a partir das categorias de análise extraídas de Scaduto (2016), retoma-se que aquelas nas quais houve diferenciação significativa ($p < 0,050$) ou quase significativas ($p < 0,100$) entre grupos foram: Casal, Divertimento, Idealização do Herói, Autonomia Antissocial, Excitação, Dupla, Nutrição Exercida e Conformismo. Também foram abordadas as temáticas que se salientaram dentre os resultados, são elas: homossexualidade, machismo, feminismo e relação mãe-filha. Frente às reflexões que foram elaboradas, é notável que a feminilidade despontou em vários aspectos dessas categorias, contudo, optou-se por concentrar as discussões a seu respeito em um tópico especificamente a ela destinado, uma vez que constitui-se como um dos pilares desta pesquisa e a fim de colaborar com a melhor organização e compreensão deste trabalho e das discussões.

4.3 A(S) FEMINILIDADE(S)

Tendo discorrido sobre os resultados em suas diversas facetas, cabe abordar os recônditos destas que possam desvelar acerca da feminilidade das mulheres participantes da pesquisa. Ressalva-se que nesta seção, diferentemente das anteriores, não foram inseridas histórias para exemplificar os pontos discutidos e a opção por tal decorreu da intenção de não restringir a feminilidade. No interesse de tê-la exemplificada, todas as histórias até então apresentadas podem servir a tal finalidade, uma vez que estão todas permeadas pela projeção das mulheres que se voluntariaram para esta pesquisa.

Há que se reconhecer que, embora as disparidades entre os grupos tenham sido debatidas, muito maiores são os pontos de convergência entre os grupos quando se trata dos aspectos analisados e codificados (das 60 categorias de análise, apenas 2 demonstraram diferenciação significativa entre os grupos). Não apenas em relação à codificação, mas também no tocante às temáticas abarcadas pelas histórias, é possível verificar que as mulheres, fossem do grupo L ou H, abordaram questões afluentes, semelhantes e sem que temas divergentes entre grupos emergissem.

Frente a tais similitudes entre mulheres lésbicas e mulheres heterossexuais, é possível refletir que a orientação sexual e as experiências afetivo-sexuais que elas mantêm (com mulheres ou homens) não configuram um parâmetro que permita supor a existência de uma “feminilidade típica” diferente para mulheres lésbicas e heterossexuais, mas que suas feminilidades decorrem de experiências individuais e particulares. Nesse sentido, os resultados corroboram a afirmativa de Pickmann (2005), quando diz que a questão da feminilidade não depende de orientação sexual, de escolha objetal. A partir deste pressuposto, então, aventa-se que adequado seria dizer das feminilidades, em sua pluralidade subjetiva, do que dizer da feminilidade, no singular.

A partir destas constatações, cogita-se que nos enredos projetados por elas e nas temáticas identificadas estejam denunciadas as suas vivências enquanto mulheres e enquanto feminilidade materializada na sociedade atual. Estas vivências estão aqui definidas como denúncias porque, dos resultados apreendidos, pode-se constatar que elas perpassam, necessariamente, por temas como o machismo, a misoginia, o preconceito, a heterossexualidade compulsória e a heteronormatividade, independentemente de se identificarem como lésbicas ou heterossexuais.

No contexto brasileiro, em uma realidade em que uma denúncia de violência doméstica é efetivada a cada 2 minutos, 180 mulheres são estupradas por dia, e nesse mesmo intervalo de

tempo, 3 são assassinadas por feminicídio (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019), é de extrema relevância que sejam apontadas as vivências das mulheres (na forma de suas projeções) acerca destes aspectos. Na compreensão de que a feminilidade não se faz palpável como a materialidade dos corpos (Soler, 2005), cogita-se que, pelo menos na realidade brasileira contemporânea, essas violências supracitadas exerçam uma marca na feminilidade que compõe a subjetividade de cada mulher. Circunscvem-nas em certa medida e, com a ampla divulgação dos casos nas mídias, fazem com que todas sejam levadas a ter em comum esse traço de viés negativo, uma vez que seriam os discursos misóginos aqueles que legitimam e perpetuam a cultura do estupro, a violência contra a mulher, assim como são eles que mantêm o ideal de feminilidade como fragilidade a ser dominada (Bastos, 2016). Ressalva-se que, com a hipótese acima, não se está denotando que seja característica da feminilidade a aceitação ou a submissão às violências machistas, mas sim que estas se fazem realidades impostas às vivências femininas.

Reflete-se, ainda, que, se das feminilidades um plural se faz possível, cabe interpelar, portanto, os pontos de divergência que foram anteriormente debatidos. As discussões acerca das diferenças entre os grupos transportam consigo o questionamento da procedência de tais diferenças, conduzindo à possibilidade de que tais dissonâncias se devam ao processo histórico, social e cultural pelo qual passaram as mulheres heterossexuais e as mulheres lésbicas, não enquanto sujeitos individuais, mas categorias sociais.

Uma das diferenças entre os grupos, que apresentou diferença significativa entre médias, foi o fato de as mulheres lésbicas construírem mais histórias com protagonistas que mantinham relacionamento conjugal. Enfatizando que tais enredos possuíram, conforme apresentado anteriormente, desfechos positivos, pode-se afirmar que este resultado corrobora com os de Bertran (2017), uma vez que a autora constatou que a conjugalidade homossexual é marcada por afetividade, apoio, consolidação da relação, resolução conjunta e bem-sucedida de

conflitos, entre outros aspectos que denotam a permanência no relacionamento desvinculada de expectativas ou pressões familiares ou sociais.

Outra possível análise que pode ser realizada frente ao dado de que as participantes do grupo L protagonizaram mais casais em suas histórias, é que a formação de laço conjugal pode ser um mecanismo compensatório a fim de lidar com a visão negativa e acusatória da sociedade heteronormativa. Abordando o conceito de heterossexualidade compulsória apontado por Rich (2010), tem-se que às mulheres é imposta a necessidade e a importância do casamento (heterossexual); partindo desta regra, pode-se refletir que uma mulher lésbica, que já se encontra como dissidente à norma heterossexual, buscaria aceitação e respeito ao encaixar-se, ao menos, na norma da manutenção de uma relação monogâmica. Consequentemente, seria também uma forma de evitar ou minimizar o preconceito a que está sujeita. Nesse sentido, conjectura-se que podem ser partes integrantes da feminilidade de mulheres lésbicas tanto uma visão positiva quanto à relação conjugal quanto influência da conjugalidade como forma de lidar com a lesbofobia. Compreende-se, entretanto, que esta faceta se configura como apenas uma dentre as diversas que compõem determinadas feminilidades.

Semelhante análise pode ser considerada quanto ao fato de que o grupo L também obteve médias mais elevadas na categoria Idealização do Herói, conforme foi apresentado no início do capítulo Resultados e Discussão. Retoma-se que Esteca (2016) identificou como mecanismo subjetivo compensatório a carreira bem-sucedida de uma de suas entrevistadas, que afirmou temer maiores discriminações de seus familiares (para além de sua lesbianidade) e, por isso, dedicou-se com mais afinco aos estudos e ao trabalho. Esta autora, portanto, também corrobora a hipótese supramencionada acerca da conjugalidade para as feminilidades lésbicas.

Faz-se pertinente abordar que uma média maior também foi percebida pelas mulheres do grupo L na categoria de Autonomia Antissocial. Conjectura-se que tal divergência entre os grupos L e H pode estar relacionada a um posicionamento de luta e resistência quanto ao

processo histórico que a comunidade lésbica percorreu (e permanece percorrendo) em busca de igualdade, validação e aceitação. Neste quesito, avocam-se os conceitos de existência lésbica, de Rich (2010), e a visão da lesbianidade enquanto categoria política de Wittig (1992) para embasar que os processos reivindicatórios e de luta das mulheres lésbicas atravessam suas experiências e, para além das conquistas sociais e políticas, as compõem subjetivamente. Isto posto, cabe pensar que a feminilidade das mulheres lésbicas também possa conter em si a marca da afronta às normas sociais heteronormativas.

A partir de uma perspectiva mais subjetiva frente aos resultados, elucubra-se que a feminilidade de cada mulher poderia ser tão particular e diferenciada das demais possíveis, justamente devido às idiossincrasias que compõem cada pessoa e, mais ainda, cada mulher. Esta reflexão ampara-se na visão da psicanálise lacaniana quando esta indica que o sujeito haveria de sustentar um posicionamento feminino ou masculino frente às castrações simbólicas que atravessam cada sujeito, independentemente do sexo biológico (Quinet, 2012). Porém, se a feminilidade de fato for de tamanha intangibilidade, como propõe Soler (2005), afirmando que se trata de uma falta fálica e que nem a relação materna seria capaz de proporcionar um entendimento dessa feminilidade, uma vez que a mãe seria igualmente desprovida de qualquer significante que legitimasse tal essência feminina (Teixeira, 1991), então cogita-se que não apenas não haveria uma única feminilidade que sirva como modelo às mulheres, como seria impossível haver duas feminilidades iguais.

A supracitada relação mãe-filha configura-se como uma questão essencial à constituição da feminilidade e, apesar de ter sido debatida anteriormente, cabe ressaltar de modo mais específico que (Freud, 1931) considerava essa relação materna como intrínseca ao desenvolvimento da feminilidade na menina. Da mesma forma, Winnicott (1966/2005) apresentou que um bebê, independentemente de seu sexo, tomaria para si os sinais iniciais a respeito de uma essência feminina a partir de seu vínculo materno, tendo a mãe (ou sua figura

análoga) como espelho para sua própria feminilidade (Safra, 2009). Nessa direção, os aspectos sobre a relação mãe-filha que estiveram presentes nas histórias, anteriormente debatidos, podem representar a construção que as participantes, de ambos os grupos, retêm acerca de suas próprias feminilidades a partir dessa relação.

Um dos aspectos que permeia a feminilidade refere-se à dicotomia atividade/passividade, originalmente apresentada por Aristóteles (Ferreira, 2014) e ainda que superada teoricamente até pela própria psicanálise (Freud, 1933), permanece como fantasma na história da feminilidade. Neste aspecto, tomando os resultados da pesquisa, é possível afirmar que houve situações nas histórias (dos dois grupos) nas quais a heroína teve um posicionamento considerado passivo (fosse nas ações, na forma de pensar ou de solucionar os problemas), entretanto, mesmo assim, elas colocam-se a refletir e criticar as situações vivenciadas, sendo que, na imensa maioria das histórias, a heroína é agente ativa na busca por seus objetivos e por atender suas necessidades. Nessa direção, pode-se notar que as participantes projetaram em suas histórias posicionamentos que contrariam concepções de feminilidade que possuem a passividade como característica preponderante.

Como exemplos, pode-se citar histórias nas quais a heroína busca e consegue estudar ou trabalhar, mesmo à contragosto dos pais ou marido; reflete sobre seu casamento ou relacionamento e decide separar-se ao constatar sua infelicidade; estuda para ensinar a mãe ler e depois ensinar outras mulheres; age para evitar uma situação de traição ou de homicídio; enfrenta preconceitos para preservar sua integridade moral e dignidade, entre diversas outras histórias. Nesse sentido, a feminilidade representada nas heroínas das participantes desta pesquisa efetivamente não apresenta a passividade como um atributo predominante. Embasando esta consideração, pode-se avocar que Freud (1933) reconhecia haver na composição da feminilidade, também, o elemento da atividade.

Para além das representações ativas ou passivas das heroínas, também é de se considerar que as características e atributos das personagens das histórias não se restringiu ao que tradicionalmente é vinculado à feminilidade, que seriam a complacência, mansidão, carinho, cuidado, vaidade, delicadeza. Caracterizaram as heroínas: coragem, perseverança, resiliência, orgulho, raiva, união, agressividade, perspicácia, agilidade, tomada de decisão, entre tantas outras características que ultrapassam o modelo prevalente de feminilidade.

De modo geral, é possível refletir que as feminilidades aqui (parcialmente) dispostas demonstraram estar constituídas de maneira independente do rígido sistema sexo-gênero-desejo. Neste caminho, tal arranjo se entrelaça com o pensamento butleriano de que os sujeitos se configuram pela fluidez identitária no que diz respeito a sexo, gênero e desejo, além de considerar que a performatividade de uma feminilidade se constrói performativamente, a partir de um *continuum* de atuações individuais e cotidianas, dispensando um parâmetro único e generalizado que oriente as subjetividades (Butler, 1993). Faz-se relevante considerar, portanto, que a feminilidade de mulheres, sejam elas lésbicas ou heterossexuais, expressam uma constituição repleta de semelhanças e diferenças (estas mais sutis que as similitudes) entre elas, o que evidencia a diversidade de feminilidades. Diante das discussões realizadas, delinea-se o percurso deste trabalho ao seu capítulo de encerramento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente à oportunidade de acesso ao rico material que compuseram as projeções das mulheres participantes desta pesquisa, pode-se afirmar que os objetivos pretendidos foram alcançados. Na medida em que as categorias de codificação e análise embasadas no sistema morvaliano e padronizadas por Scaduto (2016) foram utilizadas, pôde-se verificar quais necessidades psicológicas das heroínas das histórias emergiram com mais frequência e intensidade, bem como identificar similitudes e dissonâncias entre as representações das participantes quanto às nuances de suas feminilidades.

Retoma-se que, das 60 categorias de análise, apenas 2 demonstraram diferenciação significativa ($p < 0,050$) entre os grupos e 6 aproximaram-se deste parâmetro ($p < 0,100$), o que significa que em 52 categorias (86,6%) não foi constatada diferença significativa entre os grupos de mulheres lésbicas e heterossexuais. A partir desse dado, considera-se que não é possível identificar a existência de uma feminilidade “típica” para mulheres lésbicas que seja diferente de uma feminilidade das mulheres heterossexuais. Ressalta-se, ainda, que os grupos não são homogêneos, uma vez que em ambos os grupos há mulheres que produziram mais histórias com enredos e desfechos positivos e também mulheres que produziram mais histórias com enredos e desfechos negativos.

Tal perspectiva permite concluir que, além de não ter sido identificado um padrão (seja de desempenho, de necessidades projetadas ou de demais características) que possa ser considerado característico de cada grupo, foi possível apreender que as configurações de cada feminilidade dependem das experiências individuais a ela referentes. Neste quesito, ressalta-se a potencialidade do instrumento TAT em evocar questões subjetivas e idiossincráticas que se materializam em suas histórias como conteúdos para análise e discussão. A amplitude de possibilidades que tal reflexão proporciona descortina uma infinidade de questionamentos, tão vastos quanto a própria feminilidade em sua diversidade.

A questão principal que toma forma diante dos resultados e discussões desta pesquisa dirige-se às próprias mulheres, sobre o que seria, para elas mesmas, essa feminilidade tão plural e como elas a compreendem, descrevem e experienciam. Estes questionamentos são de grande relevância, uma vez que é uma forma de colocar as mulheres como agentes de si mesmas, devolvendo a elas um lugar que a história, as ciências e as artes roubaram-lhe por muitos anos (Rocha, 2009).

A ciência, tradicionalmente composta por homens, em sua maioria, desde os seus primórdios ignorou, menosprezou, patologizou ou minimizou as questões referentes às mulheres e ao feminino (Ferreira, 2014). Também se viram no direito de ditar o que compunha e como deveria ser uma mulher, em todos os seus aspectos. Diante da posição de reconhecimento das entidades científicas, médicas, políticas e policiais, os corpos femininos foram ensinados a aceitar e desejar atender aos moldes impostos de uma feminilidade elaborada pelos homens (Wittig, 1992).

Ocorre que, se anteriormente as mulheres buscavam se encaixar naquilo que os homens e a sociedade diziam ser a feminilidade, agora elas é que estão a dizer do que se trata a feminilidade que carregam, pois são elas mesmas a própria experiência de feminilidade. Neste aspecto, toma-se a feminilidade enquanto vinculada ao feminino e ao ser mulher. Ressalta-se que a presente pesquisa se propôs a analisar a feminilidade que atravessa uma das diversas fronteiras normativas, a da heterossexualidade. Ainda que as mulheres lésbicas tenham se apresentado dentro da feminilidade diversa identificada nesta pesquisa, cabe questionar como dar-se-iam as feminilidades lésbicas, se considerado, por exemplo, o escopo de Wittig (1992), quando esta afirma que as mulheres lésbicas não são mulheres à medida que o “ser mulher” apenas faz sentido em uma cultura, história e sistema econômico submetidas à heterossexualidade como norma absoluta.

Em se tratando deste sistema social que é regido pela heteronormatividade, cabe apontarmos que a lesbofobia, homofobia, transfobia, machismo e misoginia representados densamente nas projeções das histórias coletadas espelham as experiências e vivências das participantes. Tais violências, narradas em suas mais variadas formas, alertam para o *zeitgeist* contemporâneo e para o olhar condenatório e repressivo que paira sobre as diversidades e àquilo que remete ao feminino. A brutalidade se faz audível quando se divulgam dados nacionais de que uma pessoa LGBTI é assassinada a cada 24 horas, que o Brasil é líder no ranking mundial de assassinato de pessoas transexuais e travestis (Grupo Gay da Bahia, 2017), que neste país 3 mulheres são vítimas de feminicídio por dia e que, também por dia, 180 mulheres são estupradas no Brasil (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019). Observa-se que, diante das histórias cujo enredo aborda tais violências, foi possível perceber que a misoginia e a LGBTfobia ladeiam-se sob o vigilante olhar do machismo. Reside nesta especificidade um profícuo e denso meio a ser explorado em pesquisas vindouras.

Nesse sentido, e compreendendo que esta pesquisa restringiu-se a investigar a autopercepção da feminilidade em mulheres cisgêneras (que se identificam com o sexo atribuído ao nascer, em contraste ao termo transgênero) lésbicas e heterossexuais, cabe ressaltar que permanece extenso o campo de pesquisa com que se depara a avaliação psicológica, uma vez que podem ser pesquisadas, ainda, as feminilidades expressadas pelas mulheres bissexuais, pansexuais, transexuais, travestis e outras que venham a identificar-se similarmente. Acompanhando as pesquisas sobre gênero e sexualidades, pesquisas nas mais variadas áreas vêm sendo empreendidas no sentido de reavaliar e desconstruir os tradicionais modos de ser mulher e de se existir como mulher. Diante de tais mudanças epistemológicas, são produzidos questionamentos acerca da real existência de uma feminilidade, tal como vinha sendo ditada, ou se a feminilidade permanece existindo e deve ser reeditada ou se ela se encontra mesclada à masculinidade e outros aspectos constituintes de uma essência subjetiva.

Cabe ressaltar que esta pesquisa conta com limitações, que se referem principalmente ao fato de que as aplicações do TAT em todas as participantes, bem como a categorização e análise das histórias posteriormente realizadas foram feitas somente pela autora desta pesquisa, não tendo havido a participação de juízes na ocasião da análise dos dados. De forma semelhante, pode configurar-se como limitação a escolha das participantes por conveniência, uma vez que o meio social, político e econômico das participantes possa estar caracterizado por alguma homogeneidade. Diante de tais aspectos, recomenda-se o empreendimento em pesquisas futuras nas quais tais limitações possam estar dirimidas.

Os questionamentos que podem ser elaborados a partir desta pesquisa abrangem-se não apenas à avaliação psicológica, mas também às demais vertentes teóricas da Psicologia, convocando também as demais áreas a refletirem sobre as feminilidades, no plural. A pretensão desta pesquisa nunca pendeu à oferta de qualquer definição, sendo que uma de suas justificativas se constituiu em amplificar as vozes das mulheres e, principalmente, das lésbicas. Assim, segue o recorte de uma história da participante L11, resignificada pela autora da pesquisa:

a) Prancha 16 – Em branco

“Aparece um ponto e esse ponto olha para os lados tentando entender onde está e descobre que se andar para o lado ele vira uma linha. Ele resolve andar mais e virar, e ele rompe a linha, e vira uma parte dele. Ele descobre que com várias linhas consegue desenhar seu próprio cenário e seu próprio mundo (...). Não tem gênero, é só um pontinho”. (Participante L11).

Se a ciência feita pelos homens delimitou as mulheres em uma feminilidade restrita a um “pontinho”, que seja sabido pertencer a elas o direito à construção de um cenário que lhes seja próprio e autoral. Em termos conclusivos e diante dos resultados e discussões empreendidas nesta pesquisa, é urgente enfatizar acerca da violência machista, misógina, homofóbica e heteronormativa que permeiam as vivências femininas, direta e indiretamente, demonstradas

por esta pesquisa. Faz-se necessário, na conjuntura atual de perda sistemática de direitos (civis e humanos), convocar os diversos campos de atuação e pesquisa em Psicologia para que não deixem às sombras o compromisso social, que faz parte do papel de psicóloga(o) na pólis. Em prol de uma Psicologia que seja verdadeiramente defensora da democracia, dos direitos humanos, das ciências e das diversidades, espera-se que não seja demasiado ambicioso desejar que esta pesquisa contribua com tal convocatória.

Referências

- Anzieu, D. (1981). *Os métodos projetivos* (3^o ed). Rio de Janeiro: Campus.
- Arima, A. C., & Freitas, J. de L. (2017). O Luto Velado—A Experiência de Viúvas Lésbicas em uma Perspectiva Fenomenológico-Existencial. *Temas em Psicologia*, 25(4), 1467–1482. <https://doi.org/10.9788/TP2017.4-01Pt>
- Azevedo, A. V. (2013). De amores e flores: O caso da jovem homossexual de Freud. In A. Quinet & M. A. C. Jorge (Orgs.), *As Homossexualidades na Psicanálise—Na história de sua despatologização* (p. 299–314). São Paulo: Segmento Farma.
- Barcinski, M. (2012). Expressões da homossexualidade feminina no encarceramento: O significado de se “transformar em homem” na prisão. *Psico-USF*, 17(3), 437–446.
- Barros, M. C., Natividade, J. C., & Hutz, C. S. (2013). Construção e Validação de Uma Medida de Papéis de Gênero. *Avaliação Psicológica*, 12(3), 317–324.
- Bastos, R. A. S. M. (2016). Ressonâncias medievais no feminino contemporâneo: Os modelos de feminilidades do medievo e sua relação com a violência contra as mulheres. *Mandrágora*, 22(2), 67–89.
- Berttran, D. E. (2017). *A Constituição do Vínculo e o Legado Familiar Heteronormativo em casais Homossexuais Longevos, Femininos e Masculinos* (Tese de Doutorado em Psicologia Clínica). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Betim, F. (2017, setembro 20). “Cura gay”: O que de fato disse o juiz que causou uma onda de indignação. *El País*. Recuperado de https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/19/politica/1505853454_712122.html
- Bonfim, F. (2014). Todo fálico e não-todo: Construções lacanianas sobre a sexuação. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 14(1), 201–213.
- Boris, G. D. J. B., Melo, A. K., Rosa, J. M., & Santos, M. A. dos. (2016). A Construção dos Papéis Parentais em Casais Homoafetivos Adotantes. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 210–223. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001132014>
- Brasil (2004). *Programa Brasil Sem Homofobia—Programa Brasileiro de Combate à Violência e à Discriminação contra Gays, Lésbicas, Transgêneros e Bissexuais e de Promoção da Cidadania Homossexual*. Brasília.
- Butler, J. (1993). *Bodies that matter: On the discursive limits of sex*. New York: Routledge.
- _____ (1998). Fundamentos contingentes: O feminismo e a questão do pós-modernismo (P. M. Soares, Trad.). *Cadernos Pagu*, (11), 11–42.
- _____ (2003). *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Campos, L. S., & Guerra, V. M. (2016). O ajustamento familiar: Associações entre o apoio social familiar e o bem-estar de homossexuais. *Psicologia Revista*, 25(1), 33–57.
- Campos, R. C. (2013). Além dos números há uma pessoa: Sobre a utilização clínica de testes. *Avaliação Psicológica*, 12(3), 291–298.
- Caprio, F. S. (1968). *Homossexualidade Feminina—Estudo Psicodinâmico do Lesbianismo* (3ª ed). São Paulo: IBRASA.
- Ceccarelli, P. R., & Franco, S. (2010). *Homossexualidade: Verdades e Mitos*. (5), 119–129.
- Chabert, C. (2004). A situação projetiva. In *Psicanálise e métodos projetivos* (p. 37–54). São Paulo: Vetor.
- Coelho, B. A. (2013). A feminilidade como uma posição de sujeito: Uma abordagem lacaniana. *Psicologia USP*, 24(1), 99–117.
- Coletta, R. D. (2019, junho 13). STF conclui julgamento e enquadra homofobia na lei dos crimes de racismo. *Folha de São Paulo*. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/06/stf-conclui-julgamento-e-enquadra-homofobia-na-lei-dos-crimes-de-racismo.shtml>
- Collette, A. (1978). Símbolos e simbolismo. In *Introdução à psicologia dinâmica: Das teorias psicanalíticas à psicologia moderna* (p. 243–264). São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Conger, J. J. (1975). Proceedings of the American Psychological Association, Incorporated for the year 1974: Minutes of the annual meeting of the Council of Representatives. *American Psychologist*, 30, 620–651. <https://doi.org/10.1037/h0078455>
- Conselho Federal de Psicologia. (1999). *Resolução 001/1999. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual*. Brasília: CFP.
- _____ (2003). *Resolução 007/2003—Manual de Elaboração de Documentos Escritos produzidos pelo Psicólogo*. Brasília.
- Costa, A. B., & Nardi, H. C. (2013). *Diversidade Sexual e Avaliação Psicológica: Os Direitos Humanos em Questão*. 33(Especial), 124–137.
- D’Angelo, H., & Parra, N. (2017, junho 21). Mulheres relatam casos de assédio e violência durante Parada LGBT. *Revista Cult*. Recuperado de <https://revistacult.uol.com.br/home/casos-de-assedio-e-violencia-parada-lgbt/>
- Drescher, J. (2013). A história da homossexualidade e a Psicanálise organizada. In A. Quinet & M. A. C. Jorge (Orgs.), *As Homossexualidades na Psicanálise* (p. 47–58). Segmento Farma.
- Eribon, D. (2008). *Reflexões sobre a questão gay* (P. Abreu, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

- Esteca, F. M. (2016). *Impactos da Heteronormatividade sobre a Conjugalidade Lésbica: Uma análise psicanalítica a partir do relato de mulheres separadas* (Tese de Doutorado em Psicologia Clínica). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Ferreira, M. L. R. (2014). A mulher como “o outro”—A filosofia e a identidade feminina. *Filosofia. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 24(1), 139–153. <http://dx.doi.org/10.21747/528>
- Fonsêca, A. L. B. da, & Mariano, M. do S. S. (2008). Desvendando o Mecanismo da Projeção. *Psicologia em Foco*, 1(1), 1–8.
- Fontes, J. B. (1992). *Variações sobre a Lírica de Safo*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2019). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública—2019* (Anuário N° 13; p. 218). Brasil.
- Freud, S. (1996). Cinco lições de psicanálise (1909). In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Vol. XI. Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910)*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (2010). O Mal-Estar na Civilização (1930). In P. C. de Souza (Trad.), *O Mal-Estar na Civilização, Conferências Introdutórias à Psicanálise e Outros Textos (1930-1936)* (p. 13–123; Por S. Freud). São Paulo: Companhia das Letras.
- _____ (2011a). Sobre a psicogênese de um caso de homossexualidade feminina (1920). In P. C. Souza (Trad.), *Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros textos (1920-1923)* (p. 114–149). São Paulo: Companhia das Letras.
- _____ (2011b). “Psicanálise” e “Teoria da Libido” (1923). In P. C. de Souza (Trad.), *Psicologia das Massas e Análise do Eu e Outros Textos (1920-1923)* (p. 273–308; Por S. Freud). São Paulo: Companhia das Letras.
- _____ (2016). Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade (1905). In P. C. Souza (Trad.), *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade, Análise Fragmentária de uma Histeria (“Caso Dora”) e Outros Textos (1901-1905)* (p. 13–172). São Paulo: Companhia das Letras.
- _____ (2018a). Carta a uma mãe preocupada com a homossexualidade de seu filho (1935). In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, Sexualidade, Feminilidade* (1° ed, p. 349–352). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- _____ (2018b). Organização Genital Infantil (1923). In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, Sexualidade, Feminilidade* (1° ed, p. 237–245). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- _____ (2018c). O Declínio do Complexo de Édipo (1924). In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, Sexualidade, Feminilidade* (1° ed, p. 247–257). Belo Horizonte: Autêntica Editora.

- _____ (2018d). Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos (1925). In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, Sexualidade, Feminilidade* (1º ed, p. 259–276). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- _____ (2018e). Sobre a Sexualidade Feminina (1931). In G. Iannini & P. H. Tavares (Orgs.), & M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, Sexualidade, Feminilidade* (p. 285–312). Belo Horizonte: Autêntica.
- _____ (2018f). A Feminilidade (1933). In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, Sexualidade, Feminilidade* (1º ed, p. 313–345). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- _____ (2018g). Sobre um Tipo Particular de Escolha de Objeto nos Homens (1910). In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, Sexualidade, Feminilidade* (1º ed, p. 121–135). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Garcia, C. C. (2015). *Breve História do Feminismo* (3º ed). São Paulo: Claridade.
- Gato, J., Fontaine, A. M., & Leme, V. B. R. (2014). Validação e Adaptação Transcultural da Escala Multidimensional de Atitudes Face a Lésbicas e a Gays. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(2), 257–271. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201427206>
- Góis, J. B. H. (2003). Desencontros: As relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, 11(1), 289–297.
- Grupo Gay da Bahia. (2017). *Relatório 2017. Pessoas LGBT Mortas no Brasil* (p. 27) [Anual]. Recuperado de Grupo Gay da Bahia website: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2017.pdf>
- Guimarães, A. F. P. (2013). “Uma Lésbica é uma Mulher?”: *Vozes e Silêncios* (Dissertação de Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo, Universidade Federal da Bahia). Recuperado de <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/14306/1/Anderson.pdf>
- Hazboun, A. M., & Alchieri, J. C. (2013). Justificativas e Concepções de Psicólogos que não Utilizam Avaliação Psicológica. *Avaliação Psicológica*, 12(3), 361–368.
- Hite, S. (1976). *O Relatório Hite—Um profundo estudo sobre a sexualidade feminina*. DIFEL - Difusão Editorial.
- Kinsey, A., Pomeroy, W. B., & Martin, C. E. (1973). Sexual behavior in the human male. *American Journal of Psychiatry*, 130, 1207–1216.
- Kinsey, A., Pomeroy, W. B., Martin, C. E., & Gebhard, P. H. (1998). *Sexual behavior in the human female*. Indiana: Indiana University Press.
- Lacan, J. (1999). Os Três Tempos do Édipo. In V. Ribeiro (Trad.), *O Seminário. Livro 5: As formações do inconsciente* (p. 185–203). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Lacombe, A. (2007). De entendidas e sapatonas: Sozializações lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro. *cadernos pagu*, 28, 207–225.

- Lessa, P. (2007). O feminismo-lesbiano em Monique Wittig. *Revista Ártemis*, 7, 93–100.
- Lionço, T., & Diniz, D. (2008). Homofobia, Silêncio e Naturalização: Por uma narrativa da diversidade sexual. *Psicologia Política*, 8(16), 307–324.
- Lipovetsky, G. (2000). *A terceira mulher*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Martínez, V. C. V., & Souza, I. S. F. (2014). O mito das Amazonas em cena: Uma discussão psicanalítica sobre a feminilidade e o gênero. *Caderno de Psicanálise*, 36(30), 171–197.
- Massara, I. H. M. (2013). Feminilidade: Um detalhe. *Fractal Revista de Psicologia*, 25(3), 497–514.
- Matos, M. (2010). Movimento e teoria feminista: É possível reconstruir a teoria feminista a partir do sul global? *Revista de Sociologia e Política*, 18(36), 67–92.
- Maurano, D. (2013). Nos meandros do continente negro: Questões sobre a homossexualidade feminina. In A. Quinet & M. A. C. Jorge (Orgs.), *As Homossexualidades na Psicanálise—Na história de sua despatologização* (p. 315–324). São Paulo: Segmento Farma.
- Mauss, M. (1974). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU/EDUSP.
- Meinerz, N. E. (2011). *Mulheres e Masculinidades—Etnografia sobre afinidades de gênero no contexto de parcerias homoeróticas entre mulheres de grupos populares em Porto Alegre* (Tese de Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Miguel, F. K. (2014). Mitos e verdades no ensino de técnicas projetivas. *Psico-USF*, 19(1), 97–106.
- Minayo, M. C. de S. (2005). Laços perigosos entre machismo e violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1), 18–34.
- Morais, B. de L. (2017). Corpos profanos: Rascunhos sobre a heterossexualidade compulsória e um feminismo lésbico. *Revista Textos Graduatedos*, 3(1), 81–92.
- Mott, L. (1987). *O Lesbianismo no Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Mott, L., & Michels, E. (2017). *Pessoas LGBT mortas no Brasil* (p. 27). Recuperado de Grupo Gay da Bahia website: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/12/relatorio-2081.pdf>
- Murray, H. A. (2005). *Teste de Apercepção Temática* (3º ed). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Naves, E. T. (2012). Feminilidade: De um outro a um Outro. *Tempo Psicanalítico*, 44(2), 389–443.
- Oliveira, L. F. (2017). Quem tem medo de sapatão? Resistência lésbica à Ditadura Civil-Militar (1964-1985). *Periódicus*, 1(7), 06–19.

- Oliveira, N. S., & Kuss, A. S. S. (2015). O amor na feminilidade. *Cadernos da Escola de Saúde*, 2(14), 63–70.
- Organização das Nações Unidas. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. (1948).
- Paoliello, G. (2013). *A Despatologização da Homossexualidade* (A. Quinet & M. A. C. Jorge, Orgs.). São Paulo: Segmento Farma.
- Paula, F. O. Q. (2013). Sexualidade feminina e feminilidade: Mais além do Édipo. *Revista aSEPHallus*, VIII(16), 113–133.
- Peres, M. C. C., Soares, S. F., & Dias, M. C. (2018). *Dossiê sobre lesbocídio no Brasil: De 2014 até 2017*. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados.
- Pickmann, C.-N. (2005). Feminilidade e homossexualidade feminina: A retomada do amor. In *A Clínica Lacaniana: Vol. 4. As Homossexualidades* (p. 69–93). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Pompermaier, P. H. (2017, agosto 8). Principal poeta lírica da Antiguidade, Safo tem obra relançada. *Revista Cult*. Recuperado de <https://revistacult.uol.com.br/home/principal-poeta-lirica-da-antiguidade-safo-tem-obra-relancada/>
- Portinari, D. (1989). *O discurso da homossexualidade feminina*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Primi, R. (2010). Avaliação Psicológica no Brasil: Fundamentos, Situação Atual e Direções para o Futuro. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, (especial), 25–35.
- Putti, A. (2019, abril 24). Terapia da “cura gay” é proibida pelo STF. *Carta Capital*. Recuperado de <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/terapia-da-cura-gay-e-proibida-pelo-stf/>
- Quinet, A. (2012). *Os Outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Ribeiro, D. (2014). Linguagem, gênero e filosofia: Qual o mundo criado para as mulheres? Uma abordagem wittgensteiniana. *Sapere Aude*, 5(9), 453–463.
- Rich, A. (2010). Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Revista Bagoas*, 5, 18–44.
- Rieder, I., & Voigt, D. (2008). *Desejos Secretos—A história de Sidonie C., a paciente homossexual de Freud*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Riggle, E. D. B., Whitman, J. S., Olson, A., Rostosky, S. S., & Strong, S. (2008). The positive aspects of being a lesbian or gay man. *Professional Psychology: Research and Practice*, 39(2), 210–217. <http://dx.doi.org/10.1037/0735-7028.39.2.210>
- Rocha, P. S. (2009). *Mulheres sob Todas as Luzes—A emancipação feminina e os últimos dias do patriarcado*. Belo Horizonte: Editora Leitura.

- Rocha-Pinto, E. (2014). Conceitos fundamentais dos métodos projetivos. *Ágora*, XVII(1), 135–153.
- Rovinski, S. L. R. (2008). O Rorschach e as Técnicas projetivas no contexto forense. In Anna Elisa Villemor-Amaral & B. S. G. Welang, *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Safra, G. (2009). Os registros do masculino e feminino na constituição do self. *Jornal de Psicanálise*, 42(76), 77–89.
- Santiago, M. de O. (2016). *Sexualidade Feminina e Mais Além: Um estudo com homossexuais femininas que masculinizam seu corpo* (Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia). Universidade Estadual da Paraíba, Campo Grande.
- Santos, A. R. M., Silva, E. A. P. C., Moura, P. V., Dabbico, P., Silva, P. P. C., & Freitas, C. M. S. M. (2013). A busca pela beleza corporal na feminilidade e na masculinidade. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 21(2), 135–142.
- Scaduto, A. A. (2016). *O Teste de Apercepção Temática (TAT) em adultos: Dados normativos para o sistema morvaliano* (Tese de Doutorado em Ciências). Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Scaduto, A. A., & Barbieri, V. (2013). Em defesa do TAT: uma revisão crítica das pesquisas sobre o teste no Brasil. *Avaliação Psicológica*, 12(3), 299–305.
- Schrimer, A. (2010). “Saindo dos armários?” – *A análise das políticas de identidade na formação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo: um contraponto pela psicanálise* (Dissertação de Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Sena, T. (2007). *Os relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite: As sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas* (Tese de Doutorado em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Silva, D. Q. da, & Folberg, M. N. (2008). De Freud a Lacan: As ideias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina. *Estudos de Psicanálise*, 31, 50–58.
- Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Sousa, L. N. (2008). *A Pederastia em Atenas no Período Clássico: Relendo as obras de Platão e Aristófanos*. (Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Goiás). Recuperado de http://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/2348/1/Dissertacao_Luana_Sousa.pdf
- Teixeira, M. do R. (1991). A Feminilidade na Psicanálise. In *Coleção Discuso Psicanalítico: Vol. 1. A Feminilidade na Psicanálise e outrso ensaios* (p. 11–54). Salvador: Ágalma.
- Toledo, L. G. (2008). *Estigmas e Estereótipos sobre as Lesbianidades e suas Influências nas Narrativas de Histórias de Vida de Lésbicas Residentes em uma Cidade do Interior Paulista* (Dissertação de Mestrado em Psicologia). Universidade Estadual Paulista - UNESP, Assis.

- Telles, L. F. (1978). *As Meninas*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- Vandenbos, G. R. (2010). *Dicionário de Psicologia American Psychological Association*. Porto Alegre: Artmed.
- Vieira, L. L. F. (2009). *As Múltiplas Faces da Homossexualidade na Obra Freudiana*. 9(2), 487–525.
- Villac, L. (2014). A mulher e o enigma. Caminhos e descaminhos da feminilidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 17(4), 925–935.
- Villemor-Amaral, Anna Elisa. (2008). A Validade Teórica em Avaliação Psicológica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 28(1), 98–109.
- Villemor-Amaral, Anna Ellisa de, & Pasqualini-Casado, L. (2006). A cientificidade das técnicas projetivas em debate. *Psico-USF*, 11(2), 185–193.
- Winnicott, D. W. (2005). Sobre os elementos femininos e masculinos ex-cindidos (1966). In *Explorações psicanalíticas* (p. 133–143). Porto Alegre: Artmed.
- Wittig, M. (1992). *The Straight Mind and Other Essays* (2^o ed). Boston: Beacon Press.
- Zafiropoulos, M. (2009). A teoria freudiana da feminilidade: De Freud a Lacan (E. R. dos M. Guia & P. R. Ceccarelli, Trans.). *Reverso*, 31(58), 15–24.

APÊNDICES

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO DE INFORMAÇÕES BÁSICAS

DATA: ____/____/____

1. Idade: _____
2. Data de Nascimento: ____/____/____
3. Profissão: _____
4. Status de Relacionamento: _____
5. Orientação Sexual: () Heterossexual () Homossexual
6. Escolaridade:
 - i. () Ensino Fundamental I incompleto
 - ii. () Ensino Fundamental I completo
 - iii. () Ensino Fundamental II incompleto
 - iv. () Ensino Fundamental II completo
 - v. () Ensino Médio incompleto
 - vi. () Ensino Médio completo
 - vii. () Ensino Técnico incompleto
 - viii. () Ensino Técnico completo
 - ix. () Ensino Superior incompleto
 - x. () Ensino Superior completo
 - xi. () Especialização
 - xii. () Mestrado
 - xiii. () Doutorado
7. Idade da/o cônjuge: _____
8. Tempo total de relacionamento (se houve rompimentos, desde a última reconciliação): _____
9. Religião: _____
 - i. Praticante? () Sim () Não

APÊNDICE B

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido “Lesbianidade e Feminilidade: um estudo comparativo por meio do Teste de Apercepção Temática (TAT)”

Prezada Participante:

Gostaríamos de convidá-la para participar da pesquisa **“Lesbianidade e Feminilidade: um estudo comparativo por meio do Teste de Apercepção Temática (TAT)”**, a ser realizada na **Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina (UEL)**. Esta pesquisa está sendo desenvolvida por **Clara Maki Inaba, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UEL**, sob orientação do **Profº Dr. Fabiano Koich Miguel** e com a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (UEL) – **Parecer nº 3.092.965**. O objetivo da pesquisa é **investigar de que forma(s) se dá a autopercepção da feminilidade em mulheres que se identificam como lésbicas, em comparação a mulheres que se identificam como heterossexuais**. A sua participação é muito importante e ela se dará da seguinte forma: **você responderá a um teste psicológico composto por 13 imagens. A atividade é contar histórias completas e detalhadas acerca das imagens apresentadas, descrevendo também os sentimentos e pensamentos das personagens envolvidas. Todo o processo leva cerca de 45 a 70 minutos, podendo ser dividido em mais de um encontro, se for necessário.**

Esclarecemos que a participação é totalmente voluntária, podendo a participante: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa (e futuras pesquisas) e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. **Os resultados obtidos através da pesquisa serão armazenados em banco de dados sem identificação da pessoa, e esse banco de dados será acessado apenas pela pesquisadora responsável e seu orientador de mestrado.**

Esclarecemos, ainda, que a participante não pagará e nem será remunerada por sua participação. No entanto, caso solicitado, as despesas relativas a transporte, decorrentes de sua participação, serão ressarcidas, considerando o valor vigente do transporte coletivo.

Os benefícios esperados são **fornecer maior amparo teórico à prática psicológica e contribuir para a visibilidade lésbica e sua representatividade nas ciências**. Quanto aos riscos, **é previsto um possível cansaço durante a aplicação do teste, podendo ser dividida em mais de um encontro, se preferir.**

Caso tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar (**Psicóloga Clara Maki Inaba – CRP 08/20968, Departamento de Psicologia e Psicanálise – Centro de Ciências Biológicas – Universidade Estadual de Londrina, Campus Universitário – Caixa Postal 6001, CEP 86051-990, Londrina-PR, fone (43) 98483-8041 ou (43) 99955-9688, e-mail: claramaki@gmail.com**), ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue à responsável.

Psicóloga Clara Maki Inaba – CRP 08/20968 – Pesquisadora Responsável – RG: 36.136.467-2

_____ (Nome por
Extenso da Participante), tendo sido devidamente esclarecida sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura da participante (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: _____

*Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentado conforme normas das Resoluções 466, de 12 de dezembro de 2012 e 510, de 07 de Abril de 2016.

ANEXOS

ANEXO A

Lista de necessidades do Herói, apresentada originalmente em Scaduto (2016)

Necessidades do herói em relação a objetos e situações

- *Realização*: Trabalhar com energia e perseverança para alguma coisa importante; tentar realizar algo; ambição expressa em atos.
- *Aquisição*:
 - Aquisição social: Trabalhar por dinheiro, bens e/ou, propriedades; tentar conseguir algo valioso; negociar; pagar.
 - Aquisição antissocial: Roubar; enganar; obter dinheiro, bens ou objetos valiosos por meios ilícitos.
- *Mudança*: Ser incansável, sempre em movimento; anseio de contemplar novas paisagens; viajar para novos lugares; procurar aventuras; anseio por novas situações de vida, por discordar do contexto onde se vive.
- *Aventura*: Sonhar com aventuras, viagens e paisagens estranhas ou distantes; viajar; realizar uma exploração; buscar tesouros.
- *Curiosidade*: Ser curioso, observar, investigar; formular perguntas inquisitivas; procurar algo; explorar, atuar como detetive; ‘voyeurismo’.
- *Oposição*:
 - Oposição Social: Discordar de uma situação ou imposição através da argumentação e expressão de pensamentos e/ou sentimentos nessa direção; ser assertivo e se colocar contra situações indesejadas ou prejudiciais.
 - Oposição Antissocial: Discordar de uma situação ou imposição de forma agressiva ou burlando regras, de forma a impor o próprio ponto de vista ou anseio frente a situações indesejadas ou prejudiciais ao herói, mesmo que isso seja socialmente condenado.
- *Excitação*: Procurar por excitação emocional, tendendo a se mostrar audacioso ou mesmo impulsivo, como em viagens, aventuras com mulheres e/ou jogo; procura pelo perigo como forma de estimulação pessoal.
- *Autocontrole*: conter-se perante estresse ou excitação intensos; lidar com os pensamentos e sentimentos incômodos através da introspecção.
- *Nutrição*:
 - Nutrição procurada: Sentir fome ou sede; precisar de auxílio para se alimentar.
 - Nutrição exercida: Buscar ou preparar alimentos como trabalho ou cuidado a outrem.

- *Passividade*: Desfrutar de calma, relaxamento, descanso, sono; repousar; sentir-se apático, cansado depois de realizar pouco ou nenhum esforço; gostar da contemplação passiva, da reflexão; submeter-se aos outros por apatia e indiferença.
- *Divertimento*: Jogar, dedicar tempo à diversão; sair de casa para realizar atividades prazerosas; participar de festas, fazer piadas, rir.
- *Retenção*: Agarrar-se a um objeto, recusar-se a emprestá-lo, guardá-lo para evitar o seu roubo, escondê-lo das pessoas, colecionar ou conservar objetos, ser frugal e avaro.
- *Sensualidade* (no sentido de busca por sensações):
 - Epicurismo: Procurar e com prazer-se no conforto, na luxúria, nas sensações prazerosas, nos alimentos e bebidas; entregar-se à bebida e às drogas.
 - Estética: Ser sensível aos aspectos sensoriais da natureza; apreciar a arte, a música, a literatura; compor; redigir; criar; escrever.
- *Conhecimento*: Lutar para obter conhecimento e sabedoria; estudar com motivação na escola; obter educação; ler para aprender algo; viajar e procurar experiência com o objetivo de conhecer.
- *Autoconhecimento*: Esforçar-se por entender os próprios pensamentos e sentimentos, seja através da introspecção ou pedindo a opinião de outrem sobre si mesmo.
- *Isolamento*: Distanciar-se de outrem; buscar tempo ou situações em que se possa estar só; evitar o contato com outrem.

Necessidades do herói com relação a outrem

- *Afiliação*:
 - Afiliação Associativa: Estabelecer e manter relações amistosas e cotidianas (sem contato emocional profundo) com pessoas em geral.
 - Afiliação Focal: Buscar ou gozar da companhia de um amigo; ser leal, trabalhar e jogar juntos.
 - Afiliação Difusa: Gostar de toda classe de gente; ser gregário e sociável; trabalhar e jogar com um grupo.
 - Afiliação Conjugal: Buscar ou gozar de relacionamento amoroso com parceiro(a); conviver com parceiro(a) por laços afetivos ou matrimoniais.
 - Afiliação Fraternal: Buscar ou gozar de relacionamento de amizade e confiança profundo, seja por vínculo familiar ou interpessoal.
 - Afiliação Familiar: Buscar ou gozar de relacionamento com membros da família, seja a de origem ou a extensa.

- Afiliação Reclamada: Sofrer de saudades de outrem; estar carente por estar isolado ou afastado de pessoas a quem se quer bem.

• *Rejeição*: Afastar alguém de si, por discordância, desprezo, ofensa ou como evitação do contato interpessoal; anseio de ordem agressiva por evitar o contato com pessoas, ocupações e ideias estranhas aos próprios interesses.

• *Agressão*:

- Agressão verbal e/ou emocional: Odiar (podendo se expressar ou não em palavras), enfurecer-se, travar uma discussão verbal, criticar, menosprezar, reprovar, culpar, ridicularizar, rejeitar.

- Agressão física social: Lutar ou matar em defesa própria ou de alguém; punir uma ofensa que não foi provocada; lutar em defesa do seu país; perseguir, capturar ou encarcerar um culpado ou inimigo.

- Agressão física antissocial: Atacar, ferir ou matar alguém sem justa causa; iniciar uma briga ou ser agressivo sem motivos válidos; sadismo; vingar um insulto com uma brutalidade excessiva.

- Destruição: Atacar ou matar um animal; quebrar, esmagar, queimar ou destruir um objeto material.

• *Reconhecimento*: Procurar aplausos, elogios, prestígio, fama; gostar da aprovação e/ou ser estimulado pela apreciação de outrem; chamar a atenção; vangloriar-se; falar ou dramatizar em público, como forma de obter o apreço e atenção de outrem.

• *Dominância*:

- Dominância coercitiva: Tentar forçar alguém a fazer alguma coisa; dar ordens; usar argumentos de força; liderar de forma autoritária.

- Dominância proibitiva: Tentar impedir alguém de fazer algo, encarcerar; impedir a outrem de fazer algo que se discorda, tendendo a se mostrar firme ou mesmo agressivo.

- Dominância sedutora: Tentar influenciar alguém por persuasão, encorajamento, manobras hábeis ou sedução.

• *Comunicação*: Informar, fornecer notícias, explicar, instruir, ensinar.

• *Proteção*:

- Proteção exercida: Ajudar os outros, ser prestativo, proteger ou perdoar alguém; consolar e oferecer apoio a outrem.

- Proteção reclamada: Procurar por ajuda ou consolo; buscar ou esperar encorajamento, perdão, apoio, proteção; sentir-se isolado, solitário ou impotente em um momento crítico.

Necessidades do herói em reação às ações de outrem

- *Humilhação*: Criticar-se, recriminar-se, depreciar-se por um erro ou um fracasso; sofrer de sentimentos de inferioridade, remorso ou arrependimento.

- *Autonomia*:

- *Liberdade*: Escapar e evitar áreas de restrição e coerção; escapar de algum lugar de confinamento; fugir da prisão; abandonar a escola, o trabalho; desertar do exército por causa de restrições, obrigações e deveres; abandonar alguém para fugir das obrigações de relacionamento; determinação de permanecer independente; evitar qualquer tipo de alianças ou proibições que limitem.

- *Resiliência**: Resistir à coerção ou a eventos estressantes ou desagradáveis; suportar as adversidades ou decepções vividas.

- *Autonomia antissocial*: Realizar algo não permitido, fortemente criticável ou castigável; comportar-se mal; ser desordenado; opor-se às normas morais ou sociais; mentir; enganar; jogar, beber, prostituir-se; cometer delitos diferentes do roubo.

- *Evitar a culpa*: Temer a recriminação, a culpa, o castigo; confessar-se; desculpar-se; arrepender-se para evitar uma culpa maior; transformar-se e converter-se num homem honesto.

- *Conformismo*: Aceitar condições ou situações para os quais não se tem controle ou possibilidade de contornar; submeter-se a outrem de forma passiva.

- *Respeito*:

- *Respeito exercido (deferência)*: Estar preocupado em agradar; cooperar, obedecer; aprovar os desejos, sugestões e solicitações de uma pessoa; aceitar voluntariamente a liderança de um sujeito admirado; expressar admiração e respeito na ação; reconhecer o mérito ou o talento de outrem; elogiar ou homenagear a outrem.

- *Respeito reclamado*: Lutar para manter ou reencontrar o respeito de outrem para si; o orgulho ferido ou ameaçado estimula o herói a redobrar seus esforços frente ao fracasso e a insistir em seus objetivos; superar a debilidade, a fraqueza, a inferioridade, a aflição ou timidez frente à execução de algo difícil, temido ou aversivo.

*Categoria originalmente denominada como Resistência, mas alterada sob orientação do autor da normatização do sistema morvaliano como codificação do TAT no contexto brasileiro (Scaduto, 2016).

ANEXO B

Categorias referentes ao tipo de herói e seus atributos no sistema morvaliano revisado,
originalmente apresentado em Scaduto (2016).

Categoria	Definição operacional
Tipo de Herói	<p>Características básicas do tipo de herói (sexo, um ou mais heróis), podendo ser composto por até três dos itens abaixo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Projeção Direta: Herói como a própria pessoa avaliada (que narra uma história pessoal, ou em que a mesma é o personagem principal); - Herói(s) com nome(s) próprio(s); - Herói do mesmo sexo que a pessoa avaliada; - Herói de sexo diferente do que a pessoa avaliada; - Herói sem sexo definido (a pessoa avaliada descreve o herói apenas como uma pessoa); - Herói criança; - Herói não humano (animal, por exemplo); - Dupla de heróis (amigos, irmãos, por exemplo); - Casal de heróis (descreve personagens com relacionamento conjugal); - Grupo de heróis (muitas pessoas são os personagens principais ao mesmo tempo, tendendo a ser descritas de forma indiferenciada).
Escala de Complexidade dos atributos do Herói	<p>Grau de presença de características atribuídas ao herói, pontuado de acordo com a seguinte escala:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 0 (Sem descrição): A pessoa examinada não descreve quaisquer atributos do herói; - 1 (Superficial): A pessoa examinada descreve apenas uma característica do herói, ou apenas um tipo de pensamento ou sentimento; - 2 (Pouco articulada): A pessoa examinada descreve poucas características do herói, incluindo apenas um tipo de pensamento ou sentimento; - 3 (Dinâmica): A pessoa examinada descreve diversas características, pensamentos e sentimentos do herói, tendendo a enfatizar mudanças de tais atributos ao longo da história (por exemplo, descreve diferentes reações do herói aos eventos da mesma).
Escala de Idealização dos atributos do Herói	<p>Tipo predominante de atributos do herói, pontuado de acordo com a seguinte escala:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 0: A pessoa avaliada não descreve quaisquer atributos do herói; - 1: A pessoa avaliada descreve apenas atributos negativos do herói, tais como características depreciativas, ou pensamentos e sentimentos desagradáveis ou descompensados; - 2: A pessoa avaliada descreve atributos predominantemente negativos do herói; - 3: A pessoa avaliada descreve atributos predominantemente positivos do herói, tais como características socialmente desejáveis, ou pensamentos e sentimentos agradáveis ou compensados; - 4: A pessoa avaliada descreve apenas atributos positivos do herói.

ANEXO C

Categoria referente ao Conjunto ou Meio no sistema morvaliano revisado, originalmente apresentado em Scaduto (2016).

Categoria	Definição Operacional
Tipo de Pressão	<p>Classificação do tipo e intensidade da influência do meio sobre o herói. Para o tipo de pressão, considera-se a escala descrita abaixo com valores <i>positivos</i> (no caso de a influência do meio ser <i>favorável</i> ao herói, ou seja, lhe ser benéfica, prazerosa ou de apoio) ou <i>negativos</i> (no caso de a influência do meio ser <i>desfavorável</i> ao herói, ou seja, lhe ser prejudicial, frustradora ou limitadora). Para a intensidade da pressão, considerar os valores (independente se positivos ou negativos) da escala abaixo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - 0: O meio não exerce qualquer tipo de pressão sobre o herói. Comumente, esse nível se aplica quando o meio é inexistente (vide categorias do Tipo de Meio); - 1: Mera presença de pressão do meio sobre o herói, sem que, contudo, a mesma seja relevante (por exemplo, a presença de um personagem secundário a quem o herói se refere); - 2: Presença de pressão ativa do meio sobre o herói, ainda que pouco intensa (por exemplo, o herói está em um local frio, mas está agasalhado); - 3: O meio exerce influência ativa sobre o herói, com consequências importantes para a trama da história (por exemplo, um personagem secundário interfere ativamente nas ações do herói); - 4: O meio exerce pressão intensa sobre o herói; nesse nível, a pressão é maior que as ações do herói para história como um todo (por exemplo, o herói é preso, ou curado de uma doença grave); - 5: A pressão sobre o herói se sobrepõe a quaisquer ações possíveis do herói, tais como situações de morte de um personagem secundário, ou a interferência de personagens épicos ou sobrenaturais. Deve-se ressaltar que esse nível não necessariamente se aplica a histórias que incluam personagens fantásticos (por exemplo, dragão, monstro), já que, no contexto geral da narrativa, a pressão que tais personagens exercem sobre o herói pode ser pouco intensa, apesar de tais personagens serem fantasiosos.

ANEXO D

Categoria referente ao Desfecho da História no sistema morvaliano revisado, originalmente apresentado em Scaduto (2016).

Categoria	Definição operacional
Sucesso e Autonomia do Herói	<p>Classificação do desfecho da história, aqui compreendido como o grau de satisfação da necessidade do herói (categorias <i>Sucesso-Fracasso</i> e <i>Total-Parcial</i>), bem como o nível com que as ações desse último determinam tal satisfação (categoria <i>Voluntário-Involuntário</i>), de acordo com a seguinte pontuação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - (-4) (Fracasso Total Involuntário): A necessidade do herói não é satisfeita (Fracasso Total), com a predominância de ações do conjunto ou meio para tanto (Involuntário); - (-3) (Fracasso Parcial Involuntário): Apesar de a necessidade do herói ser parcialmente satisfeita, o desfecho enfatiza a não satisfação da mesma (Fracasso Parcial), com a predominância de ações do conjunto ou meio para tanto (Involuntário); - (-2) (Fracasso Total Voluntário): A necessidade do herói não é satisfeita (Fracasso Total), apesar das ações deste para tanto (Voluntário) - (-1) (Fracasso Parcial Voluntário): Apesar de a necessidade do herói ser parcialmente satisfeita, o desfecho enfatiza a não satisfação da mesma (Fracasso Parcial), com a predominância das ações do herói para tanto (Voluntário); - 0 (Desfecho em suspenso): Não fica claro se a necessidade do herói é satisfeita, seja por ausência de descrições nessa direção, por hesitação da pessoa avaliada em fazer tal descrição, ou por uma descrição vaga do desfecho (por exemplo, “agora, ele [herói] terá que se esforçar para conseguir o que quer”); - (1) (Sucesso Parcial Involuntário): A necessidade do herói é parcialmente satisfeita, com o desfecho enfatizando tal satisfação (Sucesso Parcial) e a predominância de ações do conjunto ou meio para tanto (Involuntário); - (2) (Sucesso Total Involuntário): A necessidade do herói é completamente satisfeita (Sucesso Total), com a predominância de ações do conjunto ou meio para tanto (Involuntário); - (3) (Sucesso Parcial Voluntário): A necessidade do herói é parcialmente satisfeita, com o desfecho enfatizando tal satisfação (Sucesso Parcial) e a predominância de ações do herói para tanto (Voluntário); - (4) (Sucesso Total Voluntário): A necessidade do herói é completamente satisfeita (Sucesso Total), com a predominância de ações do herói para tanto (Voluntário).